

Sérgio Luís Pinto Coelho

*Prescrições de uma “Ciência Positiva da Moral” para a Solução
de um Dilema Ético: Elementos para Leitura de **Da Divisão do
Trabalho Social***

Belo Horizonte
Faculdade de Filosofia e ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais
2007

Sérgio Luís Pinto Coelho

*Prescrições de uma “Ciência Positiva da Moral” para a Solução
de um Dilema Ético: Elementos para Leitura de **Da Divisão do
Trabalho Social***

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Renarde Nobre Freire

Belo Horizonte
Faculdade de Filosofia e ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais
2007

AGRADECIMENTOS

Por uma questão pessoal, o momento reservado aos agradecimentos é tão necessário quanto difícil, pois com eles reconhecemos nossas limitações, enquanto lembramos daqueles que nos acompanharam durante a superação de algumas dificuldades que se colocaram durante o percurso do mestrado, de barreiras que a cada momento temos que enfrentar pelo simples fato de estarmos vivos ou de limites próprios que a todo momento indicam quem realmente somos, queiramos ou não.

Por mais estranho que seja, este trabalho representa o fim de mais uma etapa de maturação e inaugura um momento de reflexão sobre as atitudes a serem tomadas daqui por diante. Reconheço que, por isso, esta dissertação é um retrato da minha própria vida. Embora as estrelinhas não falem, elas escondem o eco de uma série de ansiedades, amarguras e aflições que me acompanharam nesses anos de mestrado, onde meu principal desafio, embora inconsciente, fora superar-me a cada instante.

Primeiramente, reconheço a eterna dívida com meus pais e com minha irmã, companheiros de primeiras horas. Em relação a eles, este trabalho é mais uma das conseqüências de tudo que vivemos juntos.

A dívida com a Érika Ribeiro Conde também é grande. Sua companhia nos últimos anos tem aliviado bastante o ardor da caminhada. Quantas vezes recorri a ela em momentos de fraqueza! Além disso, minha seleção para o mestrado foi uma vitória nossa!

Lúcio Alves de Barros e Luiz Ademir de Oliveira receberam-me em sua casa nas duas vezes que tentei o mestrado na UFMG e com eles venho dividido a moradia e a vida nestes últimos anos. Eles são meu espelho, neles me reconheço e com eles aprendo mesmo sem deixar isso claro. Foram gratificantes estes últimos anos.

O Marne Moreira também foi grande responsável pela minha vitória no mestrado seu apoio em vários aspectos contribuiu para a consecução da tarefa empreendida.

Alguns amigos foram se somando com o tempo e fizeram a vida mais gostosa e interessante, como o Thiago Bittencourt. Nossas discussões sobre filosofia, metafísica e ontologia sempre foram gratificantes. Além disso, os percalços profissionais e acadêmicos solidificaram nossa amizade.

Precisei de ajuda especializada durante a caminhada que me trouxe até aqui. Algumas pessoas ajudaram-me a manter o equilíbrio: Carlos Pianta, Cláudio di Lácio, Elaine Dias, Hilbene Rodrigues Galizzi, Miriam Marcondes, Berenice, Betânia.

Embora a caminhada pela auto-superação ainda esteja no começo, pude conhecer pessoas interessantes e de boa vontade que vieram a se tornar grandes companheiros. Sinto não nomear a todos. Tomei essa decisão muito mais por falta de memória do que por falta de espaço. Registro apenas, como forma de agradecimento, o exemplo recebido do Messias Francisco Lôbo Júnior, seu exemplo serve de norte às pessoas a que me refiro neste momento.

Minha maior dívida continua sendo em relação Àquele que está “em secreto”, que me orienta para um caminho que venho custosamente tentando trilhar. Eu teria sido poupado de muitos esforços caso compreendesse melhor Seus desígnios.

Em relação ao curso de mestrado propriamente dito e aos percalços acadêmicos, agradeço ao Professor Renarde por me aceitar como orientando e por me conduzir neste trabalho. Acredito que sua atuação fora “na medida certa” e “de precisão cirúrgica”, permitindo-me a autonomia necessária ao processo que enfrentei para a construção do trabalho que se apresenta. Em relação ao mesmo processo, deixo registrado meu reconhecimento e meu agradecimento à Professora Neuma Aguiar a quem procurei num momento muito delicado e cheio de incertezas. Cumpre registrar o quanto ela foi

compreensiva comigo. Também agradeço ao professores do mestrado pelo conhecimento adquirido

Agradeço ao Mestrado de Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais por permitir meu ingresso. O aprendizado conquistado será referencial e diferencial a partir de agora. Ainda agradeço à CAPES pela bolsa concedida para o custeio de meus estudos durante o mestrado. Um último agradecimento à Biblioteca da Fafich pelas obras ao qual tive acesso para a realização deste trabalho.

RESUMO

Da Divisão do Trabalho Social inaugura a sociologia durkheimiana. O entendimento do livro pressupõe o conhecimento das origens e dos fins da disciplina, segundo a intenção original do próprio Durkheim. Desta forma, o presente estudo é uma investigação da concepção científica que daria origem ao livro supracitado. A partir da investigação do contexto francês histórico vivenciado por Durkheim e das influências recebidas pelo autor das tradições científicas francesa e alemã, serão ressaltados sentidos diferentes e complementares para a tese durkheimiana sem os quais a compreensão da mesma ficaria comprometida. Dessa forma, demonstraremos que *Da Divisão do Trabalho Social* é uma tentativa de Durkheim para solucionar um dilema moral relativo à participação dos indivíduos na esfera econômica da sociedade através dos grupos profissionais, como ele mesmo registrou na introdução do livro.

Palavras-Chave: Durkheim; divisão do trabalho; sociologia de Durkheim, *Da Divisão do Trabalho Social*; solidariedade orgânica; positivismo; ética positiva.

ABSTRACT

The Division of Labour in Society inaugurates Durkheim's Sociology. Understanding his book implies knowing the origins and goals of the subject, as Durkheim himself meant it. This study is aimed at investigating the scientific principles behind his book, based on the French historical background as experienced by Durkheim and the influences from French and German scientific traditions, providing different and complementary meanings to his thesis without which its understanding would be affected. Thus, *The Division of Labour in Society* will be shown to be an attempt by Durkheim to solve a moral dilemma in regard to the individuals' participation in the society's economic sphere through professional groups, as he observed in the introduction to his book.

Key words: Durkheim, division of labour, Durkheim's Sociology, *The Division of Labour in Society*, organic solidarity, positivism, positive ethics.

Sumário

Introdução	02
Capítulo Um O Contexto Francês, a Formação de Durkheim e a Gênese da Sociologia Durkheimiana	08
Capítulo Dois O Projeto de Durkheim : Uma Intervenção Científica Sobre a Realidade Social	36
Capítulo Três Para uma leitura <i>Da Divisão do Trabalho Social</i>	69
Conclusão	110
Referências Bibliográficas	112
Anexo I David Êmile Durkheim : Vida e Obra	114

Introdução

Considere as seguintes perguntas. Como uma determinada ciência encara a realidade? De qual forma concebe e recorta seu objeto a ponto de 1) conseguir estruturar seus “programa disciplinar”¹, 2) de abstrair seu objeto da realidade, ao mesmo tempo em que 3) determina os indícios pelos quais o mesmo objeto será percebido e reconhecido empiricamente? E, ainda embora pareça banal, 4) como tal ciência procederá a manipulação e o tratamento científicos daquele objeto?

Se estas são algumas das perguntas mais simples cujas respostas conformarão o “programa” de uma disciplina, o que viria a ser tal programa e qual seria o seu papel em meio à conformação e à prática disciplinar? Aceitando a sociologia como ciência, admitimos que essa disciplina enfrentou o desafio proposto pelas indagações apresentadas acima. Pelo menos no momento relativo à sua “fundação” - embora seja mais prudente admitir que as mesmas perguntas devam ser frequentemente respondidas sempre que uma ciência consegue se manter em atividade. Nesse sentido, o resgate da “criação” disciplinar é útil até mesmo para que se entenda melhor a atividade científica, sobretudo a atividade sociológica.

No tocante a sua fundação, sempre é dito que a sociologia teve nascimento europeu. Contudo, ao invés de abraçarmos a preocupação com o contexto geral de institucionalização da disciplina - o que nos remeteria a um complexo quadro sócio-político-científico pelo qual passava a Europa e, particularmente, a França e a Alemanha, entre os Séculos XVIII e XX - preferimos aqui assumir uma outra tarefa menos intensa e tão importante, a de entendê-la, ainda em sua formação, enquanto ciência positiva e que se debruça sobre indícios reveladores da realidade social. Neste trabalho, concentrar-nos-emos sobre esforço fundacional de David Èmile Durkheim, autor que procura entender a sociedade através de um “programa científico” capaz de encará-la como uma realidade transcendente em relação aos indivíduos e, ao mesmo tempo, natural, resultando em algo à parte mas também necessário à aventura humana. Partiremos, pois, em busca das raízes da sociologia durkheiminiana, procurando entender a concepção de ciência relativa ao “programa científico” e escondida entre os meandros da sua tese doutoral; a fim de que, ao final do presente trabalho, possamos entender do que Durkheim queria dizer através de *Da Divisão do Trabalho Social*. Para que isso seja possível, revisaremos os pontos que alicerçavam a

¹ A noção de “programa disciplinar” será apresentada adiante no segundo capítulo”

disciplina por ele proposta, quando predicava que os fatos sociais devem ser percebidos pelo pesquisador como coisas.

Buscar tais pressupostos e entendê-los é útil, pois se torna uma maneira de assimilar aquilo que aparentemente é “dado” em meio ao arcabouço teórico proposto por Durkheim, a ponto de indicar que, na construção de sua disciplina, seus esforços foram em direção à “positivação” e à “objetivação” da sociedade, enquanto objeto científico. Vamos resgatar dúvidas e exorcizar possíveis fantasmas que podem surgir num primeiro contato com Durkheim e com seu “livro de estréia”. Assim, sugerimos um segundo passo em direção ao “miolo da disciplina” necessário aos que não se contentariam com o estudo superficial da “tese de 1893”. Visamos, como público, àqueles que farão das ciências sociais seu ofício, de modo a oferecer uma “nova imagem” de Durkheim, mais aguda e precisa, a qual geralmente não se percebe. Vamos salientar certos atributos da disciplina durkheiminiana à medida que um Durkheim menos conhecido será apresentado. Como veremos, Durkheim não foi o único ator de uma empresa que, mesmo na França, começa na virada dos Séculos XVIII/XIX. Justamente por isso, os aparatos científicos propostos pela sociologia durkheiminiana fazem sentido somente quando remetidos às concepções sociais anteriores a Durkheim, algumas das quais o próprio autor é tributário. A sociologia Durkheiminiana torna-se significativa não somente quanto contrapostas a essas concepções, mas também àquelas contra as quais o autor se colocava.

Um dos componentes que darão vida ao programa científico durkheiminiano é a influência das ciências sociais alemãs e da discussão que tais ciências travam com a economia clássica, com o direito natural e com a filosofia social, doutrinas que, para Durkheim, ignoravam os fundamentos ontológicos da sociedade e não indicavam a contento a razão porque homens – “egoístas”, segundo o próprio utilitarismo – convivem em sociedade. Justamente por isso, Durkheim se contrapõe a vários autores no que toca a própria natureza do ser humano. Ao invés de um homem egoísta, guiado por apetites e que somente consegue ser convidado a satisfazer suas idiossincrasias, Durkheim concebe um “homem social” pautado moralmente e perseguindo fins solidários que os grupos sociais lhe apresentam, ao mesmo tempo em que tais fins determinam a maneira como o indivíduo servirá a sociedade, concomitantemente à realização individual no interior da sociedade. Em *Da Divisão do Trabalho Social*, o autor argumenta que o liame das sociedades contemporâneas e da sua própria França reside na solidariedade orgânica aquela pela qual os indivíduos se articulam via complementaridade de seus ofícios em virtude da interdependência surgida daquela solidariedade e do fortalecimento da individualidade.

A “noção de solidariedade orgânica”, um dos pontos centrais do referido livro, traz consigo pressupostos presentes em toda a discussão implementada através de *Da Divisão do Trabalho Social* e que tocam a própria noção durkheiminiana de sociedade apresentada com o livro; enquanto ser independente dos indivíduos que a conformam, e também enquanto substância com caracteres imanentes sobre os quais o próprio Durkheim fundamentará os principais traços da ciência que estava por organizar e desenvolver.

Resultado de mais de uma década de estudos na França e na Alemanha, a proposta de uma “filosofia positiva” que Durkheim apresenta em 1893 com *Da Divisão do Trabalho Social* responde a um contexto de época. Para que isso pareça plausível, pontos importantes serão apresentados a respeito do autor e da obra - aqueles pontos que o próprio autor abriu mão de indicar, porque se concentrava em um projeto científico construído a partir de longos estudos. A sociologia de Durkheim fora montada a partir de uma proposta científico-filosófica e a “ciência positiva” resultante dessa mesma proposta deveria ser capaz de investigar a realidade social e de indicar meios para alterá-la. Mas, para que possamos entender isso, a formação acadêmica de Durkheim não pode ser desconsiderada – e, sobretudo, a trajetória pela qual Durkheim forjou sua formação². Ao contrário, a obra do mestre francês deve ser contextualizada política e academicamente, pois o pensamento de Durkheim fora fruto de um conturbado momento da história francesa, no qual o autor optou por contribuir para a reforma social de seu país como pesquisador e professor, fazendo de sua atuação um fator para a consolidação de um regime republicano incipiente frente a uma grave crise.

Para que possamos entender melhor isso, nosso estudo tentará recompor a trajetória percorrida por Durkheim para a concepção e para a organização de um “sistema filosófico positivo” baseado em dados da realidade social. Assim, paulatinamente, o nome de Durkheim será relacionado a uma carreira instigante, onde a pesquisa científica fora associada a uma proposta de “intervenção social eticamente orientada”.

Será nossa preocupação fornecer elementos, para que, ao final de nosso estudo, *Da Divisão do Trabalho Social* seja tratada como “um bom exemplo” daquela “intervenção”. Alertamos que, ao fazermos isso, nossa intenção é “jogar luzes” sobre a tese doutoral durkheiminiana; é demonstrar que a “tese de 1893” é um estudo mais rico, mais substancial e mais instigante do que parece à primeira vista. Para isso, apresentaremos elementos que orientaram a composição da tese durkheiminiana, os quais também foram importantes para a concepção do sistema positivo que embasara o estudo do qual o livro citado é um dos

² Ver Lacroix (1984); Alpert (1986).

resultados. Ressaltaremos, dessa forma, “aspectos teóricos e metodológicos” que jazem, “camuflados”, em meio à massa de dados e à análise extensa, relativas ao estudo da “divisão do trabalho”. Perceberemos que tais aspectos disseminam-se por todo o livro e circundam os pontos altos daquela obra.

O levantamento daqueles “aspectos teóricos e metodológicos”, finalmente, sustentará nossa análise sobre o livro de Durkheim. Porém tal análise ganhará um formato bastante distinto das análises correntes da sociologia do autor e ou mesmo da obra aqui analisada. Ao invés de recorreremos aos dados e a teoria compreendidos no livro, para considerações a respeito daquilo que o autor ofereceu-nos como conhecimento sociológico do fenômeno da divisão do trabalho, iremos demonstrar como a associação dos “aspectos fundamentais da disciplina” aos “aspectos teóricos e metodológicos” do próprio livro ressignificam a tese doutoral de Durkheim. Ao final de nosso estudo, não procederemos análises sobre a divisão do trabalho dita, não nos deteremos em aspectos da evolução histórica da divisão do trabalho e nem mesmo entraremos em profundos detalhes a respeito da “noção de solidariedade social”. O presente estudo é algo diferente de tudo isso; nossa análise do livro não será uma análise sociológica da teoria por ele apresentada. Antes disso, buscaremos a origem e o sentido daquela teoria e do próprio livro, conforme sugerido por nossas fontes.³

Estaremos atrás daquilo que entendemos como os sentidos “originário” e “original” de *Da Divisão do Trabalho Social*, sentidos que, embora sejam distintos, são essenciais para o entendimento do que Durkheim fazia ou queria dizer. Por isso, procuremos certas luzes que corresponderiam aos dois “sentidos” supracitados do livro a ser aqui investigado. Fazendo isso, vincularemos a sociologia de Durkheim a certos “estudos positivos” que se realizavam na Alemanha no último quarto do Século XIX aos quais Durkheim fora apresentando ao final da Década de 1880. Ao final de nosso percurso, poderemos entender a sociologia de Durkheim como uma tentativa de transposição das “ciências positivas da moral” da Alemanha para a França. Para isso, dividiremos em três etapas nossa exposição. No primeiro capítulo, entenderemos porque Durkheim tornou-se sociólogo ao responder necessidades acadêmicas e políticas de seu país. A seguir, entenderemos a ciência social tal qual a tradição francesa lhe construiu a partir do final do Século XVIII, tempos pós-revolucionários na França. Ainda no segundo capítulo, perceberemos a maneira como Durkheim coloca os postulados de sua ciência e como agrega ao seu redor uma equipe de alunos e pesquisadores que logo ficará conhecida pela alcunha

³ Lacroix (1984); Alpert (1986); Durkheim (2003).

“Escola Francesa de Sociologia”. Indicaremos como aqueles ligados a tal “Escola” vinculavam-se a Durkheim e de qual maneira deram prosseguimento à ciência postulada pelo autor. Por último, no terceiro capítulo, trataremos de elementos que julgamos necessários para a compreensão de *Da Divisão do Trabalho Social*, elementos esses associáveis aos sentidos “original” e “originário” do livro, cuja demonstração é o ponto principal do presente trabalho.

O leitor perceberá que o vínculo entre os capítulos é muito mais lógico que necessário, uma vez que os mesmos poderiam ser apresentados isoladamente, o que poderia deixar a falsa impressão de que os capítulos sejam desconexos. Ao contrário, estamos indicando com eles o percurso de Durkheim em direção à defesa de sua “tese de 1893” e, como correlato, também em direção à sociologia. A sociologia de Durkheim e a sua *Da Divisão do Trabalho Social* são indissociáveis, sobretudo para aqueles preocupados com os sentidos do livro citado. Justamente por isso, discutiremos, a seguir, os motivos que levaram Durkheim a propor uma ciência da sociedade. Após isso, procuraremos entender como Durkheim desenvolve sua tarefa enquanto pesquisador e professor. Assim, estaremos aptos a retornar a sua “tese de doutoramento” e entender por qual motivo ela foi escrita e o que ela propunha, o que nos leva, respectivamente, aos sentidos “originário” e original do livro aqui estudado.

Por trás desses sentidos, encontraremos uma possível “orientação de leitura” para a obra aqui analisada; por ela é possível compreender o esforço de Durkheim para solucionar um “dilema ético” de sua época, a própria realização das capacidades individuais diante das necessidades postas pela própria sociedade industrial do final do Século XIX. Através de tal esforço, Durkheim sustentaria que é possível realizar-se profissionalmente e atender as carências da sociedade e dos grupos econômicos com os quais os indivíduos relacionar-se-iam diretamente. Porém, a solução das tensões existentes entre as necessidades individuais e as necessidades sociais deveriam ser compreendida cientificamente antes de se realizar na prática econômica em virtude da própria magnitude alcançada pela “função econômica” ao final do Século XIX na sociedade industrial européia, o que dava destacado papel às atividades e aos grupos econômicos sobre os quais Durkheim debruça-se no livro.

Finalmente, pretende-se indicar qual motivo Durkheim entendia sua sociologia como uma “ciência positiva da moral” sem perder de vista como tal ciência prescreveria soluções para o caso específico da “vida econômica” da sociedade de seu tempo. Dito isso, entendamos *Da Divisão do Trabalho Social* como um estudo orientado em direção a uma solução qualitativa do “problema moral” por ele enfrentado, uma vez que tal estudo especifica pontos relativos ao problema e aponta para uma solução calcada em um juízo de valor, o

“Bem Social”. A proposta do livro é entender o que seria este “Bem” e como chegar a ele. Tal proposta torna-se uma “prescrição” com origem em um estudo positivo do dilema ético ao qual nos referíamos acima, sendo, pois, uma prescrição científica. Nesse sentido, traremos elementos que tornam possível entender os sentidos da obra aqui analisada, enquanto “um bom exemplo” de estudo de uma “ciência positiva da moral”. De modo claro, não estamos preocupados em estudar a teoria formulada na obra de Durkheim e nem em estudar a forma como o autor procede sua análise, mais sim em demonstrar o que a obra é em si mesma e o que ela significa enquanto “obra-prima” da sociologia de Durkheim.

Capítulo Um

O Contexto Francês, a Formação de Durkheim e a Gênese da Sociologia Durkheiminiana.

A primeira regra e a mais fundamental é: considerar os fatos sociais como coisas⁴.

Este capítulo traz como epígrafe uma das frases mais conhecidas entre os sociólogos, síntese do método sociológico proposto por Durkheim para o estudo da sociedade. Com a proposição daquele método o cientista trazia uma nova maneira de encarar a realidade social, maneira esta necessária aos procedimentos por ele realizados para o “tratamento objetivo das coisas”, conforme analisara anteriormente em sua tese de doutorado sobre os vínculos sociais na Europa em que viveu. Ao analisar a sociedade de seu tempo, tratou de estudar as “coisas”, aquelas que davam vida à sociedade, o “ser” que todo sociólogo escolhe estudar. Aparentemente, nada de novo está sendo dito aqui; mas tal impressão é diferente da espécie ocasionada entre o meio científico pela publicação das regras do método que Durkheim propunha em fins do século XIX, espécie esta que obrigou o autor a preparar um novo prefácio especialmente para a segunda edição do livro onde tratou de melhor se fazer entender entre a comunidade científica de então. Até ali, muito já se falara sobre a sociedade. Diferentes autores estudavam a sociedade, explicavam-na em seus discursos e tratados, porém o faziam a partir de certos valores que norteavam o seu próprio pensamento; ou mesmo partir de noções vigentes na própria sociedade. “Tratar a sociedade como um coisa”, dizia Durkheim, não é lhe dar pouco ou nenhum valor; de fato, ele queria sugerir “uma nova atitude” àqueles que se dispusessem a tomá-la como objeto de estudo. Seria justamente essa “atitude” ou esta nova posição epistemológica frente à sociedade que Durkheim pensava o sociólogo como um cientista preparado para captar e entender os fatos que se colocariam diante dele. Mas o que isso quer dizer? Qual realmente seria esta atitude?

Nada fácil a princípio, mesmo para Durkheim, aquele que se propunha a erguer uma nova ciência para a qual a comunidade científica de seu tempo ainda não estava preparada, ao mesmo tempo em que dela já necessitava. E tal necessidade era premente, o próprio Durkheim o sabia, uma vez que parte do trabalho de concepção da ciência que surgia era recortar o objeto sociológico dos meandros resultantes dos trabalhos já realizados por

⁴ Durkheim (2002, p. 42).

outras disciplinas, como a economia e a também nascente psicologia, nas quais nosso sociólogo reconhecia uma tentativa de tratamento científico da sociedade; tratamento ainda indevido, em virtude do poder explicativo das outras disciplinas – ora baixo, ora inadequado para o tipo de explicação a que se dispunham.

Resultado de mais de dez anos de estudos na França e na Alemanha⁵, *Da Divisão do Trabalho Social* é um tratado de sociologia tal como a entenderia Durkheim; por trazer não apenas em seu texto, mas, principalmente, em suas entrelinhas, as principais concepções relativas à sociologia: o que entendia por sociedade, como e através de quê o cientista a perceberia, a maneira com a qual ele chegaria a suas conclusões e o que poderia dizer a partir dessas últimas em relação ao quadro sociológico estudado. Dessa, maneira, deve-se lembrar que a ciência sempre se baseia num conjunto de suposições ou pressupostos a partir dos quais desenvolve suas elucubrações e suas atividades; mesmo tais pressupostos estão totalmente implícitos em seus exercício⁶.

De qualquer maneira, serão tais pressupostos que darão coloração e forma às substâncias ou às coisas estudadas pela ciência em questão; formando parte dos apetrechos e dos artefatos conceituais de que se valerá o cientista, sejam estes materiais ou lógicos, mas desde que forneçam os meios pelos quais o cientista realizará suas experiências, seus testes e suas medições. Os pressupostos científicos aos quais nos referimos são importantes para definir conceitos, identificar os fatos ou as coisas que estudará, ou para demarcar seu campo de trabalho em meio ao exercício da própria atividade científica. Logo, no que toca à sociologia, os pressupostos se tornam de importância capital, como aludimos acima. Graças a eles, toda uma série de demarcações necessárias ao campo sociológico fica implícita na atividade do cientista sem, que ele tenha que os afirmar a cada novo projeto de pesquisa ou levantamento de dados.

Os estudos originários da sociologia foram paulatinamente efetuados por Durkheim e seu início remonta à Escola Normal Superior de Paris, onde Durkheim solidificou a formação iniciada na juventude e travou contato direto com vários intelectuais. A “Escola” daria lugar à época de Durkheim a um “renascimento intelectual francês”⁷ durante um período de reconstrução que se inauguraria a partir do início da Terceira República⁸. A

⁵ Lacroix (1986).

⁶ No caso das obras durkheimianas já citadas, tais pressupostos são imprescindíveis para seu verdadeiro entendimento, embora eles, na maioria das vezes, nem são conhecidos pelos leitores. Num capítulo posterior, daremos tratamento adequado a isso.

⁷ Alpert (1986;p. 19).

⁸ “Terceira República” foi como ficou conhecido o governo revolucionário que chegou ao poder na França no início da década de 1870.

laicização do Estado francês a partir daí enseja a volta de vários cientistas e de discussões à vida pública, além de demandar uma renovação do próprio sistema de ensino francês em todos os seus níveis; visto que a Igreja perde grande parte do seu mando sobre os destinos do país e sobre a opinião pública⁹. Isso fará grande diferença na formação pessoal de Durkheim, permitindo que alguns daqueles pensadores proscritos pelo regime anterior voltem a ser discutidos no âmbito acadêmico ou mesmo retornem à sala de aula da Escola Normal, freqüentada por Durkheim¹⁰. Com isso, o jovem David Èmile tem contato com parte do pensamento vanguardista francês ainda nos primeiros momentos da reforma pedagógica promovida pela Terceira República¹¹.

Durkheim vivenciou a reforma educacional promovida pela Terceira República, já que esta reforma aconteceu coincidiu com os anos da adolescência do jovem lorenense. As necessidades de reconstrução do país não deixavam margem para as orientações humanistas e para as generalidades do tempo do império; uma vez que a França empreenderia modificações internas, caso realmente buscasse se reedificar dos reveses recentes de sua história. Essa opinião permeava várias instâncias da sociedade francesa, sobretudo àquelas ligadas à política e à educação. De fato, essa orientação comum fazia com que setores diferentes pensassem o futuro nacional de um território que nem mesmo tinha uma língua comum no interior de suas fronteiras¹² - Nada mais instigante para um jovem cujas preocupações políticas já se iniciaram dentro do próprio seio familiar, na Província da Alsácia-Lorena, em virtude das ligações que seus pais mantinham com a própria comunidade. Pensar os problemas do lugar em que vivia

⁹ Alpert (1984), Lacroix (1986).

¹⁰ Um dos intelectuais favorecidos pelos novos tempos foi o neokantiano Charles Renouvier que vem a ser um dos professores de Durkheim, além de se tornar seu filósofo predileto. Cardoso de Oliveira (1997) destaca a influência de Renouvier sobre Durkheim e sobre seu amigo Hamelin, que virá a ser um dos principais filósofos neokantianos do período. A esses dois, Renouvier e Hamelin, deve-se a presença de Kant no pensamento e no sistema durkheiminianos; ou seja a concepção da sociedade como uma “potência de normas” que terá influência determinante sobre os indivíduos que a compõem. Outro autor, Bernard Lacroix (1986) também aponta a influência de Renouvier sobre Durkheim. De qualquer forma, o sistema durkheiminiano deve grande parte de seu modo de construção ao neokantiano. Neste capítulo e no próximo, ficará factível a importância do neocriticismo para o sistema filosófico-científico de Durkheim.

¹¹ Dois pontos são marcantes em relação a isso. O primeiro está diretamente ligado à reforma educacional que a Terceira República promove, fazendo do sistema de ensino francês um dos pilares do governo laico que se estabelece durante os anos 70 e com duas tarefas: difundir o ensino público, laico e gratuito em todo o país. Somente com essa difusão a Terceira República teria condições de assentar suas bases em um país que ficara à mercê de vários movimentos internos e de oposição ao império e à Igreja durante o Século XIX. Justamente aí se encontra a segunda tarefa da reforma, promover a laicização do país, necessária e correspondente aos novos tempos da França, liberta da influência clerical e que se colocar agora sobre os auspícios da ciência e de um governo republicano. O segundo ponto a ressaltar está diretamente ligado à formação do jovem David Èmile, uma vez que é significativo o número e a qualidade dos intelectuais que ele vem a conhecer, intimamente ou não, durante os anos de preparação para o ingresso na escola normal superior ou mesmo em meio ao seu curso naquela instituição. Os biografos de Durkheim consultados em nossa pesquisa citam uma série de nomes que em breve destacar-se-iam em meio à academia francesa ou na cultura do país na virada de século. Sugerimos a consulta a Alpert (1986). e a Lacroix(1984).

¹² Ortiz (1989), Vargas (2000).

sempre foi uma constante para o pequeno David Èmile, filho caçula de um influente rabino da sua província natal.

As necessidades desses tempos depunham contra um sistema de ensino secundário voltado ao humanismo e às letras em geral, ao modo de uma educação que promovia o diletantismo¹³. Embora o jovem David Èmile ainda se visse submetido a esse tipo de ensino, sustentava evidente desgosto pelo mesmo. Sentia necessidade de uma educação voltada para a prática e comprometida com a realidade; pois ainda durante a adolescência Durkheim encantara-se com o pensamento científico, ressentindo-se da ausência do mesmo em sua formação secundária ainda direcionada para as humanidades em virtude do modelo pedagógico francês vigente durante a juventude de Durkheim. Nesse sentido, Henry Alpert registra o contragosto do jovem David Èmile em relação ao “caráter diletante” do ensino recebido em seus estudos secundários e mesmo nos anos de sua formação superior, em virtude das características da Escola Normal Superior de Paris.¹⁴

Esses mesmos traços eram visíveis em outros aspectos da juventude de Durkheim, como, por exemplo, no agnosticismo por ele abraçado ainda na mocidade em franca dissonância com sua educação familiar. Mesmo com sua virada para o agnosticismo e depois para a ciência, Durkheim não se livra totalmente da ascendência paterna, mesmo durante sua maturidade. Para Bernard Lacroix, a formação no seio familiar viera realmente a fundamentar a personalidade do jovem David Èmile, embora os traços religiosos daquela formação tenham sofrido ressignificações que o levaram à vida dedicada à docência e à pesquisa. Segundo o mesmo autor, a escolha pela carreira pedagógica em 1878 possibilitaria a Durkheim uma atuação junto a seus alunos similar àquela ascendência e ao papel que o próprio pai, rabino, tinha em sua comunidade religiosa, uma vez que Durkheim escolhera uma profissão que contribuía diretamente para a formação pessoal dos que com ele lidavam.¹⁵

O mais interessante a destacar, de início, é que, através da carreira acadêmica, Durkheim estaria colocando em prática e disseminando entre os alunos os frutos de sua atividade científica, sempre profundamente direcionada para os problemas políticos e morais que se colocavam à sociedade francesa. Logicamente, com suas atividades profissionais ligadas à ciência, à pesquisa e à docência, Durkheim pôde, ao longo de sua carreira,

¹³ Alpert (1984).

¹⁴ Alpert (1986; p. 22-24).

¹⁵ Quanto os traços que herda do pai rabino em relação à prática de pesquisa, vale registrar uma curiosidade, referente a um texto de Edward Tiryakyan, um dos estudiosos da obra de Durkheim consultados em nossa pesquisa. Esse autor, ao mencionar o grupo de pesquisa vinculado ao anuário sociológico fundado por Durkheim, chama-o de “a capela de Durkheim”, passando a idéia de um grupo coeso, fechado e reunido sob a batuta de Èmile Durkheim. Ver Tiryakyan (1980, p. 298)

implementar os resultados de suas investigações; pois contribuía para a formação da nação francesa de duas formas: investigava os vínculos sociais que poderiam manter a coesão nacional francesa, ao mesmo tempo em que informava aos alunos os resultados de suas pesquisas.

Essa forma de atuação do mestre francês foi se delineando aos poucos, concomitante aos resultados que colecionava em sua prática profissional. Se, por um lado, a escolha pela docência fora um dos resultados de sua juventude, por outro, a carreira intelectual e acadêmica fora a conseqüência paulatina daquela primeira escolha em meio a uma conjuntura propícia.¹⁶ Desse modo, podemos pensar Durkheim e sua trajetória como resultados de uma época.¹⁷ Ou, no mínimo como fatos que se valeram das circunstâncias colocadas. Mas tal suposição, antes de minimizar a competência de Durkheim, faria justamente o contrário, atestando os esforços de um homem capaz de ajustar anseios pessoais ao quadro da época que vivia.

Podemos constatar facilmente que Durkheim nasceu numa França incrustada na “Europa das Revoluções” industrial e intelectual ou mesmo na França da instabilidade política – visto as inúmeras mudanças ocorridas no “país dos direitos civis”, acostumado a transições constantes entre os séculos XVIII e XIX. Em 1858, ano do nascimento de Durkheim, a Revolução Francesa ainda não era setuagenária e o Segundo Império francês de Luís Napoleão estava em seu quarto ano de vigência. Além disso, o jovem David Èmile veria em 1871 sua província natal ser anexada ao Império Alemão após derrotar sua França em virtude da superioridade tecnológica do país vizinho. Se não bastasse a desastrosa condução da política externa francesa, desencadeadora do conflito bélico com a Alemanha, ainda havia problemas internos. Tais problemas levariam a França a assistir, naquele mesmo ano de 1871, a implantação de um governo socialista revolucionário, a Comuna de Paris, que tomou a capital francesa entre os meses de março e maio. Após este curto período, Paris fora retomada. A agitação resultante desses movimentos externos e internos causava grande desconforto. Ao mesmo tempo em que suscitava em várias partes da sociedade francesa desejos e pensamentos de uma reestruturação sólida e conseqüente do país.

¹⁶ Alpert (1986); Lacroix, (1984); Lallement (2002); Vargas (2000).

¹⁷ Isso não deixa de ser verdade em nenhum momento. Como assinalado anteriormente, Durkheim termina seus estudos secundários no início da Terceira República e sua formação superior é diretamente condicionada pela mesma reforma educacional patrocinada pelo novo regime. Veremos, a seguir, os desdobramentos da carreira de Durkheim durante o período terceiro-republicano; Ao fazê-lo, torna-se-á factível que Durkheim pode ser considerado “um homem de sua época”. Apesar de não nos preocuparmos em fazer uma análise minuciosa da trajetória de Durkheim, nossas colocações neste capítulo devem ser entendidas apenas como necessárias ao desdobramento do nosso trabalho aqui e nos próximos capítulos.

A Terceira República utilizou-se dessa necessidade em prol da própria consolidação ao montar um grande aparato de valorização e de consolidação do regime, como a reforma do sistema de ensino francês, promovida a partir de 1875. Nos dez anos seguintes, houve uma grande promoção do ensino na França, não apenas com a reestruturação do sistema educacional, mas também com uma política de capacitação e de valorização dos profissionais que faziam parte do seu quadro, inclusive através do subsídio a visitas daqueles profissionais a países vizinhos em nome daquela mesma capacitação. Além disso, as modificações da estrutura social francesa promovidas pelo regime republicano trocaram as principais engrenagens sociais, na intenção de afastar os setores tradicionais das principais posições na França. Em meio a essa transição e à movimentação social dela decorrente, a principal intenção do regime republicano era substituir os meios de legitimação do Segundo Império por aqueles que garantissem o funcionamento da nova estrutura social republicana e dos vínculos sociais que a nova estrutura ensejava. Justamente por isso, um novo discurso pedagógico se impunha com a implementação, com a prática e com o discurso apoiados em valores divergentes daqueles sobre os quais vigia o Segundo Império de Luís Napoleão.¹⁸

As transformações que perpassam o período garantem a estabilidade do regime, inserem no contexto político-social novos atores e situações sociais no já conturbando contexto francês. As transformações na urbanidade francesa datam ainda dos tempos do Segundo Império com a crescente instabilidade provocando alteração na situação social. Como outros países europeus, o tecido social francês reconstituía-se em decorrência das implantações tecnológicas e das repercussões da revolução industrial. O socialismo já chegara com a militância de Jules Ferry e o sindicato por ele fundado daria origem em poucos anos ao partido socialista francês, legitimando as reivindicações trabalhistas no sistema político. Em síntese, a reconstrução nacional se colocava na agenda como alternativa à situação vivida pela França e grandes eram as expectativas a esse respeito. Desta forma, a Terceira República esforçava-se em tarefas práticas, visando a modernização do país.

A compreensão do que significava este esforço é obrigatória se quisermos realmente entender o pensamento de Durkheim que chegara à Escola Normal Superior em 1879, menos de dez anos após a instauração do novo regime; quando muitos dos rumos da Terceira República ainda estavam sendo traçados e o próprio sistema educacional francês era um dos focos da atenção de um governo que não se firmara, mas cuja luta política e ideológica seguia nessa direção. E como, tradicionalmente, a educação e o sistema de ensino

¹⁸ Alpert (1986); Lacroix (1984).

são primordiais para a legitimação de um regime em qualquer parte, o caso francês não poderia ser diferente: solidificar a Terceira República sobre bases ideológicas expansíveis por todo o território era a batalha frente à resistência de um tradicionalismo apoiado pela Igreja e por setores conservadores em todo o país. Justamente por isso, a laicização já referida era uma das metas; enfocando, através do sistema de ensino, a concepção de mundo e a de nação das quais a Terceira República mais necessitava. Disso resultou à época na França uma grande aversão às letras e ao humanismo diletante, a ponto do novo sistema educacional que com ela se instalava procurar caminhar no sentido oposto, no sentido da racionalidade e do cientificismo, no sentido da concepção racional do mundo e da sociedade – sentidos que contribuiriam e ensejariam a administração racional da sociedade e do próprio Estado, passando esses a representarem novos objetos de investigação e de estudo em alguns campos do saber já estabelecidos. Formava-se, então, um Estado francês com novos traços e feições, ordenado e composto em favor dos novos tempos e de um novo país.

Nada mais lógico do que intuir a paulatina mudança desde então, verificável pela própria biografia de Durkheim. A educação clássica e diletante, recebida por David Èmile até a adolescência e por ele próprio criticada passa a contrastar com aquela que ele recebe em seu curso superior. O jovem Durkheim como que contaminado pelo espírito de época que tomara a educação francesa com a Terceira República e a qual ditava seus rumos, inclinava-se em direção à Filosofia e à Ciência ainda em seus estudos secundários em sua província natal. Quando chega à Escola Normal Superior, já tem em mente a missão por ele mesmo tomada ao final da adolescência: ao invés do rabinato, pretendido pelo pai desde sua infância, o jovem Durkheim segue o rumo decorrente da opção pela docência¹⁹.

Em relação às transformações do sistema de ensino francês, Durkheim pode ser tomado como exemplo de época; uma vez que sua trajetória é a mesma dos que em breve tomariam a cena intelectual e política na França. Berço de um suposto “renascimento francês”²⁰, a Escola Normal Superior recebeu por anos seguidos aqueles mestres renomados e alunos que em breve se destacariam no cenário francês. Durkheim desenvolveria relações com alguns deles ou receberia influências para o seu futuro sistema de pensamento ou mesmo

¹⁹ Bernard Lacroix faz uma das mais interessantes alusões a essa escolha do jovem Durkheim que exibiu seus traços ateus desde a adolescência apesar de sua filiação e educação. Partidário de uma interpretação incomum do mestre francês, Lacroix chega a afirmar que a docência é a maneira como Durkheim irá fazer as pazes com o próprio pai e com sua infância, pois, apesar de descartar o rabinato, o ex-judeu Durkheim opta por uma profissão através da qual terá a mesma ascendência sobre alunos e discípulos que o pai tinha em sua província natal sobre o que concorriam a sua mesquita.

²⁰ Bernard Lacroix aponta a Escola Normal Superior como o berço de um “Renascimento Francês”, tamanha a quantidade de intelectuais e de políticos que por ela passaram e que nela firmaram as bases do seu pensamento ou de sua ação política.

indicações importantes para a viagem de pesquisa que faria à Alemanha e que forneceria subsídios para sua tese de doutoramento. Por isso, pode-se dizer que, já na Escola Normal Superior, Durkheim começaria a desenvolver suas idéias sobre filosofia e sobre ciência que mais tarde resultariam em seu sistema científico-filosófico, cujo fruto mais destacado seria uma ciência positiva da sociedade tal como entendemos a sociologia durkheiminiana²¹. Na Escola Normal Superior, as primeiras diretrizes de Durkheim para essa orientação ganharão força e sentido, visto que já estávamos diante de um Durkheim pedagogo e filósofo que fazia as primeiras investigações e elucubrações que, mais tarde, darão origem ao seu programa de pesquisa. Isto como consequência da própria formação que recebe ali pela influência direta dos intelectuais que lecionavam naquela instituição.

O fato de ter elaborado a sociologia como sistema científico não diminuiria em Durkheim suas vocações pedagógica e filosófica; muito pelo contrário, sua sociologia somente fará sentido tendo em vista as preocupações constantes do jovem professor em relação aos rumos do sistema de ensino francês e ao papel que este sistema terá frente à reconstrução de um estado republicano e democrático. Em outras palavras, a sociologia deve ser vista como peça capital de um modo mais amplo de contribuição para o progresso francês que Durkheim concebera e desenvolvera como alguém que pensava sua realidade e que procurava alternativas práticas e aplicáveis na tentativa de resolução dos problemas sociais que se lhe apresentavam. Essa percepção do pensamento durkheiminiano deixará clara e fará coerente toda sua obra, produzida durante mais de três décadas de ensino e de pesquisa conjugados, revelando o verdadeiro aspecto sistêmico de seu pensamento, conforme tratemos adiante.

Coerente e consequente, o programa científico de Durkheim percebia a sociedade como uma realidade à parte e as relações em seu interior como objeto de análise. Tal concepção fora desenvolvida paulatinamente, mediante investigações e estudos que Durkheim conduzira em vida; e, embora tal sistema possa hoje ser compreendido com a coerência aludida acima, o mesmo fora deixado incompleto por Durkheim que falecera antes de deixar em um único volume os estudos realizados sobre moral, tema recorrente e norteador em toda sua carreira, ao contrário de outras partes fundamentais de seu programa científico. Isto talvez seja resultado das preocupações que mais assolaram o autor em sua carreira ou em virtude da seqüência e do ritmo de trabalho empreendidos pelo francês em vida.

²¹ Preferimos, por ora, não nos limitar a sociologia propriamente dita como único fruto do esforço filosófico-científico de Durkheim. No próximo capítulo, quando tratarmos da noção de programa de pesquisa científica isso ficará mais claro. No momento importa apenas atentar ao leitor a essa distinção, a fim de que o mesmo não se confunda adiante.

São inúmeras as perspectivas em torno da obra de Durkheim, algumas apontando a seqüência de seus trabalhos como uma progressão em uma mesma direção sem apresentar grandes desvios; outras, mesmo julgando sua obra coerente em si mesma sugerem que a seqüência de pesquisas e de livros de Durkheim não presume a linearidade apontada. O que fica claro, mesmo com o debate que cerca a questão, é a tentativa de Durkheim em dialogar com sua sociedade e tempo, a fim de melhor entendê-los. Aqui, seguiremos a interpretação de Lacroix sobre a obra de Durkheim na tentativa de apontar Durkheim como pensador político, embora seu sistema tenha como objeto os vínculos sociais de maneira geral. Por essa perspectiva, todo o sistema de Durkheim tem por base a idéia de sociedade que o mesmo concebe entre os anos de 1879 e 1886, como resultado de sua vivência acadêmica e dos estudos desenvolvidos durante aqueles anos. Este resultado deve-se à progressiva influência que Durkheim recebeu das obras que estudou ou a partir dos intelectuais franceses e alemães com os quais mantém contato durante o período citado. De qualquer forma, importa entender a sociologia como um sistema de interpretação da realidade social e de atuação sobre ela, sendo por isso considerado por seu proponente como um “sistema de filosofia positiva”²². Acabamos de nos referir a um importantíssimo período da vida de Durkheim, compreendido entre o início de seus estudos superiores até o seu retorno da Alemanha, onde investigara o nível de desenvolvimento das ciências sociais alemãs e sondara a maneira como se dava o ensino de filosofia naquele país²³. Podemos até dizer que durante esse mesmo período Durkheim adquire todo o cabedal teórico necessário ao desenvolvimento dos trabalhos e das pesquisas futuros que darão origem ou servirão para a implementação de seu programa científico²⁴.

Sendo assim, essa ciência deveria cuidar de problemas práticos e seu exercício deveria começar a partir da própria realidade. Olhando para a realidade social com a qual se deparava a Terceira República e a maneira como qual se dispunha a sociedade francesa nesses “tempos republicanos”, Durkheim tentaria inserir-se em atividades que contribuíssem diretamente para a consolidação do regime republicano durante os anos vindouros. Isso ficara claro para ele a partir da decisão, tomada ainda no final dos estudos secundários, que no

²² Devido a sabida influência de Comte sobre o pensamento durkheimiano, pedimos que o leitor considere que a expressão em destaque seja explicativa por si mesma, pelo menos neste ponto de nossa discussão. Adiante, desenvolveremos os aspectos conotativos da expressão necessários a nosso estudo.

²³ Alpert (1986, p. 44).

²⁴ O programa científico de Durkheim como um todo, será discutido no próximo capítulo, no qual deixaremos claro como as pesquisas capitaneadas pelo professor conformam um projeto pessoal que deveria contribuir para a consolidação da Terceira República e para a estabilidade da sociedade francesa.

orientaria para a Escola Normal Superior. Durkheim sujeita-se a um período de preparação para o ingresso naquela escola a partir de 1876, que duraria três anos.

Bernard Lacroix e Harry Alpert mostram como o jovem loreno constrói aos poucos a trajetória que lhe transforma num dos grandes intelectuais de seu país na virada dos Séculos XIX e XX. O caminho seguido por Durkheim é árduo, mas o jovem demonstra a mesma capacidade intelectual e a continuidade de propósito que serão a principal marca de sua carreira. A propósito, essa se orientará, a princípio, para a pedagogia; no entanto, os sinais dos tempos em que o jovem David Èmile vivia indicariam as correções necessárias à rota preliminarmente demarcada. Alpert, por exemplo, lembra que Durkheim chega a Escola Normal Superior cerca de três anos após a defesa da tese de Alfred Espinas, intelectual francês que já suscita no meio acadêmico a necessidade do tratamento científico da sociedade²⁵. O fato da tese de Espinas vir a lume nos últimos anos da década de 1870 revelava o ensejo em meio ao círculo acadêmico francês do tratamento de questões sociológicas que abordassem a realidade social vigente. Embora a sociologia como a entendemos não existisse. A tese de Espinas apontava a proximidade de seu nascimento. Se o próprio termo “sociologia” estava proscrito da academia, tamanha a rejeição às idéias de Comte e ao seu sistema positivo, alguns fatos suscitavam a necessidade de uma reinterpretação do sistema comtiano.

²⁵ A tese de Espinas pode ser considerada um divisor de águas no pensamento social francês, embora tenha sido alvo de acirradas críticas por parte de seus examinadores. Dentre os pontos principais da tese, Alpert destaca o organicismo, um tipo de metáfora que concebe a sociedade como um organismo vivo e a partir dessa metáfora procede analogias com a ciência natural para assim proceder suas asserções a cerca da sociedade. A conturbada recepção da tese de Espinas, embora trouxesse clara adesão ao organicismo, foi decorrente de sua adesão ao positivismo comtiano, rechaçada pela academia francesa da época. Essa mesma aversão ao positivismo vai contaminar Durkheim no início de seus estudos a ponto deste recusar por algum tempo a chamar sua disciplina de “sociologia”, palavra criada por Comte e trazida a público através de seu curso de filosofia positiva. Durkheim também reconheceu a tese de Espinas como sendo “a primeira obra de sociologia”, declarando-se tributário do mesmo, embora divergisse de Espinas em questões importantes. Essa divergência ficou registrada em *Da Divisão do Trabalho Social* e em *As Regras do Método Sociológico*.

1.1 Os estudos superiores de Durkheim como prenúncio da sociologia

Os anos da mocidade de Èmile Durkheim coincidiram com situações marcantes da história francesa. Nascido pouco antes do centenário da revolução burguesa que marcara todo o Ocidente, Èmile Durkheim, como mencionado, soube vivenciar as transformações social e educacional da sua França, fazendo-se um personagem da modernização pedagógica do país, primeiro como aluno e, pouco mais tarde, já como professor e um dos propagadores das principais idéias, que também eram suas e que contribuíram para a consolidação da Terceira República. Talvez não seja prudente o termo “democrata” para designar os atributos do jovem loireno que chegara aos estudos superiores em 1879²⁶, porém vale a pena percebê-lo como alguém encantado pelos ares dos “novos tempos” franceses, tal como um entusiasta daquela modernização do país ao mesmo tempo exigida e propalada pelo novo regime, cuja instalação dera-se naquele mesmo ano e cuja consolidação transcorrerá nos anos seguintes. Como estamos vendo ao longo deste capítulo, Durkheim procuraria através de suas pesquisas melhor compreender o que se passava em seu país e como os acontecimentos poderiam demarcar as principais possibilidades do país frente ao seu próprio futuro. E, como para o conjunto do povo francês, esta experiência para Durkheim fora marcada pela angústia e pela insegurança que marcam os tempos de crise.

Com relação à França, poder-se-ia dizer que ela vivenciara por esses tempos uma grande “crise velada”, que vinha à luz nas ocasiões de maior instabilidade interna, das quais Paris era um visível termômetro durante a década de 1880²⁷. Essa mesma crise é vista pelos estudiosos da obra de Durkheim, como a primeira causa da inclinação que o leva ao estudo do socialismo alemão como forma de compreender e melhor entender o que acontecia com seu próprio país. Assim Alpert e, principalmente, Lacroix sugerem que a sociologia é resultado da missão existencial auto-imposta por Durkheim em razão das aflições pessoais e de seu questionamento relativo à vida civil e à realidade francesas de seu tempo. Quase como um resultado inesperado, a sociologia surge paulatinamente ao longo dos sete anos de estudos imediatamente posteriores à conclusão por Durkheim de seu curso superior, estudos esses norteados por uma questão colocada a Durkheim em suas leituras de Renan, filósofo Francês de inspiração comtiana. “O que é uma Nação?” fora a pergunta insistente que, conforme a

²⁶ Apenas para uma idéia prévia da situação da Terceira República, somente após o sexto ano de sua instalação o regime consegue sua consolidação, via eleições internas. Justamente na ocasião dessas eleições, Durkheim estará de partida para a Alemanha, em função da viagem de pesquisa cujos resultados reorientarão os estudos por ele desenvolvidos até aquela data. Veremos adiante quão marcante fora tal viagem, cujos resultados foram imprescindíveis para a discussão central de *Da Divisão do Trabalho Social*.

²⁷ Lacroix (1986, p. 96).

abordagem de Lacroix, ecoou durante anos na mente de Durkheim, o qual fez de sua *Da Divisão do Trabalho Social* a resposta àquela pergunta através de uma longa pesquisa iniciada cerca de onze anos antes da defesa de sua tese em 1893.

A formação superior de Durkheim em meio à efervescência da Escola Normal Superior fora um momento de verdadeira ilustração para o estudante loreno. Frente a vários intelectuais franceses importantes de sua época, aquele jovem revela-se um inquieto e acurado discípulo que fazia eco às preleções das quais fora assistente e aos pensadores cujos livros pôde ler. Ernest Renan, Auguste Comte, Immanuel Kant, Èmile Boutroux, Numa Denis Fustel de Coulanges, Théodule Ribot, Alfred Espinas são apenas os nomes mais conhecidos da lista de pensadores e de professores com os quais teve contato Durkheim durante seus anos de Escola Normal Superior. Filósofo, historiador, estudioso da moral, psicólogo seriam algumas das designações que acompanhariam estes e outros nomes da referida lista. Nada mais óbvio, caso pudéssemos lembrar imediatamente todas as discussões e os diálogos que Durkheim manterá com aqueles supracitados ou com outros ao longo de sua obra. Porém, vale ressaltar que a mesma lista tem sua composição iniciada pelos inspiradores de certos professores de Durkheim, como é o caso de Comte e de Kant, ou mesmo é composta pelos nomes desses professores, como no caso de Èmile Boutroux e de Fustel de Coulanges, docentes da Escola Normal Superior e importantes pensadores à época da Terceira República e aos quais ela deve parte de sua orientação ideológica.

Por isso, não causa nenhum espanto a constatação de continuidade dos temas e de seqüência desses pensadores e professores em meio à obra durkheiminiana, tal a maneira de sua inspiração e de sua concepção, ainda com a adição da influência recebida pelo pensamento alemão durante os anos de 1885/86 em viagem pelo melhor conhecimento do ensino de filosofia no país vizinho. Capital seria a influência dessa viagem para a sociologia, que apenas ganhará seus traços definitivos com o retorno de Durkheim à França. Depois da citada viagem, Durkheim sentir-se-á apto a responder a pergunta suscitada por Ernest Renan²⁸ em seus anos na Escola Normal Superior através da formulação de sua tese entre 1887 e 1893. Em meio a mesma formulação, aplica o conceito de “solidariedade” relativo à necessidade da manutenção do organismo social. A concepção organicista de Albert Espinas recebe a adição da concepção social do socialismo de cátedra alemão. Essa última concepção enxergava a sociedade como um ser à parte e com existência própria, separada e independente da natureza, mas resultante da síntese de vários grupamentos sociais e de seu intercâmbio frente às suas

²⁸ “O que é uma Nação?”.

próprias necessidades. Ainda nesse sentido, faz eco a noção de complementaridade retratada em *Da Divisão do Trabalho Social* pela qual o próprio Durkheim viria a defender o retorno a um sistema renovado de corporações como necessário ao recrudescimento e à auto-renovação da solidariedade social. Por trás do princípio da solidariedade estaria todo um sistema de concepções e de “crenças fundamentais” à vida social. Essas “crenças fundamentais” seriam o resultado da interação humana, que daria origem ao amálgama social, uma síntese de seus componentes, que, segundo os economistas alemães Gustav Schmoller e Adolf Wagner, dos quais Durkheim é tributário, ganharia vida própria e distinta dos seus indivíduos formadores. Essas mesmas “crenças fundamentais” tornar-se-iam a matéria-base da sociologia, recebendo a denominação de representações coletivas, graças a influência do psicólogo Wilhelm Wundt, positivista alemão cujos métodos de investigação encantariam Durkheim na oportunidade de sua visita ao laboratório experimental daquele pesquisador. Graças a Wundt²⁹, Durkheim ainda acataria a possibilidade de investigação indutiva daquelas mesmas representações via “fatos sociais”, tal como exemplificado em *Da Divisão do Trabalho Social* e como indicada em *As Regras do Método Sociológico*, obras que, juntas, exemplificariam o núcleo teórico-metodológico do “Programa de Pesquisa Científica” durkheiminiano, tal como exposto no próximo capítulo. Por ora, retornemos ao cerne desta primeira parte de nossa exposição, tocante a gênese da formulação daquele mesmo programa.

Um dos professores da Escola Normal Superior, Èmile Boutroux, foi filósofo influente na França de seu tempo com grande ascendência sobre Durkheim. Com Boutroux Durkheim aprendeu a necessidade de aplicar o método científico e a maneira com fazê-lo³⁰. Graças a Boutroux, Durkheim aprende que uma síntese não poderia ser explicada por seus elementos formadores, porque a multiplicidade e o mero somatório dos mesmos não explicam a unidade. Como consequência todo reino da realidade que tem algo de novo resultante de uma síntese torna impossível a dedução do mais complexo a partir de suas partes originárias simplesmente.

A consequência direta dos ensinamentos de Boutroux pode ser percebida na forma definida de Durkheim tratar a sociedade como distinta dos indivíduos que a compõem³¹.

²⁹ Os trabalhos de Wilhelm Wundt serão apresentados ao público francês através de um dos artigos publicados por Durkheim em 1887. Em nosso último capítulo, esse artigo será apreciado em virtude de seu parentesco com a tese de Durkheim.

³⁰ Alpert (1986, p.26). Tradução minha.

³¹ Tal propriedade social, sua “síntese genética”, é uma das características mais sobressaltadas pelo método sociológico de Durkheim. Como corolário, a sociedade, por este método, é tratada como um ser *sui generis* ou como uma realidade à parte da natureza propriamente dita, objeto das ciências naturais, ou mesmo dos indivíduos que a compõem. Como veremos em breve, esta concepção social também é tributária da economia social e da jurisprudência alemãs, com as quais Durkheim travara contato.

Justamente por inspirações como esta, podemos perceber em pontos capitais do trabalho de Durkheim o débito a Boutroux do qual fora discípulo próximo nos seus anos de Escola Normal Superior e ao qual coubera a orientação da tese de doutorado de Durkheim, apesar das próprias objeções que o próprio Boutroux apresentaria na ocasião da defesa de *Da Divisão do Trabalho Social* em 1893. Em relação à posição de Durkheim quanto ao método científico, também é possível indicar o tributo do sociólogo ao seu mestre da Escola Normal Superior em relação à autonomia das várias ciências e à irredutibilidade dos diversos objetos científicos a uma única ciência. Não bastasse isso, o mesmo Boutroux acreditava na possibilidade do tratamento objetivo da sociedade por meio das ciências que a estudam.

É comum tributar o positivismo de Durkheim à influência de Auguste Comte. Porém, em nossa pesquisa, podemos averiguar que Durkheim conheceu fontes distintas do positivismo. A primeira delas foi o próprio pensamento de Émile Boutroux de quem Durkheim fez-se aluno antes mesmo do seu primeiro contato com a filosofia comtiana em 1880. Alpert registra de maneira contundente que a influência comtiana sobre Durkheim deu-se via Émile Boutroux, embora a tradição sociológica faça silêncio a respeito³². Alpert prefere indicar, em relação a Comte e a Durkheim, não uma relação de discipulado direto, mas sim uma proximidade de pensamento – ou, nas palavras do autor, uma “afinidade espiritual”³³.

Dentre as mantissas do trabalho de Durkheim também atribuíveis a Émile Boutroux é possível destacar ainda o sistemático tratamento metodológico dos dados empíricos que fundamentarão a análise científica, além das deduções lógicas aplicáveis a partir do princípio mencionado no parágrafo anterior: sendo a sociedade uma realidade à parte ou mesmo um ser *sui generis*, a ciência da sociedade deveria ser capaz de perceber e tornar inteligíveis os princípios explicativos da realidade social.

Graças aos ensinamentos de Boutroux, Durkheim nunca seria um atomista, deixando de buscar a realidade a partir dos indivíduos³⁴. Seguindo o princípio recebido do filósofo, Durkheim percebeu a necessidade de se explicar a sociedade socialmente. Tal princípio foi defendido por Durkheim em momentos e lugares distintos de sua obra. Além de sua tese defendida em 1893, o mesmo princípio foi defendido em 1903 com o artigo “Ensaio Sobre as Representações Individuais e Coletivas”. Como antecedente da aplicação deste princípio por Durkheim, vale apontar para a tese defendida por Alfred Espinas em 1877, antes mesmo da entrada de Durkheim na Escola Normal Superior. Graças a esse “princípio da

³² (Alpert, 1986).

³³ Alpert (1986, p. 29).

³⁴ (Alpert; 1986, p.26).

síntese criadora”, Durkheim poderá defender a autonomia da realidade social em sua obra e também a análise positiva dos fenômenos sociais, compreensíveis pela análise das representações coletivas, tal como proposta em *As Regras do Método Sociológico*^{35 36}.

A passagem de Durkheim pela Escola Normal Superior ficaria indevidamente registrada caso esquecêssemos uma outra importante influência recebida por Durkheim de Numa Denis Fustel de Coulanges, o qual indicava a importância da metodologia nas pesquisas e do rigor nos trabalhos científicos. Do professor Fustel de Coulanges, Durkheim herda a aversão às letras puras, às humanidades e ao diletantismo que pouco contribuía para o avanço das ciências da sociedade até aquele momento. Historiador, Fustel de Coulanges defendia a aplicação de métodos críticos e científicos em seu ofício; e como relativista social, defendia a tese que cada sociedade deveria ser estudada isoladamente, sem a preocupação em fazer comparações com as demais. Esta posição do professor Coulanges será reafirmada para Durkheim em sua investigação científica na Alemanha, quando Durkheim constatará a importância da história para os estudos das ciências da moral, como uma disciplina aliada de todas aquelas outras preocupadas com a investigação de dados empíricos para o entendimento da transformação sofrida pela moral social.

Se, em relação a Comte, nossa pesquisa revelou sua influência indireta via Èmile Boutroux, coincidentemente pode-se dizer que Durkheim também fora apresentado a Immanuel Kant também via outro pensador francês, o filósofo neocriticista Charles Renouvier, um dos filósofos banidos pelo regime anterior à Terceira República que nunca consegue engajar-se na carreira universitária, mesmo conseguindo renome através de sua obra. Lacroix faz questão de esclarecer que as discussões propostas por Renouvier permeiam toda a obra durkheiminiana. De Charles Renouvier, Durkheim herdará sua capital preocupação com a investigação da moral e o papel desta na manutenção da sociedade. Se Durkheim não tivera em Renouvier sua única fonte de estudos sobre a moral, pelo menos se pode certificar que o neocriticista inicia-o no tema de maneira definitiva, a ponto deste tema tornar-se recorrente em quase todo o pensamento durkheiminiano³⁷. Por outro lado, podemos

³⁵ O ineditismo do tratamento dado por Durkheim às representações sociais e sua distinção frente as representações psíquicas individuais geraram discussão e reprimenda tamanhas à época da publicação do livro sobre o método sociológico que o autor fora obrigado a enfatizar e pormenorizar as suas posições num novo prefácio especialmente escrito para a segunda edição daquele trabalho, publicado em 1901.

³⁶ Embora os biógrafos de Durkheim consultados ressaltem a importância de Boutroux em relação as idéias de Durkheim e a proximidade intelectual de ambos, deixo registrado o baixo número de referências ao filósofo nas obras consultadas para a construção deste trabalho, o que dificulta o dimensionamento da influência recebida por Durkheim daquele filósofo. De qualquer maneira, podemos inferir que a mesma fora marcante em função de Durkheim dedicar a seu mestre a tese doutoral.

³⁷ Veremos adiante, o percurso feito por Durkheim no desenvolvimento de seu pensamento sobre a moral e a importância deste mesmo desenvolvimento frente ao conjunto de sua obra. Certamente o tema durkheiminiano

dizer que, se a obra de Durkheim pode ser entendida em grande medida como uma discussão com seu tempo, a presença de Renouvier se fazia perceber pelos argumentos e pela forma de condução das discussões empreendidas pelo sociólogo.

De fato, a obra de Durkheim pouco ou nada se distanciaria disso, uma vez que a mesma pode ser vista como a resposta durkheiminiana a uma série de aflições pessoais e nacionais que faziam coro com as dúvidas e as incertezas suscitadas ao longo do período compreendido entre a instauração da Terceira República, em 1879, até a virada dos Séculos XIX/XX. Bernard Lacroix sugere que o jovem Durkheim traça sua trajetória intelectual ainda nos anos da Escola Normal Superior, ou melhor, a partir deles, quando soma investigações filosóficas a pesquisas sobre a atividade científica sob a batuta dos docentes e intelectuais anteriormente referidos. Soma-se a plêiade, a capital indicação recebida por Durkheim da obra de um pensador político francês, Ernest Renan, cuja leitura marca indelevelmente seu pensamento a partir daí. Para Lacroix, o mestre francês teve uma constante preocupação de inspiração renaniana com os aspectos sócio-políticos da França, assim como tentou contribuir de maneira prática na reorganização e condução de sua sociedade³⁸. É nesse sentido que Durkheim constrói um sistema filosófico positivista, o qual vem a ser interpretado por Bernard Lacroix como um constante diálogo com todos aqueles cujo pensamento vem a influenciar Durkheim. De 1882 a 1893, período compreendido entre a formatura de Durkheim e a defesa de sua tese, a pergunta suscitada por Renan torna-se a indagação constante contra a qual Durkheim procura uma resposta tendo em mente o caso francês terceiro-republicano.³⁹

“O que é uma Nação?” é a marcante pergunta que a leitura de Ernest Renan faz ecoar nos estudos durkheiminianos a partir de 1882, dando-lhes sua própria direção⁴⁰. Neste mesmo ano, forma-se o normalista Durkheim e inicia suas atividades docentes. Embora seja errado dizer que nesta oportunidade todos os ingredientes do futuro sistema filosófico-

da moral pode ser compreendido como o “fio de Ariadne” que conduzirá toda a discussão proposta pelo sociólogo, com exceção feita somente em relação à teoria do conhecimento, vinculada aos estudos da religião. Este papel e relevância dada à moral por Durkheim estão diretamente ligados ao conturbado período pelo qual passava a França, para cuja reconstrução pela Terceira República Durkheim procurou contribuir de todas as maneiras possíveis (Alpert, 1986; Lacroix, 1981).

³⁸ Lembre-se o leitor do esforço promovido pela Terceira República para uma total reorientação político-cultural francesa a partir de 1879, conforme ilustramos anteriormente, quando da exposição da reformulação pedagógica promovida por aquele governo. Durkheim chegaria à Escola Normal Superior nesse ínterim e começa sua docência a tempo de contribuir para tal esforço. Veremos, no próximo capítulo, a maneira pela qual Durkheim optou por atuar como ator coadjuvante desse processo de reconstrução nacional, quando reforçaremos informações que se colocam durante todo o capítulo corrente de tal forma que o “programa de pesquisa científica” durkheiminiano ganhe o sentido que vemos nele.

³⁹ Veremos como as formulações políticas de pensadores alemães e a concepção econômica do socialismo de cátedra tornar-se-iam um contra-peso a formação durkheiminiana anterior; a ponto de promover, segundo insinuação de Lacroix, uma significativa reorientação de pesquisas acadêmicas e de posições pessoais existentes até 1885, ocasião em que Durkheim viaja à Alemanha.

⁴⁰ Lacroix (1986).

científico do qual faz parte a sociologia estejam claros para Durkheim, o mesmo tem sua gestação iniciada. É a partir disso que Durkheim promove estudos e cogitações, pois tal pergunta supracitada (res)suscitaria em Durkheim especulações feitas anteriormente sob a batuta dos professores da Escola Normal Superior e mesmo sob a obra de Charles Renouvier, dando nova tônica às mesmas a partir daquele ano.

Para que o leitor não se perca em meio aos fatos e à importância dos mesmos, vale apontar que a descoberta de Renan por Durkheim ocorreu bem antes do início da pesquisa que resultaria na escritura de *Da Divisão do Trabalho Social*. Todos os nomes citados contribuíram no desenvolvimento da tese de Durkheim. Nossa intenção no presente capítulo, reitero, é demonstrar o conjunto de influências que levaram Durkheim a dar tais ou quais forma e feição a essa obra. Porém, a maneira como conduzimos nossos argumentos pode gerar dúvidas quanto à seqüência a vida e da obra durkheiminianas. Por essa mesma razão, apresentamos a cronologia resultante de nossa pesquisa como anexo I e sugerimos sua consulta ao longo do texto⁴¹.

Justamente por isso, pode-se afirmar que a década de 1880 traz importantes elementos para o sistema durkheiminiano. Durkheim toma contato com o positivismo comtiano entre 1880 e 1882, depois de ter sido apresentado à filosofia ainda por Boutroux, por Fustel Coulanges e por Renouvier, o que já faz de Durkheim um discípulo metódico e consciente dos poderes e do papel da ciência frente ao mundo. Além disso, os livros de Ernest Renan mostram-lhe que certas divagações sobre a questão nacional seguem o rastro dos estudos para os quais fora iniciado pelos pensadores supracitados durante o conturbado período da história francesa vivido por Èmile Durkheim; período este que, segundo Lacroix, faria de Durkheim um ávido pensador político, pronto a dar respostas práticas e aplicáveis ao contexto do qual fazia parte e no qual procurava se engajar como um intelectual pronto a conceber e ditar as preposições que acreditasse necessárias e cabíveis. Pode-se afirmar que o projeto durkheiminiano é “filho da década de 1880” sendo concebido e gestado durante os treze anos seguintes a 1880 ao fim dos quais defende sua tese doutoral, consequência de um esforço paciente e constante que leva Durkheim a se qualificar em outras ciências humanas como a psicologia de Theodule Ribot e de Wilhelm Wundt, além da economia e do direito dos socialistas de cátedra.

⁴¹ Dos autores consultados, apenas Bernard Lacroix faz menção a Renan, porém de maneira contundente. Pela interpretação de Bernard Lacroix, a obra de Durkheim é consequência direta do veemente anseio de responder a “pergunta de Renan”, tendo por foco a França da Terceira República. Segundo a mesma interpretação, toda a obra durkheiminiana tem patente coloração política e republicana, perpassando todos os seus escritos, sem exceção. Por falta de espaço e no intuito de evitar falhas de nossa parte, sugerimos a consulta de Lacroix (1986).

A Alemanha ao final do Século XIX era um respeitável país com potencial bélico avançado, ciências em franco desenvolvimento, uma forte economia e um “espírito nacional” que fariam dela um país vencedor. O reconhecimento francês da superioridade alemã - como maior resultado da derrota para o país vizinho na guerra de 1870/71, que resultara na assinatura do tratado de Frankfurt e na anexação de províncias francesas pelo oponente - inspirava grande curiosidade pelos progressos científico-culturais do país vizinho, curiosidade responsável pelo périplo àquele país de intelectuais franceses que se sucederam neste tipo de jornada nos anos 80 do Século XIX. Logo, era patente, na França de Durkheim, todo um esforço nessa direção, como se percebe pelos comentários que fizemos no tocante à modernização das instituições francesas pela Terceira República.

Em 1885, no intuito de preencher lacunas deixadas por sua própria formação, Durkheim licencia-se da docência em Bordeaux, voltando para Paris, cidade onde empreende pesquisas e realiza contatos com intelectuais preocupados, assim como ele, com os rumos da Terceira República e do sistema de ensino francês. Graças a essas pesquisas, Èmile Durkheim é convencido por Louis Liard a viajar para a Alemanha, como faziam os intelectuais daqueles tempos. Liard era um dos intelectuais franceses preocupados com o estudo científico da sociedade, além de nutrir grande preocupação com os rumos da França e, sobretudo, com a “reconstrução moral” que a Terceira República se propunha a empreender em seu país⁴². Em comum, Durkheim e Liard buscavam soluções para o problema pedagógico do país, especialmente no âmbito dos estudos superiores⁴³.

Citando a oportunidade da viagem de Durkheim à Alemanha, Lacroix é radical ao dizer que a obra de Durkheim só pode ser compreendida por aqueles que consideram as repercussões dessa viagem para a formulação durkheiminiana. O mesmo Lacroix ainda acrescenta uma crítica a outros comentadores de Durkheim que vêem no episódio do traslado à Alemanha algo menos significativo do que a magnitude que tal périplo representa para a vida intelectual de Durkheim. Segundo Lacroix, existia ainda um segundo significado extremamente importante nesta jornada, pois com ela o jovem professor faria uma “peregrinação a suas fontes”⁴⁴. Se até a ocasião de 1885, Durkheim não tivera contato direto com cientistas e filósofos alemães, isso não fora empecilho à iniciação do professor loreno ao

⁴² Alpert (1986, p. 44-45).

⁴³ Alpert é enfático em relação ao contato entre Durkheim e Liard, a ponto de frisar que em um único encontro Liard convenceria Durkheim da necessidade de se encaminhar à Alemanha como melhor forma de conhecer os progressos no ensino superior de filosofia que ocorriam no país vizinho.

⁴⁴ Mesmo antes de sua viagem à Alemanha, Durkheim tivera contato com a obra de alguns pensadores alemães, os quais ainda não foram citados em virtude da forma como estamos construindo nosso argumento. A seguir, além de referências importantes à visita à Alemanha, paulatinamente retificaremos a falta que propositalmente cometemos à quisa de uma melhor compreensão do argumento.

pensamento alemão, sobretudo aquele que lhe era contemporâneo, tendo em vista a própria necessidade francesa de melhor conhecimento da realização científica do país vizinho que há quinze anos impunha derrota à França em razão de sua superioridade científica e tecnológica. É nesse sentido que Lacroix aponta o final de 1885 como a oportunidade de Durkheim “conhecer suas fontes” além da fronteira do Reno⁴⁵, para minuciosa investigação em relação ao “estado da arte” das “ciências positivas da moral” naquele país.

Revisão de antigos temas de estudo, aprofundamento de outros ou mesmo iniciação a disciplinas que até aquela ocasião lhe eram estranhas. Essas são as conotações que melhor registrariam o sentido da estadia alemã de Durkheim, permitindo que a vejamos de uma maneira mais ampla; é justamente esse novo âmbito de interpretação que faz jus aos próprios interesses de Durkheim que se envereda pelas ciências sociais de forma incisiva desde 1880 com as leituras de Comte e com o progressivo aprofundamento da temática renaniana, sendo que esta última tornar-se-á dentre todas as direções pelas quais seguiram as cogitações de Durkheim até 1885, a que ganhara relevo em meio a sua “aventura alemã”. As pesquisas e os contatos em solo germânico colocaram nosso pesquisador frente ao positivismo alemão em algumas de suas variações, como na jurisprudência, na economia ou na psicologia, ramos científicos que ponderavam as ciências através de vieses distintos daqueles adotados pelas suas similares franco-britânicas, acentuado o interesse de Durkheim, uma vez que a paulatina investigação sobre a “natureza da nação” ganharia das ciências germânicas novos e relevantes contornos⁴⁶.

Tal positivismo trazia a possibilidade da investigação empírica da realidade, diferentemente da mera especulação filosófica do humanismo e da ilustração das ciências tal como entendida pela velha acepção francesa do Segundo Império, combatida por Renouvier, por Fustel de Coulanges ou mesmo por Boutroux – e seguramente Durkheim entusiasmou-se por detectar variações científicas tais como as de seus antigos mestres ou mesmo pelo neocriticista que encabeça a lista acima. Vale apontar que não apenas através desses intelectuais Durkheim havia adotado predicação empírica para o tratamento da sociedade. Em relação à experimentação psicológica isso também ocorrera antes mesmo da viagem à Alemanha.

⁴⁵ Lacroix (1984; p. 84-85).

⁴⁶ A investigação sobre a natureza da nação foi a grande tônica científica de Durkheim, respondendo pelos principais trilhos que percorre sua obra. Alertamos, porém, que o desenvolvimento desta tônica será parcial neste capítulo com tratamento complementar na terceira parte deste trabalho.

E é de Theodule Ribot o nome associado a mais essa influência científica por Durkheim. Proeminente pensador, Ribot foi um dos fundadores da revista de filosofia⁴⁷ da qual Durkheim fora colaborador antes do surgimento de *L'Année Sociologique*. Inclinado para investigações em áreas fronteiriças, Ribot enveredou-se pela área de psicologia, desenvolvendo experimentos. Severo crítico em relação ao exercício da ciência, esse pesquisador defendia a empiria mesmo para a psicologia. E ia mais longe, quando afirmava que a vida psíquica não trazia apenas marcas do psiquismo individual, mas também mantissas adquiridas da própria sociedade. Tal proposição seria desenvolvida mais tarde por Durkheim ao tratar das representações individuais e coletivas. Além disso, percebe-se a influência de Ribot na concepção durkheiminiana do método sociológico⁴⁸. Ribot foi um dos que indicaram tópicos específicos para serem estudados por Durkheim na Alemanha, alertando-o para os experimentos do laboratório do professor Wundt, em Leipzig, para o qual concorriam estudantes de toda a Alemanha.

Na Alemanha, as ciências sociais oferecem novas acepções e possibilidades de estudo para Durkheim em meio a sucessivos exemplos de prática científica e de reflexão da sociedade. Além da psicologia de Wundt, Durkheim trava contato direto com a interpretação social dos socialistas de cátedra. Levando em consideração esses últimos, a formulação social durkheiminiana transforma-se em direção a uma concepção “orgânica e hiper-realista” da realidade⁴⁹.

Graças a isso, a própria reflexão acerca da natureza da nação sofre modificações que se firmariam em 1886 com a formulação do primeiro esboço da tese doutoral a respeito dos laços sociais nas sociedades contemporâneas. Se, até então, Durkheim havia sido conduzido por Renan à reflexão política, como insiste Lacroix, tal reflexão ainda não tivera, até 1885, forma definida e sofreria reformulações em consequência do estágio em solo alemão. Na série de esboços da tese de Durkheim, iniciada no ano anterior, já se coloca Durkheim contra a teoria econômica clássica, propondo a concepção social que marcara sua obra, a sociedade como um ser *sui generis*, como potência moral que se atualiza através da própria organização sob a qual se arranjam os indivíduos.

⁴⁷ A *Revue Philosophique* foi uma importante revista de divulgação filosófico-científica. Recorrentemente, Durkheim teve artigos e resenhas publicados por aquela revista, inclusive os resultados de sua viagem à Alemanha.

⁴⁸ Henry Alpert, ao comentar a postura que Durkheim assumira em sua obra em relação à psicologia, deixa evidente a ascendência de Ribot sobre a perspectiva assumida por Durkheim qual se inspirou em Ribot para a formulação do método sociológico. Além disso, a própria noção de patologia empregada por Durkheim em sua obra também é devida ao mesmo cientista. (Alpert, 1986; p. 41-43).

⁴⁹ Domingues (2004).

Aquela pergunta de Renan, “o que é uma nação?”, sofre variações e reformulações. “Qual a relação entre indivíduo e sociedade?” é, segundo Bernard Lacroix, uma das últimas das variações assumidas pela questão renaniana em virtude dos estudos de Durkheim entre 1885 e 1886. Com esse único exemplo de variação a que se submetia a indagação feita por Durkheim, suscitamos ao leitor o que Lacroix apresenta detalhadamente. As variações resultantes do estudo de Durkheim inserem-no em esferas cada vez mais densas da questão relativa à existência da própria sociedade, enquanto grupamento vivo de indivíduos e, ao mesmo tempo, distinto da soma dos mesmos. A sociedade tem vida própria, pois é uma síntese, articulada e mantida por ideais que se apresentam independentemente dos indivíduos que lhe dão vida e forma. A tal concepção já estão acostumados aqueles que já tiveram contato com a obra durkheiminiana, a qual somente simula a originalidade desse tratamento, pois Durkheim é tributário daqueles com quem tomaremos contato adiante, ao trazer a lume outros pensadores alemães, além da concepção social com a qual se coadunavam.

A concepção econômica do pensamento alemão vigorosamente divergia daquelas suscitadas a ocidente da própria Alemanha, o que fazia da economia clássica uma grande aberração frente àquilo que os alemães concebiam como sendo a sociedade⁵⁰. Ao contrário do atomismo liberal de Thomas Hobbes e de Adam Smith, o pensamento social alemão, presente em várias disciplinas que iam do direito à psicologia, passando pela economia, era presidido por uma concepção orgânica e macro-social que entendia a sociedade como um “ser vivo” e com características próprias, bem ao modo como Durkheim apresentaria a mesma concepção em sua tese doutoral, deixando patente parte da origem de seu pensamento. Não parando por aí, essa mesma concepção social se estendia aos moralistas alemães que viam na sociedade um somatório de crenças e ideais capazes de articularem e de aglutinarem a sua volta os indivíduos que a compunham, arranjando-os de maneira diversa daquela que os mesmos se colocariam frente à frente numa “disposição natural”.

Já que nos referimos a Wilhelm Wundt, comecemos nossa incursão pela “ascendência alemã” do pensamento durkheiminiano por esse psicólogo e moralista. Moralista, porque os alemães concebiam a própria sociedade como um verdadeiro esteio das paixões e de outras idiossincrasias humanas através do arcabouço moral que a constituía. Considerando tal arcabouço como independente e externo aos indivíduos, Wundt era um

⁵⁰ Lacroix (1984).

exemplo do moralismo positivista alemão, cujo objetivo era fundar a ciência da moral a partir da observação empírica da sociedade, como nos assevera Lacroix ⁵¹.

Uma ciência moral era o que Wundt pretendia criar em meio a seus experimentos de psicologia, fato que aguça em muito Durkheim em meio a aulas e práticas que ministradas pelo cientista alemão⁵². Ao narrar os principais pontos do périplo alemão de Durkheim, Lacroix registra que o rompimento de Durkheim em relação aos “refinamentos dialéticos de Kant e dos utilitaristas” ocorreu em virtude do contato com Wilhelm Wundt.

Percebe-se que, na Alemanha, Durkheim começa a angariar os aparatos metodológicos e racionais com os quais poderá operacionalizar as hipóteses e os apontamentos que os professores da Escola Normal Superior preconizavam para instrumentalizar as ciências na França e, por conseguinte, armar a Terceira República de ferramentas com as quais preparariam o povo francês para um renascimento nacional. Fora esse o intuito que levara Louis Liard a orientar Durkheim para Alemanha, a fim de que este se instruisse das ciências positivas, para que, ao regressar, pudesse contribuir de maneira prática para a formação de uma nova geração francesa preparada para colocar o país no caminho do crescimento e da democracia.

Tal renascimento se calcaria em valores capazes de direcionar o povo durante a travessia que ligaria o conturbado pós-guerra de 1870/71 a um novo momento cívico no qual os ideais republicanos estariam em pleno fervor, contribuindo para uma marcha do crescimento francês e para a recolocação da França no rol das nações européias. Esse intuito, latente entre os republicanos franceses, movia Durkheim febrilmente em território alemão, fazendo-o somar o positivismo e a moral de Wundt com outras descobertas oriundas do contato com o pensamento social alemão.

O sociólogo deve separar-se de suas prenoções ao estudar a sociedade, tratando os fatos sociais como coisa. Esse conceito dado por Durkheim entre as entrelinhas do prefácio de *As Regras do Método Sociológico* muito tem haver com os experimentos de Wundt e com preocupação deste último em relação ao levantamento de dados e ao rigor científico. Com a influência de Wundt, Durkheim consegue progressos em relação aos seus estudos sobre a sociedade, afastando-se cada vez mais das abstrações de Kant, de Comte e de Espinas⁵³. A

⁵¹ Alpert (1981; p. 48)

⁵² Atento à sugestão de Ribot, Durkheim consegue fazer parte de um grupo de alunos do professor Wundt.

⁵³ As principais críticas a estes e outros pensadores que tratam do método científico ou mesmo da própria sociedade do Século XVII ao Século XIX relaciona-se ao nível de abstração e ao nível de generalização destes estudos. Mesmo em relação a “sociólogos” que o precederam, como Spencer e Espinas, Durkheim deixa claro que tais estudiosos ainda realizaram pesquisas “pouco específicas” sem tratar de sociedades concretas e

“positivação da sociedade”, sugerida pelas ciências sociais alemãs, abre caminho para o método sociológico tal como Durkheim o conceberia. A filosofia dos socialistas de cátedra leva Durkheim a confirmar certas suposições sugeridas por Fustel de Coulanges referentes à relatividade histórica. Isso traz para Durkheim novas conotações às indicações sobre a sociedade feitas por intelectuais franceses e ingleses anteriores a ele; uma vez que, agora, ele próprio poderia, com o material recolhido na Alemanha, elaborar um tipo de reflexão social à base de “materiais de trabalho precisos”⁵⁴, concebendo a sociedade como um complexo indiferenciado “religioso, ético e prático”.

Interessante reparar como essa afirmação consubstancia grande parte do trabalho de Durkheim ao longo de sua carreira. Se analisarmos cada uma das palavras do destaque teremos referências aos estudos de religião realizados mais ao fim da carreira de Durkheim e às reflexões sobre a ética e a moral que deram origem a resenhas publicadas logo após o retorno da Alemanha. Por outro lado, caso ponderássemos somente sobre a última palavra destacada, voltariamos a já apontada necessidade de Durkheim contribuir para a consolidação da Terceira República de uma maneira ao mesmo tempo científica e prática. Voltaremos a tocar neste aspecto no próximo capítulo, quando analisarmos o “programa de pesquisa científica” de Durkheim.

A concepção social trazida por Durkheim da Alemanha estaria acalcada em fatos oriundos da própria realidade social, que seria a origem dos dados utilizados pela ciência para propor formas de intervenção e de modificação da mesma realidade, assim como explicações a seu respeito. Durkheim agora reunia condições para pensar a sociedade como um “sistema moral auto-gerado”, caso respeitasse os postulados e as indicações recebidas pelo positivismo alemão. Porém, se Wundt e sua metodologia direcionavam Durkheim para a “positivação da sociedade” ainda nos falta esclarecer alguns ajustes que o próprio autor fizera graças às contribuições de mais alguns alemães, pois esses conotavam a importância das representações sociais como amálgama social, responsáveis pelos laços que impedem a desestruturação da sociedade pelos interesses individuais destacados pela economia clássica. Lembre-se o leitor que o professor francês aponta o prestígio das representações sociais, o valor que elas detêm frente aos indivíduos como meio de aglutinação dos mesmos; ao mesmo tempo em que fornecem os atributos psíquicos que aqueles devem compartilhar, dando-lhe a sensação de identidade e de pertencimento a um grupo. O próprio Durkheim, no *Prefácio à Segunda*

determinadas. A obra de Durkheim deve ser entendida, sobretudo em relação ao método, como uma reação à abstração e à generalidade dos estudos científicos realizados nos últimos dois séculos que o precederam.

⁵⁴ Lacroix (1986, p. 59)

Edição de As Regras do Método Sociológico e em outros pontos do mesmo livro, refere-se ao prestígio do qual são dotadas as representações sociais e de como a consciência coletiva por elas formada é distinta das consciências individuais.

Esse mesmo prestígio vai dar à sociedade uma existência própria e separada dos indivíduos que a compõem, permitindo ao analista tratá-la como ser diferenciado e submetido a variações tão específicas como determinadas pela sua própria natureza. Absorvida por Durkheim do Direito e da Economia alemães, tal concepção social é a organizadora e a impulsionadora de seu pensamento; uma vez que as implicações dessa mesma concepção desdobram-se por instâncias distintas do tratamento sociológico ao mesmo tempo em que lhe oferece consistência e unidade frente aos vários postulados ou regras sobre os quais se erige. A natureza *sui generis* a qual se refere Durkheim é a “natureza moral da sociedade” - calcada sobre o prestígio das representações coletivas. Assim, a própria sociabilidade torna-se um dos focos de estudo da sociologia.

Em seu livro sobre Durkheim, Henry Alpert informa-nos que Durkheim não se propôs a elaborar uma “ciência da moral” a partir do nada. Ao contrário, o professor francês soube muito bem se valer do progresso das ciências e da filosofia alemãs durante a elaboração daquela tarefa, resultado de sua viagem à Alemanha. Alpert insinua que Durkheim trabalha como um parteiro em relação à sociologia, uma vez que aproveitara dos esforços anteriores que corriam no mesmo sentido que sua pesquisa ou mesmo dos que a reorientaram mediante os argumentos que foram apresentados a Durkheim⁵⁵.

Justamente por isso e como Wundt, Durkheim passa a estudar a moral social com as concepções adquiridas das ciências alemãs, fazendo da mesma moral um objeto positivado. O estudo positivo da moral pelo sistema positivo-filosófico alemão foi de grande valia os objetivos do excursionista francês. À medida que aceitava e tomava para si o pensamento dos cientistas alemães, Durkheim elaborava sua própria concepção social e um sistema filosófico-científico a ela referente, moral e empiricamente sustentado. Por isso mesmo, ele enxergava a moral tal como Wundt, para o qual essa tem por objetivo “adaptar os indivíduos uns aos outros e assegurar o equilíbrio e a existência do grupo”⁵⁶. É justamente a partir de tal objetivo da moral que Durkheim vai conceber e elaborar seu conceito de *solidariedade social*, certo tipo de vínculo socialmente construído através do qual as partes sociais mantêm-se organizadas e integradas, ao mesmo tempo em que se dirigem umas às outras.

⁵⁵ Alpert (1986, p. 49)

⁵⁶ Alpert (1981, p.76) Tradução minha.

Com isso, podemos perceber como vai se fechando o sistema que se delinea com a pesquisa das ciências sociais alemãs. Consideramos a percepção que aí se delinea como vital para uma compreensão mais profunda, não só da obra de Durkheim como um todo, mas também – e, principalmente – de vários dos pontos que a compõem. E, mesmo sabendo que ainda nos falta avançar mais sobre o pensamento de Durkheim, já não é difícil perceber de onde surge um dos principais conceitos de sua obra – não pela frequência de sua utilização ao longo da mesma, mas sim pela posição estratégica ocupada no seu sistema. Segundo certos estudiosos, como Parsons⁵⁷, o conceito de “solidariedade social” desenvolvido e utilizado em sua tese doutoral fora praticamente abandonado, já que desaparece nas obras posteriores. Arrisco-me a dizer que isso possa ser uma compreensão superficial da obra de Durkheim, visto que com *Da Divisão do Trabalho Social* ele inaugurava a sociologia tal como a concebera como resultado de seus estudos entre 1892 e 1893; pois o referido conceito é um pressuposto da concepção social durkheiminiana e, caso tratássemos da sociedade contemporânea, também trataríamos de forma latente da “solidariedade orgânica”. Prosseguindo em nossa análise, poderíamos mesmo alicerçar outros conceitos durkheiminianos ao de “solidariedade” como os de “representação social” e “coerção social”.

Com a viagem à Alemanha, Durkheim descobre as “condições de existência social” com as quais trabalhava a jurisprudência e a economia social alemãs. A Economia clássica e a economia alemã divergiam frontalmente em suas concepções básicas e, entre estas, estava a concepção de sociedade. A “concepção solidária” da sociedade, retirada do socialismo de cátedra, nunca será abandonada por Durkheim, embora seu conceito central de “solidariedade social” seja discutido diretamente apenas no primeiro livro de Durkheim⁵⁸.

Os juristas alemães contribuem para a pesquisa durkheiminiana, quando apontam variações do direito em decorrência da estrutura e da composição de uma sociedade. Uma das necessidades de Durkheim é sanada, relativa à sustentação dos juízos a cerca da realidade social a partir dela própria ou de quaisquer traços ou índices que para ela apontem. A grande

⁵⁷ Parsons (1968).

⁵⁸ É vital para nossa argumentação a detalhada discussão do conceito de solidariedade social em decorrência da sua concepção a partir dos “estudos alemães” realizados por Durkheim. Ao mesmo tempo, consideramos essa tarefa tão minuciosa e necessária que a deixaremos para a última parte de nosso trabalho. De qualquer forma, é possível dizer que, com sua tese doutoral, Durkheim responde a pergunta de Ernest Renan. Mas ao invés de se preocupar com a “nação” propriamente dita, Durkheim elabora variações para a pergunta renaniana, a ponto de se voltar para a sociedade e tomá-la como alvo de suas preocupações. Justamente por isso, em seu livro Durkheim procura as condições de sustentação da sociedade. Lacroix em seu estudo da obra de Durkheim indica a preocupação política que permeia o trabalho de Durkheim, apontando-o como um pensador político que acaba fundando uma nova ciência em função das especificidades do seu projeto intelectual. Por essa perspectiva, a sociologia é uma consequência inesperada do ardor político e científico de Durkheim, que encontra os “vínculos sociais” como resposta-chave para suas indagações a respeito da “natureza da nação”.

contribuição para a tese de Durkheim é a orientação de tomar o direito como índice da solidariedade social. Em sua tese, Durkheim junta contribuições do direito e da economia germânicos, ao mesmo tempo em que vai contra as abstrações da economia clássica e do direito natural, como insinua Parsons em suas discussão sobre a sociologia durkheiminiana ao lembrar que era a Hobbes que Durkheim combatia em momentos importantes de sua tese.⁵⁹

Enquanto a economia clássica e o direito natural tratavam a sociedade a partir de perspectivas distintas e excludentes, o mesmo não acontecia com as “ciências do espírito” alemãs. Essas concebiam a sociedade a partir de um denominador comum, a moral, que dava o sustentáculo social e solidário à “existência humana“. Destacar essa última expressão é apontar a conotação a partir da qual as ciências alemãs viam a sociedade, e essa conotação era dada pela existência comum e partilhada dos seres humanos a ponto dos mesmos necessitarem uns dos outros, tal qual a “existência social complementar” apontada pela tese durkheiminiana. Coisa totalmente distinta e ainda divergente era apontada pela economia clássica e pelo jusnaturalismo de Thomas Hobbes, os quais defendiam o atomismo e uma ação individual cuja racionalidade desconsidera o bem comum ou mesmo a relação entre os vários fins que se apresentam nas relações sociais – tornando-se importante apenas a relação meios-fins dividida por cada sujeito na sociedade⁶⁰. Como resultado de seus “estudos alemães”, coloca-se Durkheim contra essa concepção social e tenta entender a sociedade conforme a ótica alemã, como uma potência de normas que guia os indivíduos em meio a um arcabouço de valores e de representações psíquicas capazes de orientar a ação humana na consecução de seus objetivos, ao mesmo tempo em que adequa esses últimos àquela mesma existência social a qual apontávamos anteriormente. Assim, nada mais lógico que indicar na existência humana um caráter moral devido sua premissa social subjacente – já que existir socialmente é coexistir e cooperar com outros, fato que implica e pressupõe posturas e ações moral e socialmente aceitáveis.

É dessa forma que Durkheim associa visceralmente moralidade e socialidade, tal como os alemães com que mantivera contato. E entre esses o contato com Wundt é fundamental pelos postulados deste último que Durkheim toma para sua concepção social, tanto em relação à moral quanto ao modo de se praticar ciência. Wundt tinha por objetivo “positivar”, construindo uma ciência dos fatos morais. Para Wundt, “a reflexão social deve se basear em materiais precisos, passíveis de observação”, como se pode intuir do que o próprio

⁵⁹ Parsons (1968).

⁶⁰ Monteiro de Oliveira & Quintaneiro (2002, p.28)

Wundt já dizia em 1887 ao publicar sua *Ética*⁶¹. De certa forma, a economia alemã fazia como Wundt ao procurar na história fatos necessários a suas reflexões e a suas descrições baseadas no princípio da indução histórica – E essa fora mais uma das postulações dos professores da Escola Normal Superior confirmada pelas ciências alemãs.

Traduzindo as concepções dos “preceptores” alemães de Durkheim, chegaríamos a postulação de que a teoria e a experiência devem se irmanar na atividade científica, propiciando um diálogo entre teoria e prática⁶². Vale perceber o quanto Wundt e sua concepção positivista influenciam Durkheim. Lacroix sugere que, a partir da aceitação por Durkheim dos fundamentos metodológicos e das posturas científicas de Wundt, aquele pesquisador francês rompe com as posturas kantianas que lhe foram apresentadas pelas leituras de Charles Renouvier e ainda toma posse de uma metodologia capaz de fazer frente às especulações abstratas da economia clássica: se Wundt via a necessidade de fundamentar positivamente a ciência da moral, esse mesmo cientista apresenta a Durkheim a possibilidade de fundamentar moral e positivamente a sua sociologia. Essa fundamentação apontará em direção à coletividade, em direção ao todo social, ou, num sentido mais durkheiminiano, em direção ao “ser-síntese” que é a sociedade, cujo “psiquismo” interessa investigar.

Psiquismo, porque a vida coletiva também é uma vida psíquica, embora tenha um substrato coletivo ao contrário da psicologia individual. E, não apenas é vida psíquica, como esta se baseia em leis indutíveis, conforme as lições de Wundt, a partir de fatos os quais se relacionam diretamente às “crenças sociais fundamentais”, mais tarde chamadas por Durkheim de representações coletivas. É aquele psiquismo e seu funcionamento que o sociólogo visa a conhecer e a compreender a partir da análise sociológica, sendo vital, para isso, a possibilidade de identificação das mesmas crenças e da maneira como elas se apresentam ao observador. E, para fazer isso, tornam-se de capital importância os ensinamentos metodológicos de Wundt e as experimentações que Durkheim acompanha no laboratório daquele cientista. Além disso, o mesmo conduz suas experiências com o mesmo rigor e a mesma precisão que seriam predicados mais tarde por Durkheim em *As Regras do Método Sociológico*, ilustração que o próprio Durkheim fizera na condução das pesquisas relativas ao direito em sua tese de doutoramento.

É com Wundt, pois, que Durkheim recolhe a condição metodológica necessária ao seu distanciamento do “diletantismo da ilustração” - alvo das suas críticas desde os tempos da Escola Normal Superior – avançando agora sobre os dados da própria realidade social.

⁶¹ Lacroix(1984, p.58)

⁶² Lacroix(1984, p.59-61)

Consegue, com isso, operacionalizar as próprias “crenças fundamentais” que dão vida ao “psiquismo social” ou, se preferirmos, à própria sociedade, enquanto ser autônomo e distinto dos indivíduos. Mas também é necessário perceber que tais indivíduos não dão, por si mesmos, o substrato à sociedade. Entre esta e a mera reunião daqueles existe uma grande diferença qualitativa e identitária. Justamente essa “identidade social” seria o resultado da *síntese* dos indivíduos *sui generis* mencionada de forma veemente por Durkheim ao defender o método por ele concebido e elaborado para fazer frente a outras concepções científicas que também pretendiam analisar a sociedade. Mas, segundo Durkheim, essas mesmas concepções pecavam por não dotar a sociedade da identidade individualizada que seu método preconizava, tratando-a como ser distinto e com características próprias. Ele próprio somente conseguira isso após a jornada entre os anos de 1885/86, na qual estuda direta e proximamente as concepções do socialismo de cátedra alemão com sua respectiva concepção social, compartilhada na Alemanha por distintas disciplinas, como o direito, a ciência da moral, a economia e a própria psicologia de Wundt. Todas essas têm como substrato ou objeto a moral, utilizando-se desta conforme as especificidades de seu domínio científico.

Se já apontamos que Durkheim fora conduzido aos seus estudos pelo impulso das especulações renanianas a respeito da “natureza da nação” e de suas características em meio a situações vividas frente à realidade francesa, frisamos também que tal impulso seguia na direção de conceber e de desenvolver meios pelos quais a realidade social pudesse ser investigada e compreendida. Em parte, ao mencionar a aproximação de Durkheim a Wundt e os tributos resultantes da mesma aproximação, indicamos como a positivação da sociedade “viera a calhar” para as pesquisas desenvolvidas pelo jovem cientista francês. Porém, sabemos que a “invenção da sociologia” não pode apenas ser entendida apenas a partir do que foi posto, haja vista a importância do socialismo de cátedra para a concepção social defendida por Durkheim em sua obra. A sociologia não é apenas a positivação da sociedade, conforme postulada pelo método de Wundt. De fato, a sociologia tem uma concepção bem específica de sociedade, a qual designamos anteriormente pelo termo “concepção solidária”, em virtude da sua vinculação necessária ao conceito de “solidariedade social”, desenvolvido em *Da Divisão do Trabalho Social*. Aquela mesma concepção e sua construção serão pontos específicos da discussão que realizaremos em nosso terceiro capítulo.

Capítulo 2

O Projeto de Durkheim: Uma Intervenção Científica Sobre a Realidade Social

Na volta da Alemanha em 1886, Durkheim tinha as mãos cheias para o trabalho que ele e os republicanos teriam pela frente, já que trazia consigo material suficiente para responder às suas indagações mais frequentes, as quais compartilhava tanto com muito de seus compatriotas como com os intelectuais comprometidos com a sustentação e a consolidação da Terceira República. A percepção da moral como mola-mestra do funcionamento da sociedade e como sustentáculo necessário às relações sociais faria Durkheim e “sua ciência” caírem nas graças dos republicanos, reservando-lhes um papel nos planos da República, em especial aos tocantes ao ensino superior.

A concepção do “social” que Durkheim traz da Alemanha seria fecunda em solo francês, fazendo com que os resultados de sua pesquisa se anunciassem primeiro, na forma de artigos publicados⁶³ assim que regressou à França, e, depois, na forma de sua *Da Divisão do Trabalho Social*, pela qual o autor advogaria a revisão das formas de produção industrial como necessária para a reorganização da sociedade francesa. E estes trabalhos funcionariam como o estopim de uma obra conjugada à carreira docente que iriam dos anos 80 do Século XIX a 1917.

Chamaremos de “intervenção durkheiminiana” ao conjunto de atividades ou tarefas auto-impostas e paulatinamente realizadas pelas quais Durkheim vem a executar os delineamentos científicos resultantes de sua “estadia alemã”, delineamentos esses cruciais, em sua opinião, não apenas para a consolidação do regime republicano, mas também para a criação de uma “ciência da sociedade” cujos resultados práticos contribuiriam para a reconstrução francesa.

Com o termo “intervenção durkheiminiana”, procuraremos também apontar pelos menos duas coisas importantes para nosso objetivo. Uma delas advém do cuidado que em demonstrar a importância de Durkheim dentro de um processo que já se dava e que se daria mesmo sem sua participação, mas que, graças a mesma, chegou aos resultados que hoje nos permitem associar - ou identificar quase exclusivamente - o nome de Durkheim com tal processo⁶⁴. Referimo-nos ao processo de “emergência das ciências sociais” ocorrido na

⁶³ Estes dois artigos foram publicados na *Revue de Methaphisique*, editada por Ribot. Um deles, publicado recentemente no Brasil, será um dos fundamentos para a explanação que faremos no próximo capítulo.

⁶⁴ Vargas (2000) demonstra com argúcia o processo de “emergência das ciências sociais” na França, delineando um quadro onde vários personagens atuam concomitante e até concorrencialmente não apenas pela concepção de uma ciência da sociedade, como pelo seu desenvolvimento sob os cânones científicos. Além da criação e de tal

França a partir da virada dos Séculos XVIII/XIX, processo que teve como um dos resultados a institucionalização da sociologia no sistema universitário francês. Tal emergência na França foi um processo lento e constituído por avanços e por retrocessos pelo menos até a década de 1880⁶⁵, na qual a Terceira República toma as rédeas do sistema educacional em todos os seus níveis como um dos meios através dos quais se processaria a paulatina substituição dos pilares do Antigo Regime pelas bases sobre as quais se fundamentaria a República⁶⁶, com a universalização do ensino e o processo de laicização do mesmo levando ao distanciamento da Igreja das atividades ligadas ao ensino.

O segundo ponto importante em nossa interpretação está na apresentação do projeto durkheimiano com fins prático e militante em relação à sua forma de conceber a ciência como a sociedade. Deste modo, iremos ao encontro de um Durkheim muito diferente daquele pesquisador geralmente apontado pelos manuais - cuja assepsia científica lhe impediria de intervir na realidade a partir da ciência. Muito pelo contrário, o exercício de uma sociologia voltada para identificação e correção dos problemas sociais é o que Durkheim realmente preconizava em seus estudos. E tal sociologia ainda tinha um alvo específico ao atuar sobre a realidade: a investigação da moral como meio para atingir seu duplo objetivo de conhecer a realidade social para, a partir daí, modificá-la. Isso é o que pode parecer estranho ao leitor desarmado e habituado aos manuais de sociologia, em virtude da omissão dos pontos do programa de Durkheim e da relação que os mesmo a mantêm entre si. Logo a seguir, veremos que o *programa de pesquisa científica* de Durkheim visava a construção de uma verdadeira ética positiva. Será nossa tarefa, neste e no próximo capítulo, a apresentação de elementos que tornem possível tal entendimento do projeto de Durkheim.

O que vale para a investigação do objeto – a assepsia científica na identificação e na coleta de dados - pode não valer para a aplicação de seus resultados, uma vez que esta seria orientada segundo critérios ou valores relativos à concepção do “social” que baliza todo o

concepção, esse processo de emergência culmina com a institucionalização das mesmas ciências no interior do aparato pedagógico construído pela Terceira República, onde o grupo formado por Durkheim, parceiros e discípulos consegue assento na universidade. O mesmo Vargas atribui a ênfase e o destaque que o grupo durkheimiano consegue a partir daí pela importância como a tradição sociológica dá a isso, em virtude dos próprios valores hoje existentes na academia e no círculo a ela referente. O artigo de Vargas) e o livro correlato (Vargas; 1995, 2000) são uma tentativa de contribuir para a desmitificação do grupo durkheimiano e, principalmente, de jogar luzes sobre outros autores e pesquisadores que contribuíram e atuaram para o processo de “emergências das ciências sociais”, sobretudo Gabriel Tarde, autor cuja importância para as ciências sociais francesas Vargas resgata.

⁶⁵ Caso procurássemos identificar a origem desse processo remontaríamos às últimas décadas do Século XVIII, quando surgem as primeiras vozes contra ideais iluministas na Europa e, particularmente, na França. Neste país a “problematização do social” começa ainda com os primeiros socialistas ou mesmo com os primeiros movimentos “feministas”, mas sua teorização iria despontar com Saint-Simon e com Comte. Cuin & Grelle (1994), Vargas (1995), Vargas (2000), Lallement (2004).

⁶⁶ Vargas (1995), Vargas (2000).

projeto durkheiminiano em aspectos que não o propriamente sociológico. Por essa razão, esse projeto e suas peças serão temas desta segunda parte da nossa exposição. Como cada ponto do projeto, que Durkheim aplica ao longo de sua carreira, tivera suas ramificações, nossa exposição passará pela demonstração da inter-relação de suas partes em funcionamento, com maneira de melhor indicar o projeto durkheiminiano como uma tentativa de “instaurar a sociologia como ciência empírica autônoma”⁶⁷. Nessa oportunidade, ficará reforçada para o leitor a impressão de que o nosso personagem foi um homem de sua época, trazendo para a ciência a problematização da “questão social” francesa, tão premente e aguda durante os tempos da Terceira República que o governo republicano incentivava-lhe a ganhar respostas úteis à condução do país e a sua estabilidade interna, frágil durante todo o decorrer do Século XIX. Nossa argumentação seguira a hipótese levantada por Edward Tiryakian em sua demonstração do projeto durkheiminiano⁶⁸.

Em seu artigo, Tiryakian cobre rapidamente três pontos pelos quais indica que o projeto durkheiminiano poderia ser representado. Cada um desses pontos seria uma das metas principais de Durkheim ao traçar seu sistema filosófico-científico:

- a) “estabelecer a sociologia como uma disciplina científica rigorosa”;
- b) “proporcionar a base da unidade e unificação das Ciências Sociais”;
- c) “proporcionar a base empírica, racional e sistemática da religião da sociedade civil moderna” – a partir de uma moral laica”⁶⁹.

Tomaremos a hipótese de Tiryakian como modelo esquemático a ser desenvolvido, ao mesmo tempo em que traremos elementos adicionais, substantivando nossa argumentação. Fazendo isso, apontaremos a coerência interna do “projeto durkheiminiano”, ao mesmo tempo em que diremos o que o projeto era e significava não apenas para o próprio Durkheim mas também para aqueles que, seguindo-o de perto, deram origem e forma ao grupo de pesquisadores que ficaria associado a alcunha “Escola Francesa de Sociologia”. Em nosso trabalho, o termo “Escola Francesa de Sociologia” ou simplesmente “Escola Francesa” referir-se-á ao grupo formado por Durkheim e por seus seguidores, que se sobressaiu ao adentrar na universidade francesa em meio ao processo de institucionalização da sociologia

⁶⁷ Domingues (2004, p.20).

⁶⁸ Em seu artigo, Tiryakian cobre rapidamente três pontos pelos quais indica que o projeto durkheiminiano poderia ser representado. Cada um desses pontos seria uma das metas principais de Durkheim ao traçar seu sistema filosófico-científico: “a) estabelecer a sociologia como uma disciplina científica rigorosa; b) proporcionar a base da unidade e unificação das Ciências Sociais; c) proporcionar a base empírica, racional e sistemática da religião da sociedade civil moderna” – a partir de uma moral laica (Tiryakian 1980; p.283-284).

⁶⁹ (Tiryakian 1980; p.283-284).

no sistema de ensino francês. Autores como Vargas⁷⁰ referem-se à impropriedade do termo “Escola Francesa de Sociologia” e à mitificação que o mesmo termo confere ao grupo durkheimiano, ao mesmo tempo em que oferece uma visão parcial da história das ciências Sociais na França. Mas como o mesmo Vargas admite, o termo, embora impreciso, consagrou-se pelo uso. De nossa parte, concordamos com Vargas quanto à impropriedade do termo e quanto à idéia errada que o mesmo possa dar em relação à história das ciências sociais na França, argumentos bastante fortes em nossa opinião. Mas nossa pesquisa indicou que devíamos adotar o termo em relação ao grupo de Durkheim, seguindo o exemplo tanto da literatura brasileira como o da literatura estrangeira⁷¹.

Ao se pensar no estabelecimento da sociologia, geralmente pensa-se no desenvolvimento da mesma tal como funciona hoje. Infelizmente, esse é um erro comum, reforçado por muitos dos textos introdutórios às ciências sociais e, sobretudo, à Sociologia. Tais textos são responsáveis por uma idéia equivocada a respeito de Durkheim, passando a idéia de um “positivistão”⁷² e “campeão de método”. Nada pior do que encarar “um autor clássico” com os olhos de hoje, uma vez que isso diminui em muito a sua riqueza e mesmo sua profundidade, ao deixarmos de entender os problemas com os quais teve que se arranjar à época do surgimento da disciplina. Como indicávamos em nota anterior, as ciências sociais passaram por uma longa gestação, iniciada com as primeiras críticas ao movimento iluminista.

⁷⁰ Vargas (2000).

⁷¹ Cardoso de Oliveira (1997). Levi-Strauss (1956).

⁷² Domingues (2004; p.190).

2.1 O estabelecimento da “ciência do social” como argumentação pós-revolucionária

A partir da Revolução de 1789, o volume da produção de conhecimento relativo ao “social” teve incremento na França. De fato, esse tipo de produção ocorreu num impulso crescente pela importância que o tema recebia com o esforço daqueles preocupados com a organização da sociedade. As mudanças ocorridas a partir do final do Século XVIII tocaram a base constitutiva da sociedade francesa, promovendo a alteração dos vínculos sociais, dando uma nova substância à estrutura social. O ordenamento social alterou-se com velocidade a ponto de pensadores como Joseph de Maistre, Louis de Bonald, Henry Saint-Simon e Auguste Comte⁷³ indicarem a necessidade de intervenção no desenvolvimento social de modo a incrementar a velocidade de sua modificação e, ao mesmo tempo, garantir seu direcionamento. Tais autores diferiam quanto à forma proposta de intervenção nos rumos revolucionários, colocando-se os dois primeiros no rol daqueles a favor do retrocesso e da correção dos rumos revolucionários em favor do estado social existente sob o Antigo regime; já Saint-Simon e Comte, como veremos, eram menos radicais, aceitando certas modificações ocorridas com a Revolução, as quais ainda deveriam, segundo eles, serem aperfeiçoadas através da ciência.

Martins⁷⁴ pontua que de Maistre e de Bonald estavam entre os pensadores contrários aos ideais do Iluminismo, pois atacavam várias dos princípios centrais do receituário iluminista. A crítica à modernidade feita por esses e outros pensadores reacionários se calcava em pesquisas por eles mesmos realizadas e que resultavam numa teoria social que focava as instituições basilares do Antigo Regime, como a família e a religião. Por isso, partidários de uma visão conservadora, Joseph de Maistre e Louis de Bonald descartavam o eventual progresso trazido por algumas modificações sociais e tecnológicas, como o urbanismo, a indústria, a nova ciência e o próprio igualitarismo propalado pelos defensores dos novos direitos civis. Louis de Bonald colocava-se contra o individualismo exacerbado, deixando patente seu antiindividualismo ao afirmar que a sociedade tinha primazia sobre o indivíduo. Postura parecida mantinha Joseph de Maistre, ao apontar que o erro dos iluministas encerrava-se na postulação de uma filosofia que cultuava o homem abstrato e sem relação direta com a sociedade. Esse autor ainda questionava o prestígio iluminista dado à razão, apontando que o fundamento e a estabilidade sociais repousariam sobre a tradição. De Maistre ainda se colocaria contra a nova forma de

⁷³ Lallement (2004).

⁷⁴ Martins (1984).

organização social, uma vez que para ele, a sociedade organizada em ordens deveria ser preservada, pela hierarquia equilibrada de suas funções da antiga sociedade, da unidade orgânica e das obrigações recíprocas⁷⁵.

Os principais pontos das críticas conservadoras serviram de referência para aqueles que, sendo favoráveis à nova ordem político-econômica que se implantava na Europa, iniciariam o pensamento sociológico. Entre esses se destacam Henry de Saint-Simon e Auguste Comte, os quais rechaçavam parcialmente as idéias dos conservadores, ao mesmo tempo em que se coadunavam, em certos termos, com a necessidade da manutenção da ordem. Ambos indicavam a necessidade de uma correção dos rumos revolucionários com a finalidade de minorar as conseqüências do período transitório em que se encontrava a sociedade francesa em favor de um novo estágio, em que o industrialismo, como sugere Saint-Simon, ou o estágio positivo da sociedade, conforme a filosofia da história de Comte, indicariam os rumo a serem tomados pela sociedade, a partir das mudanças necessárias a serem implementadas.

Saint-Simon foi um dos pensadores que trouxeram o socialismo para a França, ao mesmo tempo em que imaginava uma nova forma de cristianismo, tentando resgatar o esquema da organização social baseado no catolicismo⁷⁶. Entusiasta do industrialismo, o pensador recebeu influências tanto iluministas como conservadoras, sendo tributário do pensamento de Louis de Bonald. Para Saint-Simon, a sociedade pós-revolucionária estava entregue à anarquia, em razão da grande instabilidade das relações que passaram a vigir na sociedade. Em virtude disso, o grande problema a ser enfrentado pela França era a reinstalação da ordem social. Saint-Simon indicava a possibilidade do revigoreamento dos vínculos sociais a partir de forças que já estavam em atuação na sociedade francesa. Por isso, apontava o industrialismo como fonte de revitalização da sociedade. Segundo Saint-Simon, era mais vantajoso priorizar o nascimento de uma nova ordem social do que regressar a uma sociedade fundamentada nos moldes do Antigo Regime. Justamente por isso, Saint-Simon advoga que a grande reforma social ainda estaria por vir, uma vez que, para esse pensador, a crise da sociedade européia ainda estava em andamento. Três aspectos da sociedade detêm a atenção de Saint-Simon, o econômico, o religioso e o simbólico - mesmo sabendo que o aspecto econômico tinha primazia momentânea sobre os demais, em razão do momento por que passava a França e a Europa, onde a religião e o próprio sentido das relações sociais estavam sob acirrado questionamento.

⁷⁵ Lallement (2005; p.64-65). Martins (1994; p. 38-9).

⁷⁶ Lallement (2005; p. 93-94).

Antes mesmo de Auguste Comte, Henry de Saint-Simon já trazia a bandeira do positivismo, com a qual a razão teria posição privilegiada no processo do conhecimento⁷⁷. Em termos práticos, o sistema de Saint-Simon visava à transformação da natureza, garantindo a satisfação individual. Em relação à constituição de uma ciência “do social”, é possível indicar alguns pontos através dos quais Saint-Simon influenciaria tanto a Auguste Comte quanto a Èmile Durkheim, caracterizando o sistema positivista que reapareceria na obra destes dois últimos. Tais pontos, além de fazer clara referência às ciências da natureza e indicar procedimentos daquelas ciências que deveriam ser utilizados também na construção de um conhecimento científico a respeito do “social”, eram perceptíveis através das postulações positivistas na obra de Saint-Simon, que sugeriam:

a) a constituição de uma ciência do homem, baseada em fatos observáveis e passíveis de discussão, com o que o homem poderia melhor conhecer a si mesmo;

b) que a sociedade deveria ser encarada como uma máquina organizada, ao invés de um simples aglomerado de seres humanos. As partes desse aglomerado contribuiriam diferentemente para seu desenvolvimento e para o conjunto formado pela soma dos indivíduos. Desta maneira, tal conjunto deve ser considerado como um ser em si mesmo, separado e independente dos indivíduos que o compõem;

c) que essa mesma sociedade deve ser encarada como um *sistema* cujos componentes são interdependentes;

d) que a sociedade está submetida à lei de evolução, passando por estágios historicamente sucessivos.

Considerando as referências teológicas e sociais do Antigo Regime, a grande motivação para sistematização científica de Saint-Simon surgiu de sua percepção relativa ao avanço da ciência em vários campos, mas não em relação ao homem e à sociedade. Para Saint-Simon, os frutos do conhecimento científico relativos ao homem e à sociedade seriam vitais para o estabelecimento de uma nova ordem social, a partir de um estudo tributário dos mesmos métodos de investigação das ciências naturais, conhecimento cuja finalidade seria descobrir as leis do progresso e do desenvolvimento sociais. Um dos principais problemas a serem estudados e resolvidos pela nova ciência seriam os conflitos resultantes da industrialização e da nova organização social. Caberia à “ciência da sociedade” medidas paliativas e corretivas, capazes de levar a sociedade a sair desse período de conflito, cabendo a cientistas e a industriais o protagonismo em relação a essa nova fase pela qual a sociedade

⁷⁷ Cuim & Gresle (1994). Lallement (2003).

teria seus problemas sanados através da aplicação do conhecimento positivo sobre os fatos que a definem.

A grande diferença do pensamento social francês surgido ao longo do Século XIX frente às concepções dos séculos anteriores deve-se ao abandono das perspectivas normativa e finalista anteriores relativas à proposição de uma organização social ideal. Se um pensamento voltado para a realidade e baseado no conhecimento científico da sociedade já era proposto por Saint-Simon, os argumentos em prol do conhecimento positivo da sociedade, baseado em leis e capaz de propor alternativas a partir da própria realidade social, ganham força com Auguste Comte, cuja filosofia positiva é sistematizada entre 1830 e 1842, tanto em forma de curso como numa obra composta por seis volumes⁷⁸.

Comte tem suas fontes em Saint-Simon, de quem foi secretário durante a juventude e com quem rompeu relações em virtude de discordâncias referentes ao pensamento social. Comparada à obra de Saint-Simon, a obra de Comte ganhará forte sistematização e maior coerência interna ao trazer para as ciências humanas a sistematização e a metodologia das ciências naturais. Comte manifestava um profundo apreço pela empiria⁷⁹, na qual a atividade científica deveria estar muito bem fundamentada e sem a qual, de acordo com Comte, nenhum tipo de conhecimento sobre a realidade poderia se estabelecer.

Argumentando sobre a importância de Comte como precursor da sociologia, Galliano ressalta a concepção de natureza encerrada no positivismo comtiano, embora ainda fosse dominada pela perspectiva filosófica, aproximando seus estudos daqueles filósofos que, anteriormente à Revolução, dispensavam esforços para a criação de uma ciência “do social”⁸⁰. O que distinguiria a obra de Comte e seu sistema positivo em relação à perspectiva filosófica dos Séculos XVIII/XIX é o avanço em direção à ciência, embora ainda incompleto. Auguste Comte conseguira caminhar no sentido da definição do objeto científico, da formulação do método e ainda na determinação da posição que a “nova ciência *do social*” ocuparia no rol das ciências já estabelecidas. Por fim, Comte ainda conseguiu registrar o neologismo *Sociologia* como o “nome de batismo” da nova ciência, o qual seria utilizado mais tarde por Durkheim, embora com certo contragosto em razão da má repercussão a sua época do pensamento comtiano.

⁷⁸ Cuin & Gresle (1984; p. 31).

⁷⁹ Domingues (2004).

⁸⁰ Galliano (1981; p. 30).

A filosofia positiva⁸¹ propunha um tipo de conhecimento que se diferenciava da filosofia iluminista, negadora das instituições sociais existentes no Século XVIII, contra a qual a filosofia positivista colocou-se⁸². Reagindo assim às tendências iluministas e revolucionárias, Auguste Comte preocupava-se em *organizar* a realidade a partir da ordem social existente durante o Antigo Regime, diferentemente dos iluministas, que a menosprezavam⁸³. Assim como Saint-Simon, Comte acreditava que os elementos da nova ordem deveriam ser paulatinamente introduzidos na sociedade, através de uma ação conjunta entre cientistas e industriais.

Para Auguste Comte, a Revolução trouxera modificações parciais que precisavam ser completadas. O grande perigo destas modificações parciais estava na coexistência de elementos relativos tanto à antiga estrutura social quanto de elementos que dariam sustentação à nova estrutura social. Exemplo das primeiras tentativas de ordenação da sociedade pela via racional, o positivismo comtiano calcava-se na *Lei dos Três Estágios*, postulada pelo próprio Comte. Ele entendia que a sociedade francesa passava por uma transição que precisava ser completada sob pena do agravamento da desestruturação social do país⁸⁴.

Lallement lembra que a postulação por Comte desta lei é uma tentativa de síntese das posições reacionárias e progressistas em relação aos acontecimentos sociais. Por trás deste postulado estão as noções de “estática social” e de “dinâmica social” relativos, respectivamente, às idéias de “ordem” e de “progresso”, caras ao positivismo. Graças à “idéia de progresso”, Comte assevera que o desenvolvimento humano passaria por três estágios: o teológico, o metafísico e o positivo, nessa ordem. As noções de “estática social” e de “dinâmica social” darão origem as noções de “morfologia” e de “fisiologia” sociais, próprias do organicismo, e mais tarde utilizadas por Durkheim.⁸⁵

Procurando estabelecer os princípios que norteariam o conhecimento humano, Comte propunha uma filosofia que auxiliasse a ciência, ao refletir sobre seu método e sobre seus resultados. O objetivo da doutrina de Comte era organizar a sociedade. Daí o surgimento e a proposição da sociologia por parte do filósofo francês em cujos trabalhos apareciam lado a

⁸¹ Dissertando sobre o positivismo, Domingues (2004) sublinha que o positivismo comtiano traz consigo “a necessidade de que todo juízo sobre um estado de coisas ou pronunciamento sobre o mundo seja confirmado pela experiência (daí o termo *positivo*, e por derivação a palavra *positivismo* (...))”. Domingues (2004; p. 168). Grifos do autor

⁸² Martins (1994).

⁸³ Martins (1984; p.45).

⁸⁴ Domingues lembra que as ciências humanas constituídas durante o Século XIX observaram “os cânones os ideais de um positivismo difuso já com livre curso nas ciências naturais”, fazendo da empiria a sua mola-mestra, utilizada no intuito de atingir a generalização progressiva. (Domingues; 2004, p.180).

⁸⁵ Lallement (2004; p. 75-76).

lado a filosofia e a sociologia⁸⁶ no esforço da reorganização social, principal tarefa do filósofo e do cientista positivistas⁸⁷. Não é por outro motivo que um dos pontos altos do positivismo era a conciliação entre “ordem e progresso” dos quais mutuamente necessitava a sociedade nessa sua nova etapa evolutiva. A sociologia comtiana concebia a ordem existente como ponto de partida para a construção da sociedade e, como corolário, para as mudanças propostas pela nova ciência, a partir de seu emprego e dos seus estudos, os quais apontariam na direção das conseqüências do próprio processo evolutivo da sociedade ocorrido até então, para o qual a ciência apenas estaria contribuindo pela catalização dos elementos sociais já existentes.

O positivismo adotou a metáfora orgânica para a melhor compreensão da sociedade, como um sistema complexo e composto por vários órgãos, cujo ordenamento e cuja harmonia intrínseca davam condição para seu funcionamento⁸⁸. Essa franca adesão ao organicismo irá marcar profundamente o positivismo, a ponto da metáfora organicista ganhar importância não só no pensamento comtiano, quanto na primeira fase da obra durkheimiana, justamente durante a qual Durkheim empreende grande esforço para a construção e consolidação da Sociologia como disciplina científica. Nesse sentido, o trabalho epistemológico de Durkheim é considerável em razão de duas tarefas principais por ele abraçadas:

a) demonstrar que a Sociologia poderia ser um tipo de conhecimento muito mais profundo que o senso comum a respeito da realidade social;

b) desenvolver instrumentos racionais e metodológicos através dos quais a própria sociologia pudesse operar, enquanto ciência.

Justamente em meio ao desenvolvimento da segunda tarefa, a utilização de metáforas fora útil, construindo e utilizando analogias orgânicas nos pontos em que o raciocínio sociológico ainda não tinha argumentos científicos *stritu sensu* ou mesmo quando se ressentia da falta de conceitos ou argumentos devidamente elaborados para a consecução de suas análises e explicações relativas à sociedade. .

Assim, a filosofia positivista de Comte e a sociologia de Durkheim, inspirada na primeira, fazem do paradigma organicista o *programa diretor das ciências humanas*,

⁸⁶ Não é por acaso que a menção à nova ciência surge pela primeira vez no sexto volume do *Curso de Filosofia Positiva* de Comte.

⁸⁷ Cuin & Gresk (1994).

⁸⁸ Essa mesma concepção do “organismo social” seria adotada adiante por Durkheim em seu sistema intelectual, sendo uma das idéias-força da sua concepção sociológica. (Domingues; 2004).

encarando a sociologia como uma extensão da biologia⁸⁹. Dessa maneira, Comte e Durkheim estão entre os positivistas que preferiram aproximar as ciências humanas da biologia, ao contrário de outros que se utilizaram do paradigma fisicalista⁹⁰. Tal aproximação já se encontrava nas obras de Spencer e de Saint-Simon, este último preocupado com a formalização de uma “*fisiologia social* que teria como objeto o estudo dos *organismos* sociais e consideraria os organismos individuais *órgãos* de um *corpo social*(...)”⁹¹.

De maneira geral, o positivismo, em suas variações, pode ser caracterizado por um “apelo à experiência” a partir da qual a razão operaria pela extração direta dos seus dados sob pena de cair no vazio das abstrações metafísicas. Fundando o próprio conhecimento, essa mesma experiência forneceria a matéria-prima da ciência, além dos meios necessários para *validar, retificar e ampliar* o conhecimento assim obtido. Por meio de procedimentos como estes, o cientista “rompe com o senso comum” e com o conhecimento empírico, fundando e estabelecendo um novo conhecimento não apenas a partir da observação e da experiência, mas também calcado na abstração teórica e na racionalização pautadas nos dados da realidade. Justamente para que isso possa ocorrer de maneira regrada e metódica, o programa positivista para as ciências humanas baseia-se em “regras e condutas que ajustem o particular e o fático, instalados pela observação, ao universal e ao abstrato, que nos levam à teoria ou ao mundo com ela ou através dela”. Desta maneira, a experiência seria, para os positivistas, a suprema fonte de dados, sem os quais a razão operaria sobre o vazio. Por isso, a experiência fundaria o próprio conhecimento, oferecendo, via dados, os meios para sua de validação: “a observação metódica e a indução amplificadora”⁹².

Vários autores utilizaram o organicismo em seus estudos sobre a sociedade, uma vez que noção de *organismo social* “permitia uma conceitualização da sociedade e de suas relações com os indivíduos, ao mesmo tempo em que adornava a sociologia com uma metodologia científica associada à ciência biológica”⁹³. Associando o organicismo à sociologia, diversos autores ampliavam seu campo de estudo ao mesmo tempo em que traziam para a “ciência do social” ainda incipiente possibilidades de “extensões metafóricas” através das quais seus estudos ganhariam “ares de cientificidade”, razão pela qual o mesmo organicismo fora utilizado pelos autores que iniciaram seus estudos da sociedade

⁸⁹ Durkheim toma a biologia como disciplina paradigmática, tomando-a como exemplo bem-sucedido de ciência, passível de imitação. De forma ainda mais precisa, a sociologia de Durkheim tomo o corpo-orgânico (organismo) de empréstimo a biologia, adaptando-o às necessidades epistemológicas do seu projeto científico. (Domingues, 2004).

⁹⁰ Domingues (2004, p.173).

⁹¹ Vargas (2000; p.102). Grifos do autor.

⁹² Domingues (2004, p. 170-172). Grifo meu.

⁹³ Vargas (2000; p.104).

anteriormente, concomitantemente ou mesmo com o nascimento da sociologia, enquanto ciência. Esses autores utilizaram do organicismo em seus estudos sobre a sociedade, como Le Play e como Spencer, tomando-a como um organismo. Vemos outro exemplo deste “organicismo sociológico” em *Das Sociedades Animais* de Alfred Espinas. Vargas ainda assevera que “o impacto do organicismo foi fundamental para fazer da sociologia uma ciência independente e auto-suficiente”⁹⁴, a ponto de nem mesmo Durkheim escapar de se valer da metáfora organicista em sua teoria sociológica, como constata-se com a leitura de *Da Divisão do Trabalho Social* ou mesmo de *As Regras do Método Sociológico*.

Mesmo utilizando-se prioritariamente de metáforas organicistas, é possível constatar em alguns momentos a aproximação da sociologia durkheimiana da física, tal como fizeram as várias ciências sociais que se utilizaram da orientação positivista no estudo da sociedade. Um exemplo é a menção que Durkheim faz às “correntes sociais” tanto em trechos de *As Regras do Método Sociológico* como em trechos de *O Suicídio*. Tais exemplos remetem à adoção, mesmo que momentânea, da Física como disciplina paradigmática em relação à Sociologia no lugar ou paralelo à Biologia. Ainda nesse mesmo sentido, Domingues lembra o título de um dos primeiros artigos de Durkheim, *Sociologia: Física dos Costumes e do Direito*⁹⁵. Veremos ainda no próximo capítulo como os paradigmas orgânico e fisicalista estiveram presentes no início das pesquisas de Durkheim e, conseqüentemente, em alguns de seus primeiros livros, sobretudo em *Da Divisão do Trabalho Social*.

Durkheim fez do “corpo-orgânico” seu *paradigma*⁹⁶, tomando-o emprestado da biologia, como apontamos acima. Isso seria o necessário para investigações em diferentes âmbitos do domínio científico que ele mesmo procurava conformar com suas investigações. Assim fazendo, Durkheim trazia da própria biologia, sempre através da analogia orgânica, exemplos e raciocínios através dos quais poderia pensar e analisar “o social”, este novo domínio científico que procurava desbravar através de seus estudos sociológicos⁹⁷. Durkheim usa da metáfora organicista em pontos cruciais de sua obra no intuito de fundamentar seu argumento, fazendo alusões orgânicas ao se referir à sociedade, além de usar certos registros da própria biologia para designar partes importantes do estudo sociológico como “morfologia social” e “fisiologia social” – também fez uso de noções dicotômicas, como as de

⁹⁴ Vargas (2000; p.105).

⁹⁵ Domingues (2004).

⁹⁶ Aqui usamos o termo “paradigma” tal como proposto por Domingues, quanto esse termo torna-se relativo à teoria em seu sentido lato. Nesse sentido, o termo “paradigma” representa a idéia de organismo ou de corpo-orgânico, retirada da biologia, que “por ser uma ciência mais bem fundada e mais bem-sucedida em seu esforço de conhecer o real (portanto mais científica), funciona como arquétipo ou exemplo a ser seguido” pela sociologia. Domingues (2004; p. 52).

⁹⁷ Domingues (2004; p.64).

“normalidade” e de “patologia” sociais. Ao utilizar recursos metafóricos, Durkheim toma como paradigma a idéia de “corpo orgânico” ou de “organismo” de empréstimo da biologia, tornando-o o “princípio ordenador de sua teoria”. De tal forma, compreender a saúde do corpo é uma meio através pelo qual se torna possível conceber um discurso científico sobre a permanência da sociedade, sobre sua coesão e sobre a solidariedade de suas partes componentes.

Em meio à teorização de Durkheim, o uso de metáforas organicistas torna-se fundamental, uma vez que Durkheim não pode se utilizar de um *corpus teórico* pré-estabelecido. Antes de Durkheim, outros autores utilizaram-se da metáfora organicista em seus estudos sobre a sociedade, como os franceses Alfred Espinas e Jean Izouet o alemão Schaeffle e o polaco-austríaco Ludwig Gumplowicz⁹⁸, autores de obras estudadas por Durkheim durante sua formação ou mesmo durante sua estadia na Alemanha. A utilização da metáfora organicista permite ainda pensar o todo social como uma unidade⁹⁹. Giannotti lembra que, através da metáfora organicista, “cada sociedade é um animal no vigor de suas forças, cujos órgãos se especializam para cobrir os carecimentos, a fim de que os indivíduos que a compõem possam gozar duma situação privilegiada que nunca poderiam alcançar se estivessem isolados”¹⁰⁰.

A necessidade de distinção da Sociologia em relação a outras ciências humanas ainda iria explicar a própria tomada de posição de Durkheim frente a várias disciplinas, como a Filosofia, a Geografia, disciplinas contra as quais a própria Sociologia teve que fazer frente em meio ao processo de institucionalização. Em relação à nascente Psicologia, Durkheim também teve que travar batalha, desta vez em relação à constituição de um domínio próprio de investigação e de atuação necessários ao reconhecimento da Sociologia como disciplina científica independente. A institucionalização aconteceu em meio aos campos do Direito e das Letras, que já estavam muito bem demarcados, os quais estavam em disputa quanto à incorporação das ciências sociais em suas respectivas faculdades. Uma segunda disputa repetia-se internamente ao campo das ciências sociais pela hegemonia relativa sendo motivo e alvo de polêmicas e de disputas internas de seus agentes e grupos que dele faziam parte¹⁰¹.

⁹⁸ Lallement (2004; p. 151).

⁹⁹ Para a economia alemã, a sociedade era um verdadeiro *organismo sui generis* com natureza e personalidade próprias e a ciência econômica preocupa-se com o organismo social e, por decorrência, com a organização coletiva. (Lacroix, 1984).

¹⁰⁰ Giannotti (1975; p. 87).

¹⁰¹ Tanto Vargas (2000) quanto Lallement (2004) fazem referências ao vários participantes em disputa pela hegemonia discursiva no interior das ciências sociais no período em análise, o que nos faz julgar desnecessário entrar nos pormenores da questão. Mais uma vez, recomendamos a consulta aos autores supracitados.

A luta pela constituição e pela demarcação de um domínio próprio da Sociologia esteve entre as primeiras tarefas realizadas por Durkheim mediante a concretização de seu “projeto científico”. Nesse sentido a mesma tarefa pode ser entendida como um conjunto de ações coordenadas e orientadas em várias direções. Vargas assinala a conjugação por Durkheim de posições ontológicas, epistemológicas e institucionais no sentido de concretizar suas pretensões em relação à sua disciplina, a fim de “(...) torná-la capaz de contribuir para a salvação moral e política das sociedades modernas (...)”¹⁰². Durkheim fazia isso num contexto em que a “sociedade” fora inventada como entidade abstrata e passível de tratamento racional, de modo que a sociologia se voltava ao problema epistemológico relativo à criação de conceitos e ao detalhamento do método necessário a sua própria atividade científica.

Não é por acaso que, na obra de Durkheim, este esforço de constituição da disciplina fica patente não apenas com as investigações por ele realizadas e transformadas em livros, no caso do suicídio e naquele em que investiga os fundamentos da religião, como nos casos da reação de Durkheim às críticas ao seu trabalho - quando se vê forçado a fazer incrementos em seus livros, como nos casos de *Da Divisão do Trabalho Social* e de *As Regras do Método Sociológico*, livros que tiveram, cada um, a necessidade de um segundo prefácio. Na segunda edição de cada um dos livros citados, Durkheim lança mão de um novo prefácio, onde corrige interpretações incorretas de sua obra, combate críticas e reafirma posições metodológicas e ontológicas para o tratamento científico da sociedade.

Sustentando sua posição em relação ao novo campo científico que lutava para constituir, posição esta pela qual a sociedade era vista como um ser *sui generis* independente ao mesmo tempo em que fazia parte da realidade estudada pelas ciências naturais. Além disso, a concepção social relativa àquela mesma posição tomava a sociedade como um núcleo formado por representações coletivas e códigos morais, os quais seriam reflexos do “núcleo emotivo” da própria sociedade.

Dentre as direções referidas acima, nas quais Durkheim empreendia seu “esforço fundacional”, estava aquela relativa à distinção em relação às formas literárias de produção de saber¹⁰³. Anteriormente, falávamos da aversão que o diletantismo ocasionava entre os muros da Escola Normal Superior, onde estudara Durkheim e contra o qual ele mesmo se colocava antes mesmo do seu ingresso na citada instituição. Torna-se patente a aversão que Durkheim sentiria em relação ao diletantismo no campo do “social” que estava se constituindo durante o Século XIX. Nesse sentido, o confronto com as “formas literárias” de produção de saber

¹⁰² Vargas (2000; p 143-144).

¹⁰³ Vargas (2000; p. 73).

relativas ao “social” fora inevitável. Esse afastamento em relação à mera literatura acabou constituindo um conseqüente recurso à constituição da sociologia como disciplina científica. A necessidade dessa constituição do “social” como objeto de um novo campo privilegiado do saber colocava-se na “ordem do dia”¹⁰⁴, já que a mesma poderia ser vista como sinal dos tempos a partir do Século XVIII, que chega ao seu fim embalado pelos “acordes” revolucionários e trazendo consigo tanto tentativas de recondução à antiga ordem como especulações referentes à consolidação, mesmo que parciais, dos resultados da Revolução Francesa como apontado anteriormente.

A distinção e o concomitante distanciamento da “ciência do social” relativos à literatura diletante trariam ao campo das ciências sociais novo alento em relação a sua “sedimentação epistemológica”. Quanto à necessidade de constituição desse campo aludida há pouco, pode-se lembrar o quanto a mesma era tributária do questionamento moral que os acontecimentos recentes faziam à própria sociedade, sobretudo quanto ao poder e à eficiência da moral vigente, que dava sinais de “enfraquecimento” desde a virada dos Séculos XVIII/XIX com a queda da ordem social à qual era correlata. Desse modo, o descompasso entre a nova ordem burguesa que se instalava e a moralidade vigente não poderia ser maior, na medida em que esta última não mais acompanhava os passos da sociedade em direção à reconfiguração dos vínculos encerrados entre seus componentes.

O movimento de ampla objetivação promovido pelo positivismo através de suas vertentes recodificava a própria organização do mundo a partir do redimensionamento da razão em relação ao mesmo, instaurando um novo “sujeito do conhecimento” mesmo que os vários posicionamentos epistemológicos de tal razão atribuíssem a si própria diferentes possibilidades de conhecimento¹⁰⁵. Em relação a uma disciplina do “social”, a nova postura científica foi marcante e correlata à instauração de uma ordem epistemológica que permitira a configuração de uma ordem social, para a qual as antigas proposições não mais faziam eco. Era como se a nova ordem social também instaurasse um novo “mapa cognitivo” acerca da própria sociedade e, com tal mapa, uma nova matriz codificadora da mesma ordem, jogando por terra as explicações teológicas ou tradicionais anteriormente válidas.

Para Vargas, a produção de saberes referentes ao “social” está associada ao próprio estatuto da verdade que se reinstaurava¹⁰⁶. O autor ainda sugere que, a partir de um deslocamento dos discursos de verdade ocorrido durante os séculos XVIII/XIX,

¹⁰⁴ Vargas (2000; p.79).

¹⁰⁵ Domingues (2004).

¹⁰⁶ Vargas (2000; p.113).

reformularam-se os critérios relativos ao que seria ou não “verdadeiro” em relação à sociedade. Ao mencionarmos acima a instituição de um novo “mapa cognitivo” concernente à sociedade e ao indicar o confronto das ciências emergentes relativas ao “social” com a literatura, deixávamos subentendido esse mesmo deslocamento.

A verdade sempre é historicamente produzida, estando associada a regimes de poder. Sendo assim, qualquer movimento relativo à manutenção de uma ordem ou ao surgimento de uma nova ordem depende de discursos capazes de manter a verdade estabelecida ou de conseguir substituí-la por uma “nova verdade”. Com relação à abordagem científica relativa ao “social” não pode ser diferente, sugere Vargas. Não apenas trazendo um novo estatuto a respeito do que é ou deixa de ser verdadeiro em relação à sociedade, a ciência, durante o Século XIX, está inserida dentro de um novo contexto onde a própria reelaboração do real ocorre a partir de novas pautas, distintas daquelas que se tinham até a “Tomada da Bastilha”. Segundo Vargas, os discursos a respeito da verdade refletem a maneira como o poder se configura na sociedade. Assim sendo, qualquer reconfiguração dos vínculos sociais traria a reboque uma modificação da maneira como o mundo seria visto e explicado, maneira esta fundamentada na nova configuração social.

Dessa maneira, estaria calcado na própria reconfiguração da sociedade francesa o “deslocamento discursivo” responsável pela nova forma de explicação da sociedade, forma esta que já ganhava seus primeiros contornos na França com Saint-Simon e Comte, de um lado, ou com de Maistre e com de Bonald, de outro. Em decorrência desse deslocamento, frutificaram-se as perspectivas científicas a ponto de se constituírem novos domínios científicos, entre eles, o sociológico, em meio a um vigoroso processo de setorização da realidade social e humana, levando à criação de novas disciplinas correlatas a tal processo. Conseqüentemente, a criação de novas disciplinas e a demarcação correlata da realidade levaram a uma redefinição de domínios ontológicos e epistemológicos em relação à sociedade.

Com seu programa de pesquisa e, sobretudo com a sua sociologia, Durkheim também redefine, através de sua sociologia, a forma como inúmeras disciplinas tratam a sociedade. Não somente com a concepção social trazida por Durkheim com a postulação de elementos distintivos que deveriam ser considerados e valorizados para o estudo da realidade social; mas também pela redefinição de objetos que já eram tratados por outras disciplinas e são trazidos para o campo da sociologia, a exemplo do suicídio e da divisão do trabalho. Por trás desse movimento de redefinição disciplinar proposto por Durkheim estava sua luta “contra o diletantismo” no campo das ciências sociais e o esforço pela especialização no

interior do mesmo campo. Para Durkheim era esta mesma especificação dos objetos disciplinares que levariam ao estabelecimento de uma disciplina social distinta dos esforços anteriores de outros estudiosos.

Já no final dos anos 80 do Século XIX, Durkheim teve que se haver com essa profusão de aspectos e de elementos necessários à constituição de um “domínio sociológico”, em virtude da sua tarefa auto-imposta pela qual contribuiria para a consolidação do regime republicano. Para a consecução dessa tarefa, como vimos, Durkheim vem a elaborar uma longa pesquisa que o levará à Alemanha entre os anos de 1885/86. Com a pesquisa, ele chega à conclusão que a remodelação da sociedade francesa deveria se dar a partir das postulações de uma nova ciência, capaz de estudar a sociedade tal qual ela se apresenta, ao mesmo tempo em que indicasse as modificações necessárias ao seu próprio desenvolvimento, levando em conta sua própria realidade. Concomitante à elaboração dessa tarefa, Durkheim tem a influência de inúmeros pensadores, construindo um sistema filosófico-científico capaz de responder às demandas de sua realidade, no sentido da “reconstrução nacional” francesa. A elaboração paulatina desse sistema, iniciada em 1886, tem sua primeira sistematização na forma de uma tese doutoral - apresentada por Durkheim em 1893 e ganhando forma de livro logo em seguida - ao mesmo tempo em que seu autor desenvolve uma série de tarefas que colocarão em prática tal sistema que, baseado no binômio ensino e pesquisa, terá entre seus resultados a formação paulatina de um corpo de pesquisadores preocupados com a investigação do “social”, conforme postulado pelo método desenvolvido por Durkheim.

2.2 Os pontos de um Programa de Pesquisa Científica

Se falávamos antes da constituição de um campo eminentemente “social”, como consequência dos processos da sociedade francesa e partindo das necessidades de controle e de correção sociais advindos daqueles mesmos processos, agora indicamos que o que distingue as tentativas anteriores de fundamentação e de delimitação desse campo da tentativa durkheiminiana relaciona-se a dois componentes fundamentais desta última tentativa: a teoria formulada por Durkheim tanto como o método que a corrobora. Teoria e método são os ingredientes utilizados em meio a sua obra através dos quais ele “cria a sociedade” em nível científico, ao mesmo passo que propõe a maneira de estudá-la. Tais ingredientes possibilitam a solução dos problemas enfrentados pelo sociólogo francês quando da concepção de seu sistema filosófico-científico, problemas esses que poderiam ser representados por perguntas como “o que mantém a sociedade coesa e unida?”, “por qual motivo a sociedade não se dissolve em meio a tanto problemas?” ou ainda “por qual motivo os homens insistem em viver em sociedade, apesar de seus interesses divergentes?”.

Admitindo que os meandros desse sistema filosófico-científico são muitos e que a exposição de cada um deles excederia o objetivo da presente exposição, prosseguiremos detendo-nos apenas sobre os pontos necessários à demonstração de *Da Divisão do Trabalho Social* que faremos no próximo capítulo. Dessa maneira, traremos luzes pontuais em relação à citada obra do sociólogo francês ao invés de apresentar um esquema explicativo geral de seu pensamento. Os meios que nos levarão isso são de duas ordens. O primeiro deles consiste em utilizarmos a trajetória pessoal de Durkheim como chave de seu programa de pesquisa científica, demonstrando como a mesma foi determinada pela história de seu autor e como essa mesma obra pode ser entendida como um diálogo com as circunstâncias do seu tempo e de sua França. Essa foi a via que utilizamos no primeiro capítulo. Durkheim foi um pesquisador ligado a seu tempo e sensibilizado pelas principais questões políticas de seu país. Essa sensibilidade, aliada a sua curiosidade e a seu perfil intelectual, levam Durkheim a se enveredar pelas ciências positivas que estudam a sociedade. Fizemos da exposição realizada no capítulo anterior, correlacionando dados históricos e biográficos, um dos meios para a demonstração das raízes do programa de pesquisa durkheiminiana. Por esse meios, os sentidos que circundam a tese de Durkheim ficaram mais claros.

Mas os mesmos sentidos ainda precisam ser buscados na forma com a qual o programa de pesquisa de Durkheim ganha vida, uma vez que a concepção científica de Durkheim explicará o próprio combate de Durkheim às “ciências sociais” de seu tempo e à forma com a qual elas procediam a investigação da realidade social. É essa mesma concepção

que estamos demonstrando no capítulo corrente através da exposição das influências científicas recebidas pelo francês e pela indicação do próprio contexto científico dentro do qual surge a proposta durkheiminiana. Em relação ao segundo meio que estamos utilizamos nesta demonstração do trabalho de Durkheim, estamos indicando que os trabalhos de Durkheim, ainda no período relativo à concepção de seu sistema filosófico-científico, caminharam no sentido de sistematização do método científico que caracterizaria seus estudos.

A trajetória de vida e a acadêmica de Durkheim, que o levam a abraçar a Pedagogia e a reflexão social, a oportunidade de viajar à Alemanha, conhecendo as “ciências positivas” daquele país, e a síntese por ele feita de tudo o que conheceu, com a formulação de um sistema filosófico-científico, baseados no positivismo de Comte, são os marcos fundamentais da sociologia durkheiminiana e do sistema científico-filosófico do qual ela fazia parte. Tendo isso em mente, resta-nos indicar melhor as relações que os componentes de tal sistema guardavam entre si. Nesse sentido, frisamos primeiro que a sociologia tal como proposta por Durkheim seria a “pedra de toque” da “intervenção durkheiminiana” sobre a realidade social francesa. Em outros termos, poderíamos dizer que a sociologia não existiria por si mesma e nem seus resultados seriam motivados pelo mero exercício daquela ciência. Ao contrário, os resultados científicos resultantes da atividade sociológica seriam o combustível das demais partes do projeto durkheiminiano, cuja origem e cuja razão de ser ligam-se a preocupações com a condução da sociedade francesa. Dito isso, ficará o leitor mais à vontade frente às metas do projeto durkheiminiano, indicadas por Tiryakian e anteriormente assinaladas:

- a) “estabelecer a sociologia como uma disciplina científica rigorosa”;
- b) “proporcionar a base da unidade e unificação das Ciências Sociais”;
- c) “proporcionar a base empírica, racional e sistemática da religião da sociedade civil moderna” ¹⁰⁷.

Analisando melhor cada um desses três pontos do projeto de Durkheim, notamos que, a partir do momento que a “ciência do social” estivesse construída por Durkheim, os resultados obtidos pela sua análise sociológica seriam colocados a serviço de uma reformulação social em moldes muito próximos daqueles predicados por Comte ou mesmo por Saint-Simon. Mas, ao invés de lançar qualquer juízo de valor a respeito de Durkheim em virtude dessa proximidade com esses precursores, indiquemos sua diferença em relação a

¹⁰⁷ Tiryakian (1980; p.283-284)

ambos. Para isso, relembremos dois quesitos ressaltados, “teoria e método”, que diferenciam a proposta *científica* durkheiminiana em relação ao pensamento de Saint-Simon e de Comte. Tal proposta *científica* avança em direção à sistematização teórica e metodológica a ponto de constituir uma nova ciência.

Percebamos a diferença citada a partir de uma rápida ponderação de cada um dos quesitos referidos acima. No que se refere à teoria, Durkheim avança em relação a Saint-Simon e a Comte. Durkheim conhece a obra de cada um dos pensadores e consegue indicar até que ponto cada um dos pesquisadores citados conseguira avançar rumo à teorização e à especificação científica da sociedade. Ainda em relação a Comte, Durkheim faria correções em relação à perspectiva evolucionista, tanto em relação à teoria sociológica quanto ao método por ele desenvolvido, visando à utilização de dados específicos de uma dada sociedade para a realização de estudos científicos sobre um dado contexto histórico. Mesmo considerando que as sociedades se modificam ao longo do tempo, Durkheim, ao invés de se deter com a postulação de uma lei que tentaria explicar a evolução da sociedade como um processo geral e unidirecional, abre mão de elaborar uma “teoria da história”, para, ao invés disso, utilizar-se de dados históricos de uma maneira específica, buscando a explicação de um processo no interior de uma sociedade específica. *Da Divisão do Trabalho Social* é um exemplo dessa especificação promovida por Durkheim em relação aos estudos sobre a sociedade européia¹⁰⁸.

Embora não utilize diretamente postulação teórica relativa à *Lei dos Três Estágios* pela qual Comte assegura uma evolução racional contínua por parte das sociedades humanas, Durkheim adota em relação à empiria a postura indicada pelo positivismo: “sem a empiria não é possível predicação alguma a respeito da realidade”. Como resultado dessa postura, a primeira ação do cientista deve ser aproveitar os dados oferecidos pela experiência através da observação dos passos indicados pelo método científico. Mas em relação ao próprio método positivista, Durkheim também se separa de Comte, ao adotar posturas científicas mais recentes, adotadas por positivistas alemães¹⁰⁹.

Quanto ao método, Durkheim se apodera dos dados oferecidos pela realidade graças a sua perfeita conjugação com a teoria, ultrapassando a postura “científica” comtiana. Além disso, enquanto a teoria da história comtiana já dita ao cientista a forma como cada

¹⁰⁸ Através do mesmo estudo, Durkheim teve a oportunidade de aproveitar os apontamentos de professores como Émile Boutroux e Numa Denis Fustel de Coulanges, assim como de promover o estudo positivo da moral e dos costumes, tal como veremos no próximo capítulo.

¹⁰⁹ Vamos nos deter sobre a relação de Durkheim com as ciências positivas da Alemanha no próximo capítulo, uma vez que suas conseqüências serão fundamentais para nossa exposição sobre *Da Divisão do Trabalho Social*.

sociedade se apresentaria a ele, o método durkheiminiano procura descartar “as pré-noções relativas à realidade”¹¹⁰, levando o cientista a aguçar os sentidos para captar os dados da experiência. Ainda fazendo a sua parte, a teoria indica que a sociedade é uma potência normativa e sede das representações coletivas, fornecendo ao cientista a concepção com a qual ele deve encarar a sociedade durante a atividade científica. As diferenças implementadas por Durkheim em relação a outros pesquisadores que antes deles tentaram explicar a sociedade, podem ser resumidas nos seguintes pontos:

a) a sociedade é um ser que toma forma e ganha substância a partir da interação social. Essa substância é formada e ao mesmo tempo tonificada pelas representações coletivas;

b) A sociedade é a fonte das representações coletivas, seu meio nato de onde elas emergem e onde elas podem vir a se transformar ainda em virtude das mesmas interações sociais.

Entendendo sua distinção em relação às obras de Saint-Simon e de Comte, a obra durkheiminiana faz-se ainda mais clara, sobretudo em seus os livros *Da Divisão do Trabalho Social* e *As Regras do Método Sociológico*. Nestes livros, a teoria e o método durkheiminianos podem ser investigados em sua forma mais “ortodoxa” - ou em sua forma mais “pura”, se preferirmos; uma vez que em dois outros livros bastante conhecidos, *O Suicídio* e *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, o método predicado pelo próprio Durkheim em *As Regras do Método Sociológico* sofre readequações, em virtude da forma como Durkheim recorta e trata seus objetos: o suicídio e a religião¹¹¹. Na verdade, a teoria surge em cada um dos livros citados, à exceção do livro relativo ao método sociológico, onde é inexistente¹¹².

Nos livros, *Da Divisão do Trabalho Social*, *O Suicídio* e *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, a teoria é construída à medida, que o problema é investigado. Em cada um deles, Durkheim usa procedimentos semelhantes, efetuando, paulatinamente, a exposição do problema, o recorte do objeto, e a construção da respectiva “teoria sociológica”. Para isso,

¹¹⁰ Durkheim (2002).

¹¹¹ Não é à toa que Domingues (2004) escolhe estes dois últimos livros citados para proceder uma investigação epistemológica da obra de Durkheim. O mesmo autor justifica essa escolha, demonstrando que em cada um destes livros Durkheim adequa praticamente seu método sociológico ao objeto investigado, chegando mesmo a abrir mão de certos pontos predicados por ele em *As Regras do Método Sociológico* fundando uma “Sociologia da Família”, em *O Suicídio*, e uma Sociologia da Religião, em *As Formas Elementares da Vida Religiosa*.

¹¹² Ivan Domingues, em seu primeiro volume sobre a epistemologia das ciências humanas, indica a maneira como Durkheim constrói a teoria sociológica relativa a cada objeto tratado por seus estudos. O mesmo autor deixa claro que em *As Regras do Método Sociológico*, por não tratar de um objeto específico mas do método de investigação geral utilizado nos estudos sociológicos, Durkheim não tem como desenvolver uma teoria sociológica. Ver Domingues (2004).

coube a Durkheim, em cada um desses estudos, uma série de operações - epistemológicas teóricas e metodológicas-, através das quais a teoria sociológica fora construída¹¹³. Dessa maneira, é lícito afirmar que Durkheim “funda a sociologia” através destas obras, embora com cada uma delas inaugure um campo distinto de atuação disciplinar: a sociologia do trabalho com o primeiro livro, a sociologia da família com o segundo, e a sociologia da religião com o último¹¹⁴.

Segundo Domingues, Durkheim inicia cada um dos livros citados no parágrafo anterior sem poder fazer uso de uma teoria, uma vez que é através deles que a respectiva teoria sociológica será “construída”¹¹⁵. Em cada situação, Durkheim contava apenas com um problema diante de si, relativo ao respectivo objeto, além da necessidade urgente da constituição e da delimitação da própria disciplina científica relativa ao “social”, como visto anteriormente. De fato, a “questão fundacional” tocante a cada objeto colocou-se a Durkheim em cada “situação de conhecimento”¹¹⁶, em relação às quais coube a fundação a sociologia. Sem esta última, mas trabalhando para sua constituição, Durkheim viu-se diante de um contexto conhecido entre os epistemólogos como “contexto da descoberta” no qual, sem poder fazer uso da ciência, o cientista deve

(...) apoiar-se em suas idéias ou noções prévias, lançar mão de analogias em diferentes domínios do conhecimento ou planos do real, aproximar o conhecido (ou o mais conhecido) e o desconhecido (ou o menos conhecido) e esforçar-se por estender a ponte entre o observável e o inobservável ou entre o visível invisível¹¹⁷.

Quanto à divisão do trabalho, ao suicídio ou mesmo à religião, Durkheim encontrou tais objetos entre as humanidades clássicas e entre disciplinas emergentes, pelas quais tais objetos eram tratados de forma difusa, assistemática e mesmo diletante, segundo o autor. Nesse caso, Durkheim teve que estender a cada um desses objetos a perspectiva sociológica, de maneira que sua tarefa se iniciou com a “desapropriação” de várias disciplinas - como a economia, da psicologia, do direito e até da história - dos fenômenos da divisão do trabalho, do suicídio e da religião, ao mesmo tempo em que colocava cada um desses fenômenos sob tratamento sociológico. Por meio dessa dinâmica, Durkheim introduziu novos recortes nos objetos, ressaltando e explorando em relação a cada um deles sua “dimensão sociológica”. Tal redimensionamento satisfazia condições para tratamento

¹¹³ Domingues (2004) indica os procedimentos necessários à tarefa de Durkheim tanto em *O Suicídio* como em *As Formas Elementares da Vida Religiosa*; sendo desnecessário, por isso, descer às minúcias epistemológicas de tais procedimentos.

¹¹⁴ Domingues (2004).

¹¹⁵ Domingues (2004).

¹¹⁶ Domingues (2004; p.204).

¹¹⁷ Domingues (2004; p.204).

sociológico daqueles fenômenos, condições estas que iam desde as postulações sobre a natureza da sociedade, como um campo normativo e como um sistema moral com suas próprias especificidades ontológicas, passando pela extensão aos referidos objetos das características intrínsecas àquele campo, às quais aqueles fenômenos deveriam se sujeitar ao incorporem a qualidade de “fenômenos sociológicos”. Somente após essa operação, a teoria pôde ser construída por Durkheim em cada um dos casos, mostrando a existência de “precondições” necessárias à constituição de uma ciência como a sociologia, assim como reflete a ordem das operações referidas anteriormente e necessárias à constituição do campo sociológico propriamente dito.

No que concerne às características do campo sociológico e às suas necessidades constitutivas, podemos retornar a *As Regras do Método Sociológico* para uma importante indicação: a necessidade de afastamento de todo e qualquer tipo de prenoção que recaia sobre seu objeto científico, para o qual se deveria voltar apenas os sentidos como forma de captação de suas características “empiricamente verificáveis”. O afastamento dos *idola* de Francis Bacon, as prenoções em relação à sociedade, seria uma das primeiras atitudes do cientista em relação ao seu objeto como forma científica de apreensão do mesmo, a partir da qual seria possível as sucessivas operações metodológicas. Esta indicação confluía das intenções de Durkheim ao escrever o livro supracitado, uma vez que se referia às concepções relativas à sociedade que a maioria dos filósofos e cientistas sociais anteriores insistiam em manter e em utilizar durante suas formulações a respeito da realidade social - o que fazia de suas “hipóteses” meras corroborações das noções do senso comum relativas à sociedade, os citados *idola* que Durkheim critica na introdução do livro, ao se referir aos trabalhos de Herbert Spencer, de Jonh Stuart Mill e de Auguste Comte¹¹⁸.

O afastamento das prenoções ou dos conceitos do senso comum é necessário para sua completa substituição pelos fatos, pelas coisas relativas à experiência. É dessa maneira que, no segundo capítulo do seu livro relativo ao método, Durkheim define a “experiência sociológica” e, por corolário, instaura a “possibilidade empírica” da sua ciência. Ele ainda ressalta que o cientista social deve se interessar por fatos e não pela idéias preexistentes do seu objeto, abrindo mão das daquelas idéias em favor dos fatos. Desta forma, Durkheim reafirmava a regra já citada e relativa à reificação dos fatos sociais como precondição de sua objetivação pelo método científico, rechaçando qualquer atitude contrária à regra, uma vez que “os fenômenos sociais são coisas e devem ser tratados como coisas (...)”¹¹⁹ sendo o “(...)

¹¹⁸ Durkheim (2002).

¹¹⁹ Durkheim (2002; p. 51).

único *datum* oferecido ao sociólogo”¹²⁰. Nesse mesmo sentido, o autor procede a completa separação entre o cientista e seu objeto percebendo o último como exterior a si mesmo, como “uma coisa”. Predicando, dessa forma, o início da atividade sociológica, Durkheim, através de seu método, prepara o cientista social, ao mesmo tempo em que lhe instrui, para a consecução da “objetividade” sociológica, para a qual a perfeita “empíria” é um dos fatores, o que torna inseparáveis as duas noções destacadas. Isso porque a objetividade da sociologia torna-se possível através do emprego do método sociológico com o qual os fatos sociais tornam-se identificáveis, perceptíveis, reconhecíveis e passíveis de estudo, conforme o próprio Durkheim indicou com *As Regras do Método Sociológico*.

Enquanto a objetividade refere-se à maneira pela qual os dados serão construídos pela conjunção entre conceitos e método, a empíria refere-se diretamente à distinção que se deve fazer dos dados em relação ao restante da realidade, assim como determinadas redes de pesca, que, dependendo do tamanho de sua malha, permitem a passagem de peixes de certo tamanho, enquanto retêm os peixes de tamanhos diferentes daquele primeiro, os quais lhe interessa pegar. Existe ainda uma segunda operação relativa à construção da teoria que auxilia tanto o método quanto a técnica utilizada nas pesquisas. Referimo-nos ao estabelecimento teórico dos conceitos cujo correlato na técnica é o estabelecimento de indicadores; uma vez que por meio deles se chegará à indicação pela qual os conceitos serão encontrados na realidade empírica pelo cientista, sobretudo nas ciências sociais. Numa pesquisa prática, o cientista estará justamente atrás destes indicadores, pois são estes que têm existência real, sendo procurados ao invés dos conceitos, cuja existência é meramente teórica. O estabelecimento de conceitos e sua operacionalização, através da construção de indicadores, são o fundamento da pesquisa científica, além de serem procedimentos que, viabilizam a atividade científica, quando realizados corretamente.

O acesso à realidade sociológica foi possível ao sistema de Durkheim graças ao seu trabalho em prol da constituição da Sociologia, enquanto disciplina científica, através da definição de seu método e de seu objeto¹²¹. Mas o movimento de constituição domínio sociológico não partiu apenas de Durkheim, mas também de outros cientistas interessados na investigação científica do “social”. Pela demarcação e pela consolidação desse domínio, todos eles tiveram que travar verdadeira batalha, tanto em relação a disciplinas concorrentes como entre eles próprios. Vargas¹²² aponta que este processo de emergência das ciências sociais

¹²⁰ Durkheim (2002; p. 51). Grifo do autor.

¹²¹ Vargas (2000, p. 138).

¹²² Vargas (2000).

contou com vários personagens que deflagraram uma série de ações em prol de seu objetivo, como a fundação de instituições ou de sociedades científicas e a criação de revistas para a divulgação científica¹²³.

Além da constituição de uma “disciplina positiva da moral e dos costumes”, a sociologia, o projeto científico elaborado por Durkheim visava, como segundo empreendimento, proporcionar a base da unidade e unificação das ciências sociais. Para concretizar tal objetivo, Durkheim apostou na criação da revista *L'Année Sociologique* (O Ano Sociológico), cuja uma das funções seria a divulgação anual dos avanços da Sociologia e das disciplinas afins. Tiryakian destaca que a realização dessa revista ocorria em virtude de uma das influências recebidas por seu fundador, uma vez que a idéia de Durkheim não era nova e nem original, mas sim uma reedição de um projeto de Saint-Simon para a renovação da *Enciclopédia*, projeto iluminista de Diderot e D'Alembert¹²⁴. Neste sentido, *L'Année Sociologique* viria a ser uma verdadeira “enciclopédia das ciências sociais”, a partir da qual todo o conhecimento desenvolvido por estas últimas pudesse ser condensado e sistematizado anualmente. Porém, ao aplicar tal idéia para a concretização de seu projeto científico, Durkheim pôde, paulatinamente, reunir sob o projeto da revista inúmeros cientistas preocupados com o melhor entendimento da sociedade, sobretudo franceses e próximos a ele que, igualmente, dividiam pretensões em relação às ciências sociais¹²⁵. Edward Tiryakian, além de nos lembrar que o principal objetivo da revista era “codificar e dar forma a sociologia”¹²⁶, também nos revela que:

a) *L'Année Sociologique* poderia ser vista como um “laboratório sociológico”, pois tivera como colaboradores, em sua maioria, ex-alunos de Durkheim ou discípulos próximos, além de outros cientistas que trabalhavam em áreas correlatas à sociologia;

b) a maioria dos colaboradores da revista não era sociólogo profissional;

¹²³ Referimo-nos aqui não apenas à sociologia durkheiminiana, mas, de modo mais abrangente, a todas aquelas disciplinas, emergentes e promovidas por distintos cientistas franceses, inclusive sociólogos, que vislumbraram a possibilidade e a necessidade de desbravamento do campo sociológico.

¹²⁴ Tiryakian (1980; p.276).

¹²⁵ O alemão Georg Simmel foi um dos cientistas sociais que contribuíram com texto para o primeiro número de *Année Sociologique*, mas a participação do alemão na revista não fora além. Isso pode ser atribuído a grande necessidade sentida por Émile Durkheim de impor sua idéia de como a sociologia deveria operar frente às tentativas similares de outros cientistas sociais, fato que levou a citada revista a publicar somente textos de cientistas que se coadunavam à perspectiva científica durkheiminiana. Mas em relação a Simmel, uma segundo razão ainda deve ser vista como mais forte para impedir que o autor tivesse novos artigos publicados na revista criada por Durkheim, a necessidade de demarcação da sociologia frente às *ciências do espírito* alemãs, uma vez que França e Alemanha tiveram relações abaladas após Guerra de 1870, situação que não fora minimizada mesmo com as sucessivas excursões de cientistas franceses à Alemanha, como foi o caso específico de Durkheim.

¹²⁶ Tiryakian (1980; p.255).

c) *L'Année Sociologique* conseguiu reunir uma equipe interdisciplinar e, segundo Tiryakian, altamente integrada¹²⁷.

A revista ainda guardava relação direta com a tese de Durkheim, uma vez que, juntos, *Da Divisão do Trabalho Social* e *L'Année Sociologique* teriam papéis complementares na organização da nova ciência, respectivamente, teórico e prático. Este último, direcionava-se para “o estabelecimento da unidade das ciências sociais em bases positivistas”¹²⁸, ao mesmo tempo em que traria para as ciências sociais o princípio da divisão do trabalho nos moldes propostos por Durkheim em seu primeiro livro, dividindo-as em disciplinas autônomas e complementares na investigação do domínio sociológico. Justamente por isso, a revista não vai limitar sua investigação à sociologia propriamente dita, mas, pelo contrário, publicará estudos relativos a disciplinas diversas, desde que seus autores coadunem-se com os princípios científicos postulados por Durkheim e ainda obedçam às regras supracitadas relativas aos grupos de trabalho formados em função da mesma revista. Por exemplo, Cuin e Gresle apontam que Durkheim não controlava diretamente o recrutamento dos colaboradores da revista, tarefa que ficara a cargo de três acadêmicos que lhe eram bastante próximos: Célestin Bouglé, François Simiand e Marcel Mauss. Em função da maneira como se deu o recrutamento dos primeiro colaboradores, logo se formaram diferentes subgrupos entre a equipe da revista. Aqueles mesmos subgrupos, por sua vez, deveriam ser constituídos respeitando duas exigências:

a) “(...) romper com a *generalidade* sobre o social e, portanto, organizar a sociologia nascente ao redor de campos particulares”;

b) “(...) evitar que se constituam alianças entre os grupos, o que poria em questão o espírito geral do projeto [da revista] e talvez autoridade de Durkheim sobre *L'Année*”¹²⁹.

Tiryakian lembra que a revista surge em 1897, quando Durkheim já havia publicado seu “manifesto sociológico”, formado pelos livros *Da Divisão do Trabalho Social*, *As Regras do Método Sociológico* e *O Suicídio*¹³⁰. Não apenas esse autor, mas também Cuin e Gresle relatam que o projeto da revista fora facilitado pelo carisma acadêmico que Durkheim construíra ao longo da década de 1890. Em função disso, em apenas três anos de existência a revista agrega em torno de si diferentes pesquisadores de distintas áreas, como a Sociologia, a Antropologia, o Direito e a Economia; a ponto de *L'Année Sociologique* chegar à virada dos Séculos XIX/XX com cerca de vinte e cinco colaboradores diferentes, número

¹²⁷ Tiryakian (1980; p.255).

¹²⁸ Tiryakian (1980; p. 254).

¹²⁹ Cuin & Gresle (1994; p. 111).

¹³⁰ Tiryakian (1980; p. 252).

que iria aumentar muito a partir de 1910, quando Durkheim assume sozinho a direção da revista, flexibilizando ainda mais as exigências para a publicação de textos, principalmente quanto à formação dos colaboradores e quanto sua instituição onde se graduara¹³¹.

Mesmo com a ampla ascendência de Durkheim sobre seu grupo de pesquisa, que mais tarde ficará conhecido como a “Escola Francesa de Sociologia” e cuja origem remonta à realização da revista e à sua publicação, existiam divergências internas ao grupo de seus colaboradores quanto à postura que a disciplina deveria assumir ou mesmo quanto à orientação metodológica a ser seguida nos trabalhos de pesquisa, tal qual registrada em *As Regras do Método Sociológico*. Mesmo assim, divergências como essa não foram fortes o bastante para comprometer a coesão do grupo..

Em relação a sua coesão interna, afirma ser ela um dos pontos fortes do grupo que cercava Durkheim. Em nível de anedota, o citado autor informa que a partir do décimo ano da revista, o grupo de seus colaboradores reuniu-se anualmente em comemoração ao aniversário da revista. Tiryakian insinua que, através de tal encontro anual, o grupo voltava a reavivar em seu interior os sentimentos e os ideais que constituíram o grupo em 1897. Tiryakian relaciona esse fato à maneira como o próprio Durkheim referia-se à função das festas religiosas e cívicas para o reavivamento dos ideais sociais¹³². Um dos autores consultados em nossa pesquisa mostra que o grupo de durkheiminianos teve dificuldade de conquistar postos institucionais, principalmente antes da virada dos Séculos XIX/XX¹³³. Por outro lado, outros autores frisam que esse fato pode ser explicado pelo grande empenho do grupo em relação à revista, o que colocava o projeto do grupo acima dos interesses individuais e/ou particulares de seus componentes¹³⁴. Uma outra característica do grupo é o grande número de trabalhos feitos em conjunto por seus integrantes. Como exemplos, temos a parceria de Marcel Mauss com Henri Hubert no campo da sociologia da religião ou mesmo a parceria de Marcel Mauss e de Èmile Durkheim no campo da epistemologia. Neste último campo, o próprio Mauss ainda desenvolvera trabalhos individuais, com que se debruça sobre a evolução de certas categorias (tempo e espaço), de noções (pessoa e alma) e de práticas (a oração)^{135 136}.

¹³¹ Até esta data, a maioria dos colaboradores da revista formara -se na Escola Normal Superior na área de filosofia.

¹³² Tiryakian (1980).

¹³³ (Vargas;2000).

¹³⁴ (Cuin & Gresle; 1994).

¹³⁵ Lallement (2004; p. 249)

¹³⁶ Um dos autores consultados em nossa pesquisa mostra que o grupo de durkheiminianos teve dificuldade de conquistar postos institucionais, principalmente antes da virada dos Séculos XIX/XX (Vargas;2000). Por outro lado, outros autores frisam que esse fato pode ser explicado pelo grande empenho do grupo em relação à revista,

Algumas críticas pesavam em relação ao grupo da “Escola Francesa”. Entre elas, destacamos aquela feita por etnólogos e antropólogos de outros países quanto à ausência de trabalhos de campo feitos por seus integrantes. Levi-Strauss¹³⁷ justifica tal fato, lembrando que, ao final do Século XIX, o alto número de trabalhos de campo feitos pela antropologia britânica disponibilizara uma grande massa de dados antropológicos, os quais foram reutilizados, como fontes secundárias, pelos membros da “Escola Francesa”, tornando desnecessário a realização de “trabalhos de campo” pelos integrantes do grupo. No mesmo lugar, Levi-Strauss informa que os componentes da “Escola Francesa de Sociologia” não faziam distinção entre os campos da Antropologia e da Sociologia, ao contrário de estudiosos de outras nacionalidades¹³⁸. De fato, tal como concebia o grupo durkheiminiano, não haveria grandes distinções relativas à concepção social e ao funcionamento da sociedade entre os campos passíveis de estudo pelas várias ciências sociais. Nesse mesmo aspecto, o que distinguia tal grupo e, ao mesmo tempo, emprestava-lhe identidade, era a metodologia e a concepção social utilizadas em seus estudos independentemente dos objetos investigados. Foi esse caráter generalista do grupo durkheiminiano em relação à suas pesquisas, ainda segundo Levi-Strauss, que contribuiu com a renovação das várias ciências humanas pela sociologia francesa¹³⁹, passando pela economia, pela jurisprudência, pela psicologia, pela etnologia e pela lingüística¹⁴⁰, o que faz o mesmo autor sugerir “uma extensão do domínio sociológico a outras ciências humanas”, tamanha sua influência na França durante a primeira parte do Século XX.

Dentre as disciplinas citadas, Levi-Strauss dá destaque tanto ao Direito, com os trabalhos de Durkheim, quanto à Sociologia Econômica, com os trabalhos de François Simiand, o qual se colocava abertamente contra a idéia de *homo economicus*, sustentada pela economia clássica. Ainda como Marcel Mauss, Simiand rechaçava a explicação sociológica a partir de fatos históricos, enfatizando a possibilidade da explicação funcionalista com a idéia de “fato social total”¹⁴¹.

A importância da morfologia social como fator explicativo da sociedade pode ser compreendida e interpretada como outro ponto comum entre os estudos de Durkheim e de

o que colocava o projeto do grupo acima dos interesses individuais e/ou particulares de seus componentes. Cuin & Gresle (1994).

¹³⁷ Levi-Strauss (1956; p. 02).

¹³⁸ Essa informação, curiosamente, pode ser constatada também com a consulta à obra do próprio Levi-Strauss, que admite não distinguir as disciplinas sociológica e antropológica no seu primeiro volume da sua *Antropologia Estrutural*.

¹³⁹ Levi-Strauss (1956; p. 03).

¹⁴⁰ Levi-Strauss (1956; p. 04-05).

¹⁴¹ Levi-Strauss (1956).

seus seguidores. Investigada e denotada pelo próprio Durkheim já em *Da Divisão do Trabalho Social*, a morfologia da sociedade, enquanto aspecto pertinente a sua estruturação interna, torna-se fundamental para o entendimento da sociedade e das representações coletivas que lhe dão vida e substância, como Durkheim viria a demonstrar novamente e em parceria com Mauss em seu artigo sobre as “formas primitivas de classificação”. Já em *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, Durkheim aproveita e desenvolve pontos assinalados no artigo precedente. Esses dois últimos estudos inauguram as pesquisas epistemológicas da “Escola Francesa”, abrindo mais um campo à Sociologia¹⁴². A publicação de *As Formas Elementares da Vida Religiosa* jogará luzes sobre o “campo religioso”, assinalando como fértil seara de trabalho, o que desperta o interesse sobre esse mesmo campo em diversos membros do grupo de Durkheim, sendo Mauss um dos que mais desenvolve trabalhos neste campo.

Não apenas a religião, mas a própria morfologia social também comporá o rol dos aspectos sociais estudados pelos membros do grupo, como nos exemplificam os trabalhos de Maurice Halbwachs, pelos quais o pesquisador sustenta que a organização do grupo social no espaço “revela sua personalidade social”¹⁴³. Entre os estudos de Halbwachs existe um que alia campos da religião e da morfologia social. Lallement destaca a importância desse estudo, *A Topografia dos Evangelhos da Terra Santa*, em relação à memória coletiva, tema recorrente na obra de Halbwachs. Através deste estudo, este pesquisador revela que “a localização geográfica dos episódios da vida de Jesus variou no tempo com as diversas gerações de cristãos”¹⁴⁴, ou seja, à medida que passava o tempo os grupos de cristãos associavam às mesmas passagens do Evangelho locais geográficos distintos. Essa variação, segundo o supracitado trabalho de Halbwachs, ocorreu em razão da modificação da morfologia dos grupos, o que tinha conseqüências sobre a memória coletiva do grupo e sobre as representações sociais que integravam tal memória.

Dentre aqueles que sucederam Durkheim e prosseguiram com os estudos apontados pelo mestre, talvez seja seu sobrinho, Marcel Mauss, o mais conhecido. Por tal motivo, a referência a este pesquisador seja, paradoxalmente, tão dispensável quanto fundamental. As menções dispersas a ele feitas até o momento já indicam o papel estratégico por ele ocupado entre os durkheimianos, não apenas pela proximidade de parentesco, mas

¹⁴² No artigo analisado por nós sobre a “Escola Francesa”, Levi-Strauss frisa a importância da parceria entre Durkheim e Mauss em si mesma e como “notável influência” para os demais pesquisadores associados ao referido grupo. (Levi-Strauss; 1956, p. 11).

¹⁴³ Lallement (2004; p. 245).

¹⁴⁴ Lallement (2004; p. 248).

também pela afinidade intelectual que Mauss guardava em relação ao tio. Isso fez de Mauss herdeiro natural de Durkheim, sobretudo após o desaparecimento de seu primo André Durkheim, filho de Durkheim e um dos mais promissores discípulos daquele professor, em meio aos combates da Primeira Guerra Mundial. A obra de Mauss ganha importância por si mesma, a ponto dele ser reconhecido como um dos primeiros antropólogos da França, embora, como já indicado em relação a todo o grupo durkheimiano, o próprio Mauss não fizesse distinção entre Antropologia e Sociologia. Além disso, Mauss foi reconhecido na França de seu tempo como um dos grandes eruditos do Século XX - em razão de sua excelente memória, o que lhe permitiu acumular uma “cultura enciclopédica”- e , ainda hoje , ele é considerado uma das principais referências no campo da Antropologia em razão da importância de sua obra.

Com estudos consagrados a distintos temas, Marcel Mauss cunhou um conhecido conceito da disciplina antropológica, aquele relativo ao *fato social total*¹⁴⁵, derivado por sua vez do conceito de *fato social*, estabelecido por Durkheim em *As Regras do Método Sociológico*. O conceito de *fato social total* fora desenvolvido por Mauss na oportunidade de seu estudo sobre o “Potlach”, registrado no conhecido *Ensaio sobre o Dom*¹⁴⁶. Neste mesmo texto, percebemos a proximidade de Mauss em relação à concepção social apresentada por Durkheim em *Da Divisão do Trabalho Social* e o uso feito por Mauss da mesma concepção na sua análise sociológica/antropológica da troca simbólica entre os trobriandesses, análise pela qual Mauss postula a *lei de reciprocidade* que governa as relações sociais daquele povo¹⁴⁷.

A mencionada proximidade entre as obras de Mauss e de Durkheim fica clara por dois motivos: por um lado, a explicação de fenômenos sociais a partir da moralidade e não pelo interesse econômico individual; e, por outro, a importância da análise morfológica da sociedade como fator explicativo desta última. Neste sentido, percebe-se, novamente, a crítica ao atomismo e ao interesse racional postulado pela economia clássica como fator preponderante da explicação social, crítica que é a marca registrada da teoria social desenvolvida pela “Escola Francesa”, sendo identificada em estudos de diferentes membros do grupo, como visto anteriormente. A concepção social durkheimiana, da qual Mauss se fez tributário, é uma acirrada crítica à racionalidade utilitarista, frisada pela economia

¹⁴⁵ Laplantine (2002; p.90).

¹⁴⁶ Devido a uma variação por parte dos tradutores, este mesmo texto pode ser apresentado sob o título *Ensaio sobre a Dívida*.

¹⁴⁷ Laplantine (2002; p. 91).

clássica, pela qual a ordem social seria constituída a partir da mera soma das ações dos indivíduos racionais em sociedade.

Mas, se Mauss pode ser tomado como digno representante da “Escola Francesa”, seria um erro associar mecânica e rigidamente seu nome ao de Durkheim. Mais que isso, Marcel Mauss deve ser entendido como pesquisador autônomo e capaz de um pensamento próprio que vai distinguir sua obra daquela de Durkheim. Lallement lembra-nos que mais de vinte anos separam as últimas obras de Durkheim da maturidade intelectual de Marcel Mauss. Essa discrepância em relação a Durkheim também se repete com outros componentes da “Escola Francesa” que desenvolveram concepções próprias a partir da obra do mestre, sendo tal discrepância percebida não apenas quanto a maior flexibilidade do método utilizado nas pesquisas dos integrantes do grupo, quanto na própria modificação da concepção social durkheiminiana, percebida na obra de seus continuadores pela maior autonomia do indivíduo frente à sociedade. Dentre os colaboradores de *L'Année Sociologique* que com o passar do tempo apresentam concepções variantes daquelas deixadas por Durkheim está Célestin Bouglé, que chega a desenvolver uma orientação metodológica própria, a ponto de apresentar reservas em relação à metodologia preconizada por Durkheim. Para Bouglé, seria possível reservar maior destaque à consciência Individual^{148 149}.

Devido ao traço neokantiano de sua obra, pode-se dizer que Durkheim trava um diálogo quase constante, embora implícito, com Kant, ao mesmo tempo em que inverte os postulados do filósofo, radicando a possibilidade do conhecimento e da moral na sociedade. Com seu traço positivista e com as influências de Comte, Durkheim preocupou-se com os fundamentos da moral em sua França, tentando identificar suas formas e o modo pelo qual a moral sofre transformações. Graças à herança recebida tanto de Comte quanto de Kant, Durkheim pôde aprofundar seus estudos sobre a moral, fazendo desses a vertente subterrânea ou implícita de seus trabalhos. Estes podem ser também entendidos como tentativas de estabelecimento de uma nova moral, calcada nos próprios valores vigentes na sociedade ou que poderiam ainda surgir em meio às transformações sociais. Esses mesmos valores, calcados nas representações sociais e delas derivados, sustentariam a nova moral social, distinta e independente da antiga moral que sustentava o Antigo Regime com valores transcendentais e que davam base à estrutura tradicional da sociedade.

¹⁴⁸ Lallement (2004; p. 243).

¹⁴⁹ Poderíamos dizer que a influência da “Escola Francesa” ultrapassa a obra dos discípulos diretos de Durkheim, estendendo-se à obra daqueles que foram orientados esses discípulos. Dessa maneira, poderíamos associar à influência de Durkheim nomes de uma outra geração de cientistas sociais franceses, como os de Claude Lévi-Strauss ou de Louis Dumont, ambos alunos de Marcel Mauss.

Utilizando-se da sua sociologia e dos seus resultados, Durkheim tentou dar sustentação científica e moral à Terceira República durante toda sua trajetória acadêmica e, principalmente, após entrar para a docência do ensino superior, quando associa a constituição da disciplina sociológica à sustentação da nova “moral laica” que irá, segundo o próprio Durkheim, sustentar os novos tempos da França. Fazendo isso, o autor paulatinamente consolida seu projeto científico tal como apresentado neste capítulo, pela realização de cada um dos pontos indicados anteriormente, referentes:

- a) À criação e ao estabelecimento da sociologia, como disciplina científica;
- b) À criação de *L'Année Sociologique*, uma enciclopédia anual para divulgação da Sociologia;
- c) Ao estabelecimento científico de uma nova moral calcada nos valores relativos à nova configuração social francesa, oriunda da queda do Antigo Regime e da reconfiguração da sociedade como fruto dos novos tempos franceses.

Pelo que se expôs anteriormente, podemos ver que a base empírica com a qual Durkheim construiria e sustentaria a “religiosidade civil” indicada por Tiryakian seria sedimentada a partir dos resultados da pesquisa sociológica, tal qual proposta pelo projeto durkheiminiano. Justamente por isso, que, lembrando o “manifesto sociológico durkheiminiano”, a preocupação com a moralidade de sua França é uma constante em meio aos estudos que deram origem e forma a tal manifesto. Tanto *O Suicídio* como *Da Divisão do Trabalho Social* são estudos que tem como pano de fundo a moral da sociedade, a qual é, ao mesmo tempo, feita objeto e transformada em argumento em cada um desses estudos, dando substância e ponto de apoio à pesquisa sociológica. Preocupação constante desde Joseph de Maistre até Émile Durkheim, a moral pode ser entendida como um dos principais alvos por trás da investigação sociológica, sem ser confundida com o objeto dessa mesma investigação.

Logo, a sociedade é possível graças aos vínculos existentes entre os seres humanos, vínculos estes que são morais antes de tudo. A sociedade é possível graças à construção, à configuração e à reconfiguração das representações coletivas, as quais - em meio ao *ambiente sui generis* que lhes dá vida, forma e continuidade, ou seja, a própria sociedade - ganham um caráter moral ressaltado e estudado por Durkheim, graças ao desenvolvimento do seu projeto de pesquisa, o qual ainda prevê o revigoramento das mesmas representações coletivas, como forma única de manutenção e revitalização da sociedade, enquanto tal. É por isso que, tanto no sistema filosófico durkheiminiano como no projeto científico do qual aquele sistema faz parte, a moral tem papel preponderante; uma vez que

qualquer sociedade apenas pode ser caracterizada como tal, caso perfaça, por si mesma, um sistema eminentemente moral.

Por traz da concepção social durkheiminiana, é a moral “empiricamente transcendente” que está sendo estudada e verificada a cada momento, enquanto norma que estrutura e possibilita a sociedade. Embora a expressão destacada acima possa causar estranheza, ela indica a característica fundamental do fato social e da própria sociedade, característica fundamental para a sociologia durkheiminiana; uma vez que a sociedade supera e também se distingue dos indivíduos, sendo mais do que mero agrupamento daqueles.

No entanto, segundo o método sociológico durkheiminiano, a mesma sociedade pode ser detectada empiricamente em decorrência das características do fato social. É por isso que as mesmas características são tomadas como índice da existência da própria sociedade. O fato social e suas características são externos aos indivíduos e perceptíveis graças ao o método positivo. Assim, e justamente tornar-se, via método positivo, empiricamente verificável, a sociedade fora transformada por Durkheim em objeto científico através dos moldes preconizados pelo autor em *As Regras do Método Sociológico*.

Com estes apontamentos, acreditamos ser possível discutir e demonstrar, no próximo capítulo, os meios pelos quais Durkheim acreditava na possibilidade de instauração de uma “religião civil”, calcada nas representações coletivas/sociais. Essa religião, ao mesmo tempo moral e laica, seria desenhada e projetada pela existência e pelo desenvolvimento paulatino da própria sociedade.

Durkheim desenvolveu os conceitos de “morfologia social” e de “fisiologia social”, já encontrados nos estudos de Saint-Simon. Esses mesmos conceitos foram, como veremos no próximo capítulo, utilizados por Durkheim em sua tese doutoral, *Da Divisão do Trabalho Social*, na qual o autor analisa o desenvolvimento da estrutura social ao longo do tempo, desenvolvimento este que leva a diferentes arranjos na sociedade e, correlativamente, a distintas formas de vínculos sociais, ou, nas palavras de Durkheim, a diferentes formas de “solidariedade social”.

Capítulo 3

Para uma de leitura *Da Divisão do Trabalho Social*.

Neste capítulo, traremos elementos para uma interpretação de *Da Divisão do Trabalho Social*, obra pela qual Durkheim trata cientificamente dos problemas sociais da França, país que lutava pela sua (re)construção nacional após um período crítico de quase cem anos, ao fim do qual a República tenta se instaurar com grande dificuldades. Originalmente uma tese doutoral defendida em 1893, o livro era mostra do que Durkheim entendia como a ciência moral capaz de compreender e responder os problemas que cercavam seu país, envolvido com divergências políticas num contexto agravado pelo processo de industrialização que encaminha a França a um novo e inevitável arranjo social. Naqueles tempos, a sociedade francesa vivia forte divisão interna, onde um lados admitia a necessidade da volta aos moldes do Antigo Regime em contraposição aos seus adversários, dirigentes do país e que seguiam na direção oposta, promovendo novos moldes de organização política ao mesmo tempo em que consolidavam a democracia no país.

Na primeira parte deste trabalho, fizemos uma apresentação geral desse contexto, enquanto trazíamos dados biográficos de Durkheim, uma vez que julgamos necessário o entendimento tanto do contexto político e da organização da sociedade francesa como da própria trajetória pessoal e acadêmica do professor loreno que vai fundar e organizar a vertente sociológica francesa mais bem-sucedida no período que destacamos. Os pontos levantados nos capítulos anteriores ilustram o processo que culmina com a defesa tese doutoral de Durkheim, ao mesmo tempo em que indicam os principais elementos formadores do seu pensamento, sem deixar de sugerir que os desdobramentos de tais elementos sobre a obra do mestre francês se darão através da construção e do desenvolvimento de uma ciência positiva da moral e dos costumes pela qual o sociólogo tentará entender os fundamentos da organização social francesa além de propor a direção a ser seguida pela sociedade na seqüência de seu desenvolvimento social.

Em função dos objetivos perseguidos neste estudo, discutiremos influências determinantes para a construção do livro por Durkheim, as quais respondem, ao mesmo tempo, pela orientação seguida pelo livro e pelo método nele empregado, indicando, em linhas gerais, a gênese do pensamento durkheiminiano e características que, por se repetirem em outros estudos realizados por Durkheim, trazem dados significativos para o estudo de sua tese. Fundamentada no esforço de construção de uma “ciência positiva da moral”, nos moldes das ciências sociais alemãs, a sociologia, inaugurada pela “tese de 1893”, conforma-se aos

pontos principais do programa de pesquisa de Durkheim, como demonstrado no último capítulo, sendo que, nesta altura de nossa argumentação, veremos que tais pontos estão estreitamente relacionados à forma como Durkheim viria a construir sua “ciência da moral e dos costumes”, a sociologia.

Julgamos que o estudo de *Da Divisão do Trabalho Social* não seja tarefa fácil. Sua perfeita compreensão exige o conhecimento de pontos importantes da carreira intelectual de Durkheim e dos objetivos que visava através dela. Numa primeira apresentação à ciência de Durkheim, poderia se pensar que sociologia seria construída a partir do método proposto pelo autor, mas que a compreensão do seu método e da disciplina seja desnecessária. É lógico que a sociologia, tal como proposta por todos aqueles teóricos que procuraram fundá-la - Marx, Weber, Durkheim e outros menos conhecidos -, estuda a sociedade da qual faz parte e discute com seu tempo. Não se pode esperar menos de uma sociologia empírica. Mas, por algum motivo, talvez pela profundidade de seu estudo, Durkheim permite que o leitor de *Da Divisão do Trabalho Social* ignore tal fato. Se, nas entrelinhas de sua tese, certos aspectos dessa questão são discutidos, outros nem são citados. Talvez por ser um tema complexo, Durkheim tenha deixado propositalmente de discutir as bases de sua ciência no livro que pretende ser o primeiro estudo da nova disciplina. Em quanto aumentaria a complexidade do livro, caso questões fundamentais da disciplina fossem tratadas no livro!

Alguns indícios, caso contemplados retrospectivamente, sugerem que, ao planejar e ao organizar a nova disciplina, Durkheim optara por uma seqüência de estudos pela qual a ciência seria erguida. Isso explicaria o motivo pelo qual Durkheim não realizara um estudo único na forma de “primeiro manifesto disciplinar”, como fizera Karl Marx. Pensando em algo desse tipo para o caso de Durkheim, podemos admitir que um “manifesto” seria constatável mais por uma seqüência de estudos sociológicos pela qual Durkheim apresenta as bases da disciplina do que por um estudo único que apresente os recursos disciplinares de uma vez, ao mesmo tempo em que esse estudo deles faça uso. Como discutido anteriormente, o “manifesto sociológico” durkheiminiano constrói-se pelo exercício da própria atividade sociológica através de dois estudos e de um manual metodológico, ou melhor, por *Da Divisão do Trabalho Social*, por *O Suicídio* e por *As Regras do Método Sociológico*, trabalhos que vêm à tona entre 1893 e 1996. Destes livros, o terceiro é um caso à parte, uma vez que Durkheim se debruça sobre a discussão do método disciplinar propriamente dito, explanando-o em linhas gerais e especificando aspectos importantes para a prática da nova disciplina, cujas possibilidades de análise são demonstradas pelos dois outros livros que também

formariam o “manifesto sociológico” durkheiminiano, cada um deles investigando um objeto específico para a construção de uma determinada teoria.

A “tese de 1893” predicava a reorganização francesa a partir de remodelação moral de sua estrutura produtiva e econômica. Partidária de uma concepção social até então inédita na França, *Da Divisão do Trabalho Social* demonstra a possibilidade de junção do conhecimento de diferentes disciplinas que estudavam a moral, para a solução dos problemas enfrentados pela sociedade capitalista francesa em tempos republicanos. Para Durkheim, disciplinas como a ética, o direito, e a economia deviam convergir seus estudos sobre a sociedade num mesmo e único sentido, no intuito de investigar a constituição, a organização e as necessidades da sociedade, a partir de como esta última se apresentava empiricamente, ao mesmo tempo em que a nova disciplina também apontasse os rumos para uma remodelação social a partir do que a própria sociologia constatasse em suas pesquisas. Segundo Durkheim, era a ausência dessa convergência disciplinar que desabonava os estudos sociais até então empreendidos na França e na Inglaterra, os quais, na maioria dos casos, sequer eram constituídos a partir de bases empíricas. Ao propor essa convergência disciplinar, Durkheim também criticava a forma como as mesmas disciplinas sociais orientavam-se, discordando do modo dissociado com que seus estudos realizavam-se. Por isso, a proposta científica durkheiminiana tornar-se-ia uma nova forma de estudo social, calcada na complementaridade dos estudos das disciplinas citadas sob única orientação.

A razão da complementaridade da ética, da economia, do direito, da filosofia social e de outras disciplinas que estudavam a sociedade foi descoberta por Durkheim ao estudar as “ciências da moral” alemãs, o que acontecera em dois momentos distintos. O primeiro durante sua formação superior e nos anos seguintes a ela, quando Durkheim se vê às voltas com a “questão da nação”, da qual falávamos em nosso primeiro capítulo. Um pouco mais tarde, durante a excursão à Alemanha entre 1885 e 1886, Durkheim tem a oportunidade de se aprofundar no estudo da mesma questão, agora pesquisando seu tratamento pelas “ciências positivas da moral”. O impacto dos estudos realizados por Durkheim sobre o direito e sobre a economia alemães foi grande, a ponto de redefinir os estudos realizados até aquela oportunidade. Após essa redefinição, Durkheim tem em mãos a pauta que dará origem a seu “programa de pesquisa científica” do qual a sociologia se tornaria uma das expressões. Construída a partir da perspectiva que as ciências alemãs tinham da moral, a sociologia seria projetada por Durkheim como uma verdadeira “ciência da moral e dos costumes”, tendo na moral comum à sociedade e em suas variações no interior dos grupos sociais seu objeto de estudo.

A disciplina proposta por Durkheim trazia consigo duplo ineditismo. Não inovava apenas por estudar a sociedade de maneira positiva a partir de dados da própria realidade social. A “ciência dos costumes e do direito” também inovava no tratamento de seu objeto. O duplo ineditismo do “programa de pesquisa científica” de Durkheim marcaria a fundação da nova ciência, pois antes desse programa a sociedade não havia sido estudada nem através de um método científico rigoroso e muito menos de forma específica. Em seus primeiros textos, o próprio Durkheim critica a maneira como uma suposta sociologia era fomentada através de estudos os mais diversos que tratavam da evolução social, da idéia geral de sociedade às vezes sem apresentar nenhum objeto tangível ou específico, às vezes trazendo grande massa de dados sem sistematizá-los devidamente.

A diferença marcante de Durkheim em relação aos seus antecedentes está no fato dele conseguir especificar e determinar seu objeto, de conseguir estudá-lo através de dados. A partir da pesquisa que realiza durante a década de 1880 e com os estudos que apresenta ao longo da década seguinte, Durkheim realiza um amplo inventário²³⁷ sobre as ciências sociais de seu tempo, a partir do qual idealiza, concebe e estrutura sua própria “ciência dos costumes e do direito” para, depois, desenvolver os primeiros artigos e apresentar estudos da nova ciência. Ao longo desse trajeto, Durkheim pesquisa e constrói a nova ciência indissociadamente, aprende procedimentos metodológicos, aplicando-os a seguir, chega a resultados que o distanciam dos estudos anteriores ao seu “esforço fundacional”, resultados estes que são possíveis graças à sistematização feita pelo próprio autor.

Em resumo, Durkheim desenvolve uma ciência cuja teoria e cujo método são coerentes e complementares entre si, cujos objetos empíricos fomentam pesquisas a partir da própria realidade social. De tal forma que *Da Divisão do Trabalho Social* resulta de estudos sobre a natureza e sobre a organização da sociedade moderna, ao mesmo tempo em que o autor, através de sua tese, postula as modificações necessárias para o caso francês. Subtendida entre as linhas do livro está a parcial concordância com a obra de Comte, que, ao final do Século XVIII, já constatava que a crise moral da sociedade representava grande perigo. Comte dedicara sua vida à constituição de uma “filosofia positiva”, com a qual levantaria informações que indicassem a direção necessária ao progresso da humanidade. Mesmo com declaradas reservas ao sistema de Comte, Durkheim considera-o um dos precursores da sociologia. Se a teoria da evolução social comtiana postulava um “processo evolutivo” da sociedade com “Três Estágios” bem demarcados, ao mesmo tempo admitia o

²³⁷ Durkheim (1976); Lacroix (1984).

desenvolvimento da sociedade como um axioma, sem preocupar-se em coletar e registrar dados que comprovassem tal desenvolvimento histórico. Como vimos, as reservas de Durkheim a Comte justificam-se por este último ainda não apresentar uma teoria social calcadas em dados históricos, embora o mesmo Comte preconizasse um método baseado nos dados coletados a partir da realidade social.

A contribuição de Comte para a formação da disciplina deve-se aos avanços que Comte postula com seu positivismo, sobretudo aqueles relativos ao método científico com a utilização de dados da realidade social, também será Comte que indicará a Durkheim a necessidade da utilização de dados históricos para o entendimento da sociedade. Mas, por outro lado, Comte não consegue implementar a contento sua própria orientação metodológica, ficando a meio caminho no movimento de especificação da disciplina. Através de alguns trechos da “Lição de 1887”, Durkheim tece considerações ao trabalho de Comte, o que nos permite localizar a posição deste último em meio à formação da disciplina.

(...) O melhor meio de responder a essa objeção e de provar que as sociedades estão submetidas a leis, como todas as coisas, seria encontrar essas leis. (...) Um ponto fora de dúvida, hoje em dia, é que todos os seres da natureza, do mineral ao homem, dependem da ciência positiva, quer dizer, tudo ocorre segundo leis necessárias.²³⁸

Por sua vez, Durkheim tem como preocupação a manutenção da sociedade num momento em que o capitalismo europeu parece avançar em relação aos tempos de Auguste Comte. As circunstâncias que cercam o programa de pesquisa durkheiminiano tanto o direcionam como o determinam de forma incontestável. Tal programa de pesquisa sintoniza-se com as circunstâncias francesas políticas e sociais daqueles tempos em meio a um contexto que motivaria Durkheim para a constituição de uma ciência positiva, capaz de responder aos anseios dos tempos correntes.

Porém, a constituição de uma nova disciplina sobre a sociedade foi tarefa que demandou tempo e minúcia, uma vez que visava a uma resposta distinta daquelas que a filosofia social ou a ciência social apresentavam até então. Durkheim desejava uma “resposta positiva” em relação às questões sociais como divergência em relação ao encaminhamento até então dado às mesmas questões. Nisso, Durkheim sempre fora tão categórico quanto repetitivo, assumindo uma postura avessa à mera especulação sem fontes empíricas. Vimos que esse fora uma das bases da postura cientificista de Durkheim desde sua formação secundária e que se tonifica em seu curso superior; toda e qualquer postulação a cerca da realidade social deveria orientar-se por dados empíricos e, ao mesmo tempo, ter neles seu

²³⁸ Durkheim (1976, p. 50).

fundamento. Justamente essa orientação que vai justificar a dura crítica feita por Durkheim aos estudos sociais que lhe antecederam ou que lhe eram contemporâneos. Apesar de tal crítica, Durkheim não deixa de reconhecer os avanços realizados por alguns estudiosos em direção à Sociologia, como percebemos nos comentários que Durkheim faz na “Lição de 1887”. Nesta “Lição”, o autor demonstra que a especificação do objeto da nova ciência fora um esforço conjunto e continuado, que envolveu distintos pensadores, filósofos e cientistas rumo à organização da nova disciplina.

Durkheim deixara registrado na mesma “Lição” o quanto os progressos da nova ciência foram morosos e tiveram a contribuição de inúmeros pesquisadores. Por isso, o movimento rumo a uma ciência da sociedade passa por um lento movimento de especificação do objeto da disciplina que envolveu vários pesquisadores, deixando para trás as abstrações em relação à sociedade e os estudos que não passavam de simples exercícios de dedução a partir de princípios *a priori* sobre o que seria sociedade ou sobre o seu próprio funcionamento. É o que se vê pelos comentários do autor às obras de Auguste Comte, Herbert Spencer e Albert Espinas

O fracasso dessa tentativa de síntese demonstrava a necessidade de os “sociologistas” chegarem, enfim, aos estudos de detalhes e precisão. Foi o que compreendeu Alfred Espinas, e foi esse método que seguiu em seu livro sobre as *Sociedades Animais (Sociétés Animales)*. Foi o primeiro a estudar os fatos sociais com o objetivo de fazer ciência, e não para assegurar a simetria de um grande sistema filosófico. Ao invés de ter uma visão de conjunto da sociedade em geral, limitou-se ao estudo de um tipo social particular; depois, no interior desse próprio tipo, distinguiu classes e espécies, e é dessa observação atenta dos fatos que ele induziu algumas leis, cuja generalidade, aliás, restringiu cuidadosamente à ordem especial dos fenômenos que acabava de estudar. Seu livro constitui o primeiro capítulo da sociologia.²³⁹

Para Durkheim, os autores acima se distanciam cada vez mais da mera generalização dos “fenômenos sociais” rumo a estudos sociais que tomam por objeto sociedades reais e específicas - a ponto de conseguir, no caso de Alfred Espinas, realizar estudos sobre uma determinada espécie social e seus tipos.

Durkheim, de certa maneira, esforça-se para avançar ainda mais em relação aos autores citados, organizando a sociologia a partir da correção de pontos que julgava falhos na obra de seus antecessores, o que, por outro lado, não impediu que Durkheim reconhecesse méritos na obra dos autores supracitados. De fato, o próprio Durkheim indica que a constituição da disciplina fora gradual e confessa sua dívida parcial aos estudiosos citados. Em relação à constituição da Sociologia, Durkheim tinha a exata noção de seu papel, uma vez

²³⁹ Durkheim (1976, p. 60).

que não só conhecia o estágio de desenvolvimento no qual se encontrava a disciplina, como sabia qual direção a seguir, com seus próprios estudos, a partir desse mesmo estágio ²⁴⁰.

O conhecimento da direção a seguir foi, certamente, sua principal distinção em relação a vários dos estudiosos da sociedade, uma vez que Durkheim se ressentia dos estudos sociais de seu tempo em quesitos como a ausência de uma base empírica e o baixo rigor científico dos mesmos por partirem de princípios *a priori* ou prenoções a respeito a sociedade, ao invés de debruçarem sobre dados que indicassem as leis pelas quais a sociedade se arranjará de fato, como ficou indicado pelos registros da “Lição de 1887”:

(...) Com efeito, toda ordem especial de fenômenos naturais, submetidos a leis regulares, pode ser objeto de um estudo metódico, ou seja, de uma ciência positiva. Todos os argumentos de dúvida fracassam face a esta verdade tão simples. Mas, dizem os historiadores, nós estudamos a sociedade e nelas não encontramos nenhuma lei. A história não é mais que um suceder de acidentes (...) refratários a toda generalização.

(...) O melhor meio de responder a essa objeção e de provar que as sociedades estão submetidas a leis, como todas as coisas, seria encontrar essas leis. (...) Um ponto fora de dúvida, hoje em dia, é que todos os seres da natureza, do mineral ao homem, dependem da ciência positiva, quer dizer, tudo ocorre segundo leis necessárias. ²⁴¹

Face a essa constatação, Durkheim investe numa alternativa científica à situação, a ponto de idealizar e sistematizar uma nova disciplina. Em decorrência dessa sistematização, vê-se obrigado a identificar os erros de seus antecessores, para, somente depois, suplantá-los. É por isso que, para a constituição da sociologia, Durkheim opta pela reunião dos resultados de disciplinas que, até então, eram conduzidas isoladamente. E essa reunião acontecia pela marcante influência das ciências positivas da moral alemãs.

Durkheim deixou claro que a constituição da disciplina deu-se por etapas e avanços cumulativos, de tal forma que ele mesmo, ainda na década de 1880, preocupava-se não com a formatação plena e suficiente da disciplina, mas com a formulação dos princípios gerais da disciplina e com o desenvolvimento de seu método. A sociologia, sugerida por Durkheim, pode ser entendida, dessa forma, como um corte vigoroso em relação à maneira como se praticavam “estudos sociais” nos Séculos XVIII e XIX, trazendo nova concepção e um novo método para o entendimento da realidade social; uma vez que, com a sociologia, Durkheim propunha um conhecimento social a partir das “coisas como são”, e não a partir “do que deveriam ser”. Ele mesmo deixava claro que as idéias sobre que seria uma “boa sociedade” não sustentariam apenas por si mesmas um conhecimento científico-social; ao

²⁴⁰ Durkheim (1976).

²⁴¹ Durkheim (1976, p. 50).

contrário, Durkheim era taxativo ao mostrar a nulidade dessa postura na construção da ciência:

Desde Platão e sua República, não faltaram pensadores que tivessem filosofado sobre a natureza das sociedades. Mas, até o começo deste século, a maioria dos trabalhos era dominada por uma idéia que impedia de maneira radical que a ciência social se constituísse. Com efeito, quase todos os teóricos de política viam na sociedade uma obra humana, um fruto da arte e da reflexão. Segundo eles, os homens passaram a viver juntos porque acharam que seria útil e bom; foi um artifício imaginado para melhorar um pouco a sua condição.²⁴²

Para a construção de uma ciência da sociedade, ao contrário, seria importante contar com a contribuição de distintas disciplinas naquilo que apontavam de comum em relação à sociedade. Assim a constituição da sociologia exigiria uma readequação de disciplinas mais antigas que ela, mas que também se preocupavam com a organização da sociedade. É dessa forma, que Durkheim propõe a constituição de uma “ciência dos costumes e do direito”. Pela proposição durkheiminiana, a nova disciplina ganharia em profundidade em razão da junção das disciplinas citadas, embora cada uma delas deixasse de ter um campo de investigação autônomo em função da constituição de um único e novo campo, relativo à disciplina que surgia²⁴³. Embora estivesse convencido da necessidade e da possibilidade dessa disciplina, Durkheim, em consequência do peso da tradição a que remonta a nova ciência, opta por denominá-la Sociologia, conforme antes fizera Auguste Comte.

Com essa disciplina Durkheim pretendia um estudo científico que se debruçasse sobre a maneira de ser da sociedade, fazendo das estruturas necessárias à vida social e das funções correlatas seus objetos de estudo. Para a investigação das estruturas e funções sociais, a morfologia e a fisiologia da sociedade tornar-se-iam o foco dos estudos da nova disciplina. Por isso, Durkheim propunha estudos específicos, a partir de dados empíricos, com a finalidade de especificar aquelas relações no interior da própria sociedade estudada. A sua “ciência”, assim, teria como finalidade o estudo e a determinação dessas relações, trazendo, como resultado, o sentido sobre o qual as mesmas se assentariam. Já na “Lição de 1887”, Durkheim ressalta a necessidade da nova disciplina em estudar tanto a estrutura social como as distintas funções sociais que emergiam daquela estrutura. Num longo e esclarecedor trecho da lição supracitada, Durkheim não apenas trata da relação entre morfologia e fisiologia sociais, enquanto aspectos da disciplina que ainda se organizava, como adianta como usaria tal relação em *Da Divisão do Trabalho Social*:

²⁴² Durkheim (1976, p. 48).

²⁴³ Em meio a nossa investigação, encontramos essa proposição tanto de maneira contundente e nominal em certos textos durkheiminianos, como de modo subtendido em outros, como na “aula inaugural de 1887” (Durkheim, 1976) e no livro póstumo *Lições de Sociologia* (Durkheim; 2002).

Cada um dos fenômenos que acabamos de distinguir poderia ser sucessivamente examinado sob dois pontos de vista diferentes e dar, assim, origem a duas ciências. Cada um deles consiste num certo número de ações coordenadas tendo em vista um objetivo, e poderíamos estudá-los como tais: poderemos também dar preferência ao estudo encarregado de realizar essas ações. Em outros termos, procuraremos ora qual é seu papel e como se realiza, ora como está em si mesmo constituído. Reencontraríamos, assim, as duas grandes divisões que dominam toda a biologia: as funções, de um lado, as estruturas de outro; aqui a fisiologia, lá a morfologia. Será que o economista, por exemplo, se colocaria do ponto de vista fisiológico? Ele procuraria saber quais são as leis de produção dos valores, de sua troca, de sua circulação, de seu consumo. Do ponto de vista morfológico, pelo contrário, ele buscaria como se agrupam os produtores, os trabalhadores, os comerciantes, os consumidores; compararia as corporações de outrora aos sindicatos de hoje, a fábrica à oficina, e determinaria as leis desses diversos modos de agrupamento. O mesmo ocorre com o direito: ou estudamos como ele funciona ou descrevemos os corpos encarregados de fazê-lo funcionar.²⁴⁴

Pode-se dizer que as primeiras obras de Durkheim, sobretudo aquelas da década de 1890, realmente são “obras disciplinares iniciais” cuja principal preocupação centra-se no *modus operandi* da disciplina. Lembremos que os integrantes da “Escola Francesa de Sociologia” seguiriam distintas vertentes, à medida que se aprofundaram em campos da sociologia sobre o qual se detera Durkheim ou mesmo na medida em que novos campos disciplinares fossem inaugurados pelos estudos de seus discípulos. Além disso, o próprio Durkheim funda campos distintos de investigação durante a década supracitada – Falávamos, no capítulo anterior, de uma sociologia da família, fundada com *O Suicídio* de 1896, e de uma sociologia do trabalho, fundada com a “tese de 1893”. Mesmo tendo fundado o campo da sociologia, num primeiro momento, era sobre a constituição desse último que Durkheim concentraria seus esforços, uma vez que o mesmo campo precisava ganhar autonomia científica em relação às demais disciplinas e respeito na academia francesa, conforme já apontamos.

²⁴⁴ Durkheim (1976, p. 65-66).

3.1 Para uma (Re)Apresentação da “tese de 1893”

Os pontos apresentados neste capítulo não remetem a uma interpretação inédita de *Da Divisão do Trabalho Social*. Pelo contrário, buscaremos tais pontos em textos do próprio Durkheim ou de comentadores e/ou estudiosos de Durkheim com o objetivo de levantar argumentos que sustentem uma (re)apresentação de *Da Divisão do Trabalho Social*. Julgamos que isto seja plausível; uma vez que, mesmo com a existência de tantos textos e obras sobre o pensamento durkheimiano, sobretudo de caráter introdutório, verificamos que parte deles ignora ou prefere não apontar as informações recolhidas por nossa pesquisa. Nesse sentido, o presente capítulo deve ser entendido como um esforço para a compreensão de *Da Divisão do Trabalho Social* a partir de pontos relativos a sua gênese e substanciais à sua compreensão, de sorte que sua leitura se torne mais proveitosa e consistente em relação aos objetivos primordiais do livro.

Para isso, lembramos que, em 1893, Durkheim coloca-se contra o diletantismo existente sobre vários temas relativos à sociedade e que o autor ataca frontalmente o pensamento social baseado em meras abstrações ou na filosofia social. Nessa mesma linha, ele critica doutrinas que postulavam a dedução de princípios éticos *a priori* para a orientação de estudos sociais e econômicos. Ao mesmo tempo, Durkheim pretendia um conhecimento superior ao senso comum e decorrente do método científico, utilizando dados da própria realidade social como fonte indutiva. Tais traços da atividade científica, antes mesmo de constarem da “tese de 1893”, já seriam indicados por Durkheim em artigos e na docência anteriores àquele ano. Sustentamos, por isso, que o programa de pesquisa científica do qual a sociologia era parte integrante já era paulatinamente implementado por Durkheim através de distintas atividades, relativas ao ensino e à pesquisa, entre 1886 e 1893.

O capítulo anterior mostrou como a disputa relativa à consolidação das ciências sociais foi aguerrida na França, contando com inúmeros agentes. Dessa forma, preferimos encarar essa disputa como sendo composta por fases distintas, pelas quais o campo relativo a tais ciências configurava-se paulatinamente. Durkheim participou dessas etapas, nelas empreendeu o esforço correlato. Se, por exemplo, atentarmos aos pontos do programa durkheimiano indicados no capítulo precedente, veremos a possibilidade de ordená-los conforme as necessidades encontradas pelo próprio autor durante sua empreitada. Paralelamente a tal ordenação, os dados relativos às atividades de Durkheim reforçam o que acaba de ser dito acima em relação à implementação do seu programa de pesquisa, uma vez que foi longo o período que compreendeu os principais resultados para a implementação e a realização do seu programa de pesquisa científica.

Como vimos, esses resultados surgem ao longo das décadas de 1880 e 1890, sendo possível destacar alguns fatos importantes e relativos à construção do programa científico durkheimiano no período, fatos esses que dão forma e substância ao mesmo programa. A viagem à Alemanha, por exemplo, com a possibilidade de pesquisar profundamente as ciências positivas daquele país, enseja o planejamento de seu programa de pesquisa científica propriamente dito. Para Durkheim, a possibilidade de pesquisa sobre a sociedade é reforçada na Alemanha através das “ciências positivas da moral” com concepções e métodos distintos daqueles que o autor conhecia, mas, por outro lado, confirmam opiniões e posturas acadêmicas que antigos professores seus ou que autores por ele conhecidos defendiam em relação à investigação social. Do conhecimento das ciências positivas alemãs e dos métodos por elas empregados surge, para Durkheim, a idéia de uma “ciência positiva da sociedade”, cujos objetos seriam os costumes, a moral social e as normas jurídicas vigentes na sociedade.

A decisão, por Durkheim, da constituição de uma nova disciplina seria rapidamente organizada graças não só ao acúmulo de dados e de informações a partir de 1882 como também pelos inúmeros textos e resenhas produzidos pelo pesquisador loreno como forma de sistematização de suas leituras e de consolidação dos seus conhecimentos. Neste período de organização e constituição da disciplina, Durkheim torna-se um exímio pesquisador, a par das recentes discussões sobre Política, Economia, Direito e Moral que acontecem na Inglaterra, na Alemanha e na sua França. Os primeiros registros da nova disciplina são apresentados em 1887 na “Revista de Metafísica e Moral”. Nessa revista, Durkheim publica dois artigos pelos quais expõe os resultados de sua viagem à Alemanha, artigos que podem ser considerados como “protótipos” da sociologia durkheimiana.

A força de trabalho e a capacidade produtiva do professor loreno podem ser percebidas pela forma com que ele orienta sua docência em Bordeaux. Os registros da “Aula Inaugural do Curso de Ciências Sociais” demonstram uma avançada sistematização da disciplina, ao mesmo tempo em que deixam patente o trajeto seguido pelo docente rumo à sua construção. Segundo nossa investigação, a “lição inaugural de 1887” e artigos da Revista de Metafísica e Moral não só têm importantes ligações com a tese de 1893 como já sinalizam vigorosamente em sua direção, provando que Durkheim colocava em prática seu projeto de pesquisa científica na segunda metade da década de 1880.

Mas, ao invés de sustentar que as reflexões apresentadas por Durkheim em 1893 já se encontravam totalmente delineadas em 1887, constatamos que a “lição inaugural de 1887” reúne apontamentos resultantes dos estudos feitos na Alemanha e que deles faz usa para a organização da disciplina, apresentando-os na forma de preleção. Porém, a nosso ver, os

mesmos apontamentos supracitados permitem uma melhor compreensão da “tese de 1893”, funcionando como uma “chave de leitura” plausível.

Como peça para nossa pesquisa, a “lição inaugural de 1887” veio a constituir um dado importante; uma vez que por ela Durkheim apresenta aos seus alunos dados que orientariam a construção de sua tese ou que até mesmo dela fariam parte. Esse fato demonstra a coerência e, ao mesmo tempo, o alto nível de organização da reflexão durkheiminiana a cinco anos da defesa de sua tese. Além disso, a lição supracitada também faz alusão e referência aos estudiosos alemães a cujo pensamento Durkheim fora apresentado entre os anos de 1882 e 1886, pensamento este fundamental para a orientação seguida pelo autor em *Da Divisão do Trabalho Social*.

Neste capítulo, a análise de *Da Divisão do Trabalho Social* apresenta-se em dois momentos. Inicialmente, mostraremos por qual motivo e como Durkheim teve que indagar “quais as possibilidades que se colocam à relação *Indivíduo x Sociedade?*”, já que fora esse o problema com o qual o pesquisador francês se entreteve em meio aos estudos que culminaram com a redação de sua tese doutoral. Entender a maneira como fora formulada essa pergunta será o primeiro objetivo de nossa demonstração. Fazendo isso, voltaremos às investidas do autor para a constituição da sociologia, ao mesmo tempo em que entenderemos suas reais intenções com a disciplina. Assim veremos como as “ciências positivas da moral” alertaram Durkheim para certos pontos que se tornariam recorrentes em seu pensamento, sobretudo, a importância da moral e dos costumes no contexto social para a orientação da ação individual. Foi por reconhecer essa importância que a possibilidade de ação individual auto-orientada cai por terra em meio às investigações do professor Lorenz, o qual chega à conclusão que a sociedade deixaria de existir, caso essa possibilidade fosse verdadeira.

Da Divisão do Trabalho Social é, antes de tudo, a afirmação da antecedência e da prevalência da sociedade sobre o indivíduo. Essa investigação sobre a possibilidade da existência da sociedade moderna e sobre as condições de sua manutenção coloca-se contra a teoria do contrato social, segundo a qual são os indivíduos que acordariam entre si as condições pelas quais a sociedade viria a existir e quais seriam seus objetivos a partir das necessidades dos mesmos indivíduos. Para Durkheim, o pressuposto de um estágio a-social no qual os indivíduos escolheriam viver em sociedade é um erro, pois a sociedade e os grupos sociais são anteriores a seus componentes individuais. A mesma antecedência da sociedade em relação aos indivíduos levaria o autor a criticar a economia inglesa clássica que via a sociedade como o resultado da ação de indivíduos livres e orientados segundo suas paixões e

apetites. Para Durkheim, isso seria falso que a sociedade forneceria aos indivíduos os valores pelos quais suas ações seriam não apenas orientadas, mas, sobretudo, regulamentadas.

Desse modo, em virtude dos dados coletados para seu estudo, assim como pelo método utilizado pra sua consecução, Durkheim declara que a sociedade surge como resultado das necessidades da própria vida humana, em virtude das quais esta última se organiza e, ao se organizar, origina a sociedade. Por isso, respondendo a leis necessárias, a afirmação da anterioridade da sociedade em relação ao indivíduo é um dado verificável empiricamente ao invés de uma postulação *a priori*. Segundo Durkheim, se a hipótese do contrato social fosse procedente, a sociedade teria a necessidade constante de ser refundada a partir de regras que orientam as relações sociais, o que não garantiria que tais regras fossem sempre as mesmas. O resultado das investigações durkheimianas, pelo contrário, sustenta que a constância das relações sociais é possível em virtude de sua determinação prévia pelos costumes, pela moral e mesmo pelas regras estabelecidas nos códigos do direito, independentemente dos indivíduos que se colocam em relação. As pesquisas de Durkheim indicam que a sociedade orienta, dessa forma, a conduta dos indivíduos em suas relações e corrige aquelas condutas que deixam de se adequar às necessidades do grupo ou às regras por ele impostas.

Na próxima seção deste capítulo, indicaremos como Durkheim chegou a essas conclusões, essa demonstração será vital para a compreensão do que realmente fora discutido por Durkheim em sua tese. Numa última seção, trataremos de dois temas intimamente associados pela “tese de 1893”, os temas da corporação e da moral profissional. Através deste ultimo tratamento, exporemos os resultados finais de nossa pesquisa.

3.2 A Influência do “Socialismo de Cátedra” na tese Durkheiminiana.

Anteriormente, falávamos da preocupação de Durkheim com a situação política de seu país e do seu ímpeto em contribuir de alguma maneira para a resolução dos problemas enfrentados pela França. Pudemos perceber que, ainda durante o curso normal, a carreira intelectual de Durkheim fora direcionada pela possibilidade da construção da França, enquanto nação republicana. Leituras feitas durante sua graduação, somadas às influências recebidas por Durkheim de inúmeros intelectuais com os quais tivera contato ou cujas obras levaram o jovem David Èmile a reorientar sua carreira, migrando da filosofia para as ciências sociais, enquanto essas ainda ganhavam contornos na França. Nesse sentido, os estudos de Durkheim iniciaram-se sobre linhas de fronteira e receberam a contribuição de ciências distintas.

Dentre os estudos de Durkheim relevantes para a composição de sua tese doutoral, os relativos à moral positiva ganham importância. Durkheim percebe os códigos sociais, a moral e os costumes como os elementos fundantes da sociedade e orientadores da conduta humana. O tratamento que o direito, a economia, a ética e até mesmo a psicologia ganhavam dos socialistas de cátedra enfatizavam as “crenças sociais fundamentais”, o direito, a moral e os costumes através do estudo positivo da moral realizado pelas disciplinas citadas. Estas despertaram Durkheim para a possibilidade de construção de uma nova disciplina, autônoma em relação às disciplinas anteriores, ao mesmo tempo em que seria tributária das pesquisas promovidas por elas. Por último, a investigação sobre as ciências da moral também sensibiliza Durkheim em relação aos métodos utilizados na Alemanha e para sua diferença em relação às ciências correlatas em países como a França e a Inglaterra.

Em virtude da viagem à Alemanha, a implementação de uma “moral positiva” torna-se uma necessidade que impulsiona sua carreira e obra, constatável pela recorrência em seus escritos do tema da moralidade. Na Alemanha, Durkheim faz um “inventário sistemático”¹⁵⁸ das ciências positivas da moral, pelo qual averigua o nível de desenvolvimento e os resultados a que chegaram aquelas ciências¹⁵⁹. Retornando à França, publica, entre outros textos, *A ciência positiva da moral na Alemanha*¹⁶⁰, pelo qual relata suas descobertas, indica a direção seguida pelos estudos da “moral positiva”, mas também assinala que a mesma

¹⁵⁸ Lacroix (1984) e Durkheim (1976) utilizam-se do termo “inventário” ao se referir ao levantamento de sobre os procedimentos das ciências alemãs da moral realizados pelo último autor entre os anos de 1885/86

¹⁵⁹ Lacroix (1984).

¹⁶⁰ Este texto foi publicado recentemente no Brasil sob o título “Ética e Sociologia da moral”. Vide Durkheim (2003).

encontrava-se em processo de construção naquele país¹⁶¹. No texto, Durkheim também discute o desenvolvimento dos estudos influenciados diretamente por um movimento ético, conhecido pelo termo “socialismo de cátedra”¹⁶², além de analisar trabalhos que ultrapassam os resultados obtidos pelo mesmo movimento. Sem exceção, estudos e trabalhos discutidos por Durkheim no referido artigo entendiam “a ética como uma ciência especial, com seus métodos e princípios”¹⁶³, sendo estes apreciados em virtude do tratamento dispensado à moral.

Em relação ao movimento ético-científico alemão, a atenção de Durkheim é acionada pela direção dada aos estudos da moral associados à economia social e à filosofia do direito. Os proponentes destes trabalhos procuravam estabelecer princípios gerais, sejam através da indução ou da dedução, para, a partir deles, determinar normas que regem as atividades sociais. Para Durkheim, a possibilidade de se construir uma moral positiva passa pela observação dos fatos morais, o que possibilita entender a determinação da moral e dos costumes a partir da relação que mantêm com os fatos sociais. Caso estes vínculos sejam abstraídos, a moral perde sua forma e, conseqüentemente, a sua função. Justamente por isso, os socialistas de cátedra usavam a história como uma ciência auxiliar em suas pesquisas. Ao invés de argumentos formais, para o estabelecimento da ética a partir de princípios morais, os teóricos da escola alemã apoiavam-se em fatos históricos e no estudo do desenvolvimento da sociedade para a investigação da moral e de temas correlatos, como fenômenos determináveis no tempo e no espaço¹⁶⁴; já que a moral, em todo lugar e em qualquer tempo, existe em decorrência da própria vida social e sua função é permitir a possibilidade e a continuidade da existência social. Segundo Durkheim, os moralistas do “socialismo de cátedra” trabalhavam rumo ao estabelecimento da moral como ciência independente e com objeto próprio, baseada em fatos, ao mesmo tempo, empíricos e *sui generis*¹⁶⁵. Suas orientações disciplinares, adotadas na filosofia do direito, no direito e na economia, seguiam o método indutivo em suas pesquisas. Através delas, esses estudiosos constataram a forte relação entre a moral e o campo de suas respectivas ciências.

¹⁶¹ Durkheim (2003).

¹⁶² Lacroix(1984) e Durkheim (1978) usam reiteradamente o termo “socialismo de cátedra”, Durkheim(2003) apresenta os termos “socialismo acadêmico” e “socialismo de estado”. Registramos essas variações por acreditar que as mesmas decorram dos processos de tradução dos textos. Em virtude dessas variações, optaremos pelo termo “socialismo de cátedra”, mais próximo do original alemão, *Katheder Socialismus*, registrado em Durkheim (2003).

¹⁶³ Durkheim (2003; p. 11).

¹⁶⁴ Durkheim (2003; p. 29).

¹⁶⁵ Durkheim (2003; p. 112).

Foi grande o interesse do socialismo de cátedra pela determinação da relação existente entre economia social e moral. Para economistas ligados ao citado movimento ético, a sociedade deveria ser encarada como um ser particular e dotado de características próprias com autonomia em relação aos indivíduos que a compõem, não se confundindo com eles. As diversas funções sociais teriam finalidades próprias, que, ultrapassando os objetivos individuais, deles se distinguem claramente. Economistas alemães diretamente ligados ao socialismo de cátedra, como Rudolf Wagner e Gustav Schmoller, viam a sociedade como uma *máquina* que poderia ser movida do exterior; enquanto Albert Schäffle, cujo pensamento já distanciava daquele movimento ético, mesmo sendo por ele influenciado, considerava a sociedade como *um ser vivo que se move do interior*¹⁶⁶. Também economista, Schäffle defendia que as leis da economia e da moral passaram, ao longo da história, por modificações, algumas pequenas outras profundas.

Os economistas ligados ao socialismo de cátedra merecem destaque na pesquisa de Durkheim, porque preocuparam-se em demonstrar que os progressos industrial e moral

(...) não são necessariamente coincidentes. Em conseqüência, como se espera que a moral aprimore o mundo, *ela deve exercer uma influência reguladora sobre a economia política*. O abismo que separa as duas ciências é assim preenchido, mas sem que elas se confundam. *O problema da economia é ético por natureza; seu objetivo é moral*. Economia social (*die Volkswirtschaft*) não consiste apenas na produção empresarial. Importante acima de tudo não é saber como produzir tanto quanto seja possível, mas saber como vivem as pessoas, saber *até que ponto a atividade econômica realiza os fins morais da vida, as exigências de justiça, humanidade e moralidade, que se impõe a toda sociedade humana*.¹⁶⁷

Os economistas alemães, além de registrar as implicações morais das atividades econômicas, procuraram, através de suas pesquisas, demonstrar os vínculos existentes entre a economia política e a moral, enquanto ordens diferentes de um mesmo fenômeno.

Entre esses economistas, a obra de Albert Schäffle chama a atenção de Durkheim antes mesmo de sua viagem à Alemanha. Como um dos “socialistas de cátedra”, Schäffle tinha como preocupação a organização da sociedade. O “organicismo social” do economista deixará marcas sobre o pensamento de Durkheim, tanto no que tange à afirmação da primazia da sociedade sobre o indivíduo, preexistindo a ele quanto à análise dos elementos constitutivos na nação para o exame da contribuição do poder político na manutenção da unidade nacional¹⁶⁸. Por conseqüência, os estudos sobre a relação “autoridade x nação” realizados por Durkheim ganham elementos com a obra do economista, sobretudo referentes

¹⁶⁶ Durkheim (2003; p. 36). Grifos meus.

¹⁶⁷ Durkheim (2003; p. 16). Grifos meus.

¹⁶⁸ Lacroix (1984; p. 41).

aos fatores internos à nação, os quais ainda se ligam à questão da autoridade. Em meio às pesquisas de Durkheim, tais elementos se tornam tão importantes que a questão indicada pelo economista alemão levam a Durkheim a reconsiderar os apontamentos de Renan sobre a “questão da nação”, apontada anteriormente.

Segundo Durkheim, Schäffle avança na sistematização da moral positiva em virtude da especificação dos elementos necessários ao estudo da autoridade, enquanto fenômeno interno à sociedade na construção de uma moral positiva, que pressupõe a complementaridade da moral e do direito, disciplinas de caráter empírico. Ao admitir que a moral e o direito são funções orgânicas da sociedade, o economista citado admite que as leis da moral são naturais e derivadas das naturezas humana e social. Dessa maneira, Schäffle assevera em seus estudos que as leis morais decorrem da evolução das sociedades, levando Durkheim a afirmar que:

(...) a moral não é um sistema de regras abstratas que as pessoas trazem gravadas na consciência ou que são deduzidas pelo moralista no isolamento de sua sala. É uma função social ou, mais que isso, *um sistema de funções* formado e consolidado sob a pressão de necessidades coletivas (...) São os fatos que constituem a substância da moral. O moralista não pode, então, inventá-los, nem construí-los, só pode observá-los onde quer que existam e então buscar suas causas e condições na sociedade.¹⁶⁹

Sobretudo, Durkheim frisa que, para certos economistas alemães, a atividade econômica é exercida pelo conjunto da nação. A diferença entre a economia social (*die Volkswirtschaft*) e a moral é a mesma existente entre continente e conteúdo¹⁷⁰, o que tornaria “impossível entender as máximas da moral relativas à propriedade, ao contrato, ao trabalho, etc. sem entender as causas econômicas das quais derivam”¹⁷¹. Para os mesmos estudiosos, economia e moral são formas distintas de um único fenômeno¹⁷²; também para os juristas ligados ao movimento ético aqui discutido, economia política e filosofia do direito seriam ciências complementares, sendo que esta última “deveria buscar sua matéria no direito positivo”¹⁷³. Pelo artigo do pesquisador francês fica demonstrado que, nos estudos de alguns juristas alemães, verificava-se a associação de fatos econômicos e de fatos morais.

A ciência positiva da moral na Alemanha também é um libelo durkheiminiano contra estudos sociais meramente especulativos. Apontávamos, no início do nosso estudo, que a aversão ao diletantismo e à especulação nascera ainda na província, durante estudos secundários do jovem David Èmile. Mais tarde, essa mesma aversão ganha força e

¹⁶⁹ Durkheim (2003; p. 35). Grifo meu.

¹⁷⁰ Durkheim (2003;p. 25).

¹⁷¹ Durkheim (2003; p. 25).

¹⁷² Durkheim (2003; p. 17).

¹⁷³ Durkheim (2003; p. 41).

argumentos em Paris, mediante o contato que o normalista travara com importantes positivistas da Escola Normal Superior, como Èmile Boutroux, Numa Denis Fustel de Coulanges e Theodule Ribot. A busca pela compreensão da sociedade através de métodos positivistas nunca será abandonada, alentando esforços durkheimianos para a construção de uma ciência dos costumes. Como forte indicação do mesmo esforço, o artigo supracitado precede a “tese de 1893” e, sobretudo, abre-lhe caminho. Plantando as sementes de seu “programa de pesquisa científica”, fora inevitável, para Durkheim, colocar-se contra os “ramos especulativos” das ciências sociais francesas e inglesas, ao comentar suas correlatas alemãs. A forte crítica apresentada no artigo compara características das “ciências positivas da moral” em relação às perspectivas que lhes são antagônicas. Referindo-se à economia, Durkheim coloca-se ao lado de Schmoller e de Wagner, ao comentar seu pensamento econômico divergente dos economistas manchesterianos. Ao contrário dos últimos, “os professores alemães se negam a abdicar do domínio do destino coletivo; demonstram que as pretendidas leis naturais mudam ao longo do tempo e deduzem a possibilidade que tem o Estado de impor reformas desejáveis.”¹⁷⁴ O tratamento dado pelos socialistas de cátedra à questão do Estado era direcionado pelas suas investigação dos vínculos empíricos existentes entre moral e economia, cujo intuito era definir os princípios morais para a intervenção estatal sobre a economia.

Confrontadas as concepções de ambas as escolas, suas conseqüências são apresentadas por Durkheim em função da possibilidade de construção de uma ciência positiva dos costumes. Nessa direção, o professor Loreno frisa que a escola econômica inglesa peca em importantes orientações, comprometendo seus estudos. Ao contrário das ciências positivas alemãs, a tradição inglesa erra por fundamentar sua concepção social tanto no indivíduo como em suas possibilidades lógicas e morais, focando pesquisas sobre as ações individuais e sobre o exercício da liberdade econômica, como principais meios para a realização dos objetivos do indivíduo. Como corolário dessa concepção, a economia inglesa toma o indivíduo como “objetivo das relações econômicas”¹⁷⁵ e seus estudos visam à determinação de “leis econômicas” gerais, ocorrendo a troca econômica como resultado da interação direta de indivíduos livres em via de realização de seus desejos e apetites.

De acordo com os postulados da “Escola de Manchester”, critica Durkheim, a relação econômica seria criada de forma fugaz e a partir de laços sociais determinados por interesses mútuos; e ainda, “uma vida coletiva intensa demais se tornaria logo uma ameaça a

¹⁷⁴ Lacroix (1984; p. 69). Tradução minha.

¹⁷⁵ Durkheim (2003; p. 18).

independência do indivíduo”¹⁷⁶. Com o inventário científico apresentado em *A ciência positiva da moral na Alemanha*, Durkheim ataca os estudos da “Escola de Manchester”, indicando que o socialismo acadêmico defende uma concepção social orgânica, pela qual a manutenção da sociedade estaria por trás das principais crenças sociais, tornado-se o objetivo primeiro de todos os homens e o primeiro valor defendido pela própria sociedade, tamanho o ganho geral advindo da mesma manutenção.

Criticando os economistas ortodoxos, Durkheim coloca-se diretamente contra sua idéia de sociedade, ao lembrar que, pela mesma, a sociedade

(...) é uma abstração, uma entidade metafísica que os cientistas podem e devem ignorar. Esse termo (sociedade) se refere apenas às *interrelações entre as ações individuais*; um conjunto que nada mais é do que a soma de suas partes. Em outras palavras, as grandes leis da economia seriam as mesmas, ainda que não existissem no mundo nações e Estados; tais leis pressupõem apenas a presença de indivíduos que trocam entre si os seus produtos. No fundo, os economistas liberais são, sem o saber, discípulos de Rousseau, cujas idéias repudiam. Reconhecem, é verdade, que o estado de isolamento não é o ideal; mas, assim como Rousseau, vêm nos laços sociais apenas uma relação superficial, determinada por interesses mútuos.¹⁷⁷

Durkheim identificou nos estudos alemães sobre a moral uma “concepção social orgânica”, oposta àquela da economia ortodoxa. Em virtude de suas investigações sobre a nação e sobre a natureza da autoridade, Durkheim percebe como a orientação do socialismo de cátedra favoreceria os “estudos morais” que o francês pretendia implementar. Esse é o motivo pelo qual Durkheim vocifera contra os representantes da “Escola de Manchester”, alegando que seus estudos

(...) não hesitam em declarar que os sentimentos nacionais não passam de resíduos de preconceitos que um dia irão desaparecer. Sob tais condições, a atividade econômica não pode ter outra motivação senão o egoísmo. A economia política separa-se assim da moral, se é que ainda restará algum ideal moral para a humanidade depois de dissolvido todo o vínculo social.¹⁷⁸

A importância que Durkheim concede às ciências positivas alemãs calcava-se no vínculo por elas detectado entre a moral e seus respectivos objetos; uma vez que, através das postulações do socialismo de cátedra, as mesmas ciências chegariam a determinações da moral social para a vida coletiva; além disso, o socialismo de cátedra entendia a sociedade de uma forma específica que se refletia em suas conclusões. Sendo a moral também o principal interesse durkheiminiano, torna-se lógico que o pesquisador francês se opusesse aos estudos que não facultassem importância aos problemas morais, descartando o peso destes últimos em

¹⁷⁶ Durkheim (2003; p. 19).

¹⁷⁷ Durkheim (2003; p. 18). Grifo meu.

¹⁷⁸ Durkheim (2003; p. 19).

seus estudos. O ataque por Durkheim aos economistas ortodoxos tinha, nesse ponto específico, uma segunda justificativa, sua insistência nos estudos calcados na mera abstração ou em princípios metafísicos. No artigo em tela, Durkheim é enfático em relação à existência da sociedade, ao comentar os estudos de economistas como Wagner e Schmoller:

(...) a sociedade é um ser real que, embora não exista fora dos indivíduos que a compõem, tem mesmo assim natureza e personalidade próprias (...). Não é correto afirmar que o todo é igual à soma das partes. Do fato de *existirem relações bem definidas entre as partes e de elas se associarem de forma determinada* resulta uma coisa nova: uma entidade reconhecidamente composta, mas dotada de propriedades especiais que, sob certas condições, pode até mesmo ter consciência de si própria. *A sociedade, portanto, não se reduz a uma massa confusa de cidadãos.*¹⁷⁹

Durkheim ainda indica que, para os economistas alemães, a atividade econômica é organizada pela própria sociedade, a fim de que algumas das necessidades sociais sejam satisfeitas. Segundo ele, é esse entendimento que justifica a filosofia econômica por trás do socialismo de cátedra: a economia social é uma *realidade concreta* e a ciência econômica a trata *prioritariamente* dos interesses sociais. O pesquisador francês salienta o destaque que os economistas alemães dão ao termo *Volkswirtschaft* (economia social), fazendo dele um análogo ao termo “povo” e significando um todo real¹⁸⁰. Em meio aos estudos relativos à moral, nada mais compreensível do que a busca de sua função prática. Para a economia social, moldada ao socialismo de cátedra, essa função prática relaciona-se à existência da sociedade; assim, a moral relaciona-se às condições de possibilidade social, fundamentando-as. De acordo com Durkheim, esta associação entre economia e moral traz nova perspectiva para o estudo de setores da produção e da circulação de riqueza, mas também para aspectos relativos à moral. Na busca pelo entendimento desses aspectos, Durkheim concebe seu programa científico para a sociologia, uma ciência relativa às várias formas assumidas pela moral no interior da sociedade. Se os fenômenos econômicos têm aspectos morais subjacentes a si, diria Durkheim, o estudo dessa moralidade intrínseca aos mesmos fenômenos trará luzes os *atos sociais* a eles associados¹⁸¹. Para que a análise dos aspectos morais intrínsecos aos fenômenos econômicos fosse feita, os últimos deveriam ser passíveis de observação científica. Assim, o positivismo do socialismo de cátedra adota o imperativo da construção das ciências da moral sobre dados empíricos. Além de discutir a necessidade da observação empírica como um dos procedimentos da nova disciplina, Durkheim aposta na associação da própria moral com as

¹⁷⁹ Durkheim (2003; p. 19). Grifos meus.

¹⁸⁰ Durkheim(2003; p. 20).

¹⁸¹ Aqui, usamos o termo “atos sociais” tal como definido por Durkheim em *As Regras do Método Sociológico*.

várias disciplinas que têm como objeto alguma das variações da moral. Nesse sentido, o autor aponta:

É necessário entender a moral em suas múltiplas relações com os fatos que lhe definem a forma e que ela, por sua vez, regula. Se é isolada deles, a moral parece não se relacionar a coisa alguma, mas flutuar no vazio. Isolada de todas as inter-relações com a fonte da própria vida, fenece a ponto de se reduzir a nada além de um conceito abstrato, inteiramente *contido numa fórmula vazia e seca*. Pelo contrário, quando se lhe oferece uma relação com a realidade da qual ela é parte, ela surge como uma *função viva e complexa* do organismo social.¹⁸²

Este trecho traz à lembrança o ressentimento do autor em relação à abstração da Escola de Manchester e à economia ortodoxa. A associação de disciplinas positivas para estudos de fenômenos morais demonstra que a moral associa-se aos vários fins da sociedade, a ponto de permanecer constante ou de se alterar, conforme a variação daqueles fins. De qualquer forma, já podemos assegurar que a discussão feita em *A ciência positiva da moral na Alemanha* sinaliza em direção a estudos posteriores, como *Da Divisão do Trabalho Social* e *O Suicídio*. O artigo ainda é um registro da importância do direito entre as ciências positivas e traz apontamentos sobre o “estado da arte” da filosofia do direito na Alemanha, assim como sobre sua relação com o direito positivo. Ao mesmo tempo em que trata dessa relação na segunda parte de seu artigo, Durkheim traça uma série de considerações sobre o parentesco entre os costumes, o direito e a moral. Através delas o autor aprofunda a concepção social das ciências positivas da moral.

Segundo Durkheim, o direito é uma das funções sociais responsáveis pela realização dos fins impostos socialmente com a moral. Por trás dos vínculos que direito e moral apresentam há um fim comum, a preservação da própria sociedade. Em relação a esse fim, ambos representam diferentes níveis de prescrições. Mas a principal distinção entre direito e moral está, segundo Durkheim, no grau daquelas prescrições e, em virtude dessa diferença, direito e moral realizam-se através de diferentes agentes, respectivamente, o Estado e a opinião pública¹⁸³, sendo que cada um deles tem, como prerrogativa, o exercício de um tipo de autoridade sobre os integrantes da sociedade. Analisando a familiaridade entre moral e direito, Durkheim escreve:

A moral tem o mesmo objeto que o direito: também ela tem a função de assegurar a ordem social. É por isso que, assim como direito, ela consiste de preceitos que a coação torna obrigatórios quando necessário. Mas essa coação não consiste apenas em pressão mecânica externa, tem um caráter mais íntimo e psicológico. Não é o Estado que a exerce, mas o conjunto da sociedade. A força necessária a ela não se encontra em mãos claramente definidas, dissemina-se por toda a nação. Nada mais é que a autoridade da opinião pública que ninguém, no topo ou na base da pirâmide

¹⁸² Durkheim (2003; p. 28). Grifos meus.

¹⁸³ Durkheim (2003, p. 53).

social, consegue evitar. *Como não se fixa em fórmulas precisas, a moral é mais livre e flexível que o direito*, e é necessário que seja assim. O Estado é um mecanismo grosseiro demais para regular os movimentos tão complexos do coração humano. Ao contrário, a coação moral exercida pela opinião pública não se deixa tolher por obstáculo algum. Sutil como o ar, ela penetra em todo lugar. – “tanto no lar da família quanto nos degraus do trono”. O direito, portanto, se diferencia da moral não apenas por suas características externas mas também por diferenças intrínsecas (...). Só se pode afirmar que *a moral se estende muito além do direito*. As ações cuja execução ela nos ordena têm a mesma força que as prescritas pelo direito. Em resumo, o direito é a moral mínima absolutamente necessária à permanência social.¹⁸⁴

Além dessa distinção entre direito e moral, esta última também se subdivide em moral propriamente dita e os costumes; são estes três os distintos graus de moralidade. Para a ciência dos costumes tal distinção é fundamental, uma vez que subdivide o objeto original da disciplina, mas ao propor tal especificação, a disciplina consegue aprofundar-se em cada um dos subcampos disciplinares. Além da especificação do direito em relação à moral, Durkheim repete o procedimento para distinguir a moral propriamente dita dos costumes:

(...) os costumes que são apoios úteis, geralmente indispensáveis à moral. Essas duas noções não são sinônimas. Pode-se agir contra os costumes sem ofender a moral. As ações ditadas pelo costume não são boas em si, mas somente por terem o efeito de tornar impossíveis ou muito difíceis ações moralmente condenáveis. *Os costumes são medidas preventivas destinadas não a combater o mal, mas a evitá-lo; têm um caráter profilático*. Se é contra os costumes uma jovem sair sozinha à noite, é porque nesse horário a sua virtude é mais ameaçada. Em outras palavras, o que o costume proíbe não é em si condenável, é apenas perigoso: os costumes são para a moral o que os guardas são para a segurança do direito. *O valor dos costumes é real*, mas derivado; e, no caso do conflito com a moral, são os costumes que devem ceder.¹⁸⁵

Para chegar a essas conclusões, Durkheim detém-se sobre estudos de diferentes juristas alemães que se esforçam rumo a uma ciência positiva da moral. Se os estudos da economia positiva trazem elementos substanciais para o projeto durkheimiano, o contato do autor com estudiosos do direito positivo fornece-lhe elementos de impacto fortíssimo sobre a futura sociologia com desdobramentos verificáveis na “tese de 1893”. De fato, inúmeros argumentos presentes em *Da Divisão do Trabalho Social* são angariados a partir dos estudos dos juristas alemães que caminhavam a passos largos em direção a uma ciência positiva da moral em função de seus estudos empíricos e também por disporem de vários elementos que já compunham uma incipiente teoria da moral positiva, cujo objeto específico já fomentava alguns dos estudos então realizados por estudiosos alemães do direito. Essa teoria propunha um tratamento do direito, dos costumes e da própria moral a partir das suas conseqüências

¹⁸⁴ Durkheim (2003; p. 53-54). Grifos meus.

¹⁸⁵ Durkheim (200-; p.55). Grifos meus.

diretas sobre a vida coletiva, mas também determinavam a relação entre essas formas de prescrição mantinham entre si.

Além dos economistas citados e direta ou indiretamente ligados ao socialismo de cátedra, Durkheim ainda faz considerações sobre o que aprendera a partir do seu contato com Wilhelm Wundt, destacado psicólogo e estudioso da moral, que conseguiu fazer de seu laboratório uma verdadeira referência em estudos empíricos da moral. De acordo com Durkheim, este pesquisador alemão publicara, através do volume *Ética*, uma síntese em relação os progressos realizados pelas ciências positivas da moral¹⁸⁶. O positivismo de Wundt e suas atividades em relação à moral levaram-no a uma postura científica radical pela qual não haveriam nenhum espaço para a simples especulação em termos de ciência da moral. Mas, ao invés de descartar totalmente a dedução em seus estudos, o pesquisador supracitado desenvolve o que Durkheim consideraria como o método mais completo entre os estudiosos da moral, através de cooperação entre a indução e a dedução, a partir dos dados da experiência, onde os dados obtidos através do primeiro método seriam alvo de minucioso tratamento metodológico com o auxílio do segundo¹⁸⁷.

Wilhelm Wundt é mais um dos pesquisadores que reagem contra a fragmentação da moral e do seu tratamento científico por disciplinas dispersas e cujas pesquisas não se orientam mutuamente. Exemplo de uma postura científica engajada, propõe a conciliação os métodos especulativo e empírico, baseada na complementaridade deles, cujo segredo estava na maneira pela qual seriam tratados os dados científicos, a atividade científica partiria, via indução, de dados reais, os quais orientariam sua direção; porém o trajeto seguido pelo cientista da moral não se deteria no ponto até onde os dados o levasse; ao contrário, perseguiriam a partir desse mesmo ponto orientação oferecida pela dedução, orientada pelo trajeto seguido até aí. É possível que a atração exercida pelos estudos de Wundt sobre Durkheim deva-se ao método utilizado pelo psicólogo experimental, que mereceu uma longa descrição por parte do professor francês:

O método de Wundt segue as divisões naturais da ciência. É necessário primeiro examinar os fatos para ver como é constituída a moral atual; reduzi-los, em seguidas, a princípios gerais; finalmente, perguntar como esses princípios deveriam ser aplicados nos diferentes domínios da moral. Mas Wundt acrescenta ainda uma quarta parte a essas três. Ele considera necessário que haja algum tipo de preparação antes de passar dos fatos para os princípios. Teme que, ao ser aplicado a uma massa enorme de fatos, o pensamento científico se veja esmagado e reduza artificialmente a complexidade deles. Para chegar a uma síntese mais abrangente, portanto, o melhor meio é *proceder um estudo comparativo das teorias morais que se*

¹⁸⁶ Durkheim (2003; p. 57).

¹⁸⁷ Durkheim (2003).

*sucederam historicamente desde a antiguidade até o presente. As doutrinas dos moralistas são assim tratadas como eventos na formação das idéias morais.*¹⁸⁸

Os estudos de Wundt associam psicologia e moral, uma vez que essas teriam de uma base comum, radicada no homem, ao interior do qual chegaria com sua ciência positiva, partindo do exame da estrutura moral da sociedade, o que traz consigo a concepção segundo a qual mesmo as orientações mais íntimas do ser humano estariam diretamente vinculadas à sociedade. Provavelmente, Wundt tenha não apenas inspirado o método sociológico de Durkheim como também a própria maneira como este último é apresentado em *As Regras do Método Sociológico*, tamanha a proximidade da orientação metodológica dos pesquisadores alemão e francês, registrada ainda na primeira parte do livro, quando Durkheim calca os fatos sociais na força das *representações coletivas*, as quais, pelo que estamos verificando com esta análise de *A ciência positiva da moral na Alemanha*, têm suas raízes na psicologia individual sem se relacionar propriamente com os indivíduos, mas com a sociedade formada a partir deles. Na apresentação de seu método, percebe-se como Durkheim faz uso de considerações dos estudiosos que apresenta em seu artigo. E, embora não seja nosso intuito a análise do livro sobre o método, é útil e inevitável trazê-lo à baila em virtude da íntima relação que este mantém com a tese durkheimiana, a qual por sua vez, é uma clara aplicação das “novidades científicas” que Durkheim trouxera da Alemanha. Não é por acaso que *As Regras do Método Sociológico* é um dos estudos integrantes do “manifesto sociológico” de Durkheim. Tal livro traz os procedimentos que o autor sugere para o exercício científico, ao mesmo tempo em que mostra, mesmo que acanhadamente, a relação da disciplina com as concepções que lhe dão forma e matéria.

É, em nossa opinião, esse acanhamento de Durkheim para a exposição tanto de seus motivos quanto de seus objetivos que gerou as controvérsias sobre seus dois primeiros livros publicados. Por eles, Durkheim deixava explícito muito menos do que queria dizer. Por meio de *Da Divisão do Trabalho Social* e de *As Regras do Método Sociológico*, as concepções social, ética e metodológica relativas à sociologia não foram apresentadas a contento, ao contrário do que pensara Durkheim. É o que percebemos ao levantar o contexto e a necessidade que seu “manifesto sociológico” tenta refletir e pelo qual pretende avançar em relação aos estudos que precederam a nova disciplina. Nesse sentido, os prefácios relativos às segundas edições da “tese de 1893” e do livro do método podem ainda ser entendidos como especificações necessárias ao manifesto feito por Durkheim, ao defender uma ciência para a

¹⁸⁸ Durkheim (2003; p. 60-61). Grifos nossos.

qual a comunidade científica européia ainda se preparava, haja vista as próprias indicações do próprio Durkheim em textos e aulas do final da década de 1880.

Através das concepções social, ética e metodológica que se encontram diluídas na “aula inaugural de 1887” e em *As Ciências Positivas da Moral na Alemanha*, Durkheim dá início à construção da sua “ciência dos costumes e do direito”, diluição essa que justifica a apresentação e a análise das mesmas, enquanto “preparativos” para *Da Divisão do Trabalho Social*. O termo “preparativos” vem a calhar, uma vez que conota a descoberta, a preparação e a utilização de materiais ou substâncias em favor de algo ainda inexistente. Com esses trabalhos, podemos afirmar, Durkheim já fazia “ensaios” em direção a *Da Divisão do Trabalho Social*, embora não apresentasse os dados sobre os quais trabalharia propriamente. Em outras palavras, ao longo da década de 1880, Durkheim avançava em relação a sua tese doutoral a partir da construção teórica e metodológica da sociologia, reservando a apresentação do tratamento sociológico dos dados para a década seguinte. Com a tese, primeiro trabalho empírico da sociologia durkheiminiana, o esforço de especificação disciplinar finaliza uma de suas etapas. A primeira, que, na verdade, ainda se confunde com a generalização sociológica, porque, como vimos, o próprio Durkheim estava consciente do seu papel frente ao estabelecimento da sociologia, razão pela qual se preocupava com sua “base disciplinar”. Isso também ocorrera dessa forma porque, conforme um movimento “natural” da organização da disciplina, os trabalhos de especificação disciplinar iriam surgir mais tarde com a criação de campos distintos de atuação científica. Tal papel ficara a cargo dos integrantes da “Escola Francesa de Sociologia” ao assimilarem para estudos distintos os apontamentos de mestre.

3.2. A Parte Inicial de *Da Divisão do Trabalho Social* e a Especificação do Objeto Sociológico

O fato de a sociologia ser hoje uma ciência constituída e constar hoje com um vasto número de subcampos, que possibilita a existência de uma “cultura disciplinar” entre seus profissionais e, sobretudo, entre aqueles que cuidam da renovação da mão-de-obra da disciplina, têm conseqüências sobre sua instrução. No caso específico do ensino da sociologia de Durkheim, a afirmação acima também procede. Dos vícios inerentes a essa situação, o que se relaciona diretamente aos motivos que originaram o presente estudo está o hábito de recontar a história da disciplina a partir do seu momento atual. Especificamente, tal vício perde o foco de elementos significativos para o melhor entendimento dos principais autores da disciplina e mesmo do contexto pelo qual tais autores se destacaram. Durante a discussão realizada, tentávamos apontar isso e resgatar os pontos para as indicações que faríamos sobre a tese doutoral de Èmile Durkheim; no intuito de proceder tais indicações, frisamos elementos importantes do livro que estávamos analisando, para que, a partir dos mesmos, conseguíssemos tornar *Da Divisão do Trabalho Social* mais palatável e significativo.

Como acontece com textos relevantes para uma dada disciplina, a construção do texto em questão contou com a utilização por parte de seu autor de um cabedal teórico que, embora incipiente e em vias de constituição, foi utilizado de modo tão expressivo quanto consistente, a fim de que a obra refletisse suas descobertas e respeitasse a parte da realidade investigada a partir dos conceitos e das noções referendados pelas pesquisas que levaram ao formato último da obra. No caso que avaliamos, certos pontos ganham mais importância, uma vez que *Da Divisão do Trabalho Social* propunha novo tratamento para a sociedade focada pelo estudo, a partir de uma perspectiva original, mas cujos pontos principais eram tributários de estudos anteriores e próximos, em razão do esforço disciplinar para a constituição de uma nova ciência. Como estudo exemplar de uma “ciência positiva da moral”, a tese durkheiminiana precisa ser vista de maneira que permita ao leitor “perceber do que ela é um exemplo”; do contrário, a percepção da obra ficaria comprometida e o esforço de seu autor perderia o significado, a ponto da obra não poder indicar “o que se propôs a fazer” ou a que veio. Acreditamos que esse significado por si mesmo refunda a “tese de 1893”, permitindo que seus “sentidos originário e original” se apresentem ao leitor – mas vale dizer que tais sentidos não são iguais e que o segundo precisa ser considerado como uma conseqüência do primeiro. A presente discussão da “tese de 1893” fundamenta-se nesta distinção,

relacionando-se necessariamente aos esforços relativos ao *programa de pesquisa científica durkheiminiano*, apresentado anteriormente em suas linhas gerais¹⁸⁹.

Estabelecendo uma ciência positiva da moral, o esforço de Durkheim visava à redefinição da moral sobre a qual se fundamentava a sociedade francesa. A formulação em termos científicos e a ampla difusão dos elementos morais da sociedade industrial pela sociologia visavam à reestruturação social a partir do entendimento de processos que aconteciam no interior da sociedade moderna. Com o estabelecimento da disciplina a partir de uma concepção societal, tributária das ciências alemãs, e de um método científico, Durkheim garantia os fundamentos pelos quais um novo conhecimento da sociedade seria possível. A motivação para essa empreitada é representada pelo primeiro ponto do programa de Durkheim do qual se derivam o surgimento da sociologia e o “sentido originário” da tese durkheiminiana, o sentido “por trás de sua origem”, a demonstração das possibilidades da nova disciplina, que se inaugurava com a própria tese. Tal sentido, conforme indicado por nossa pesquisa, relaciona-se ao contexto histórico, apresentado no primeiro capítulo, e tem suas raízes relacionadas ao âmbito científico dentro do qual Durkheim empreendeu suas atividades, conforme apontamos no segundo capítulo. Quando citamos um “sentido original” de *Da Divisão do Trabalho Social*, referimo-nos àquele encontrado na própria obra, cujo plano inicial tentamos resgatar ao longo do presente capítulo, uma vez que o mesmo sentido se encontra “nas entrelinhas o livro”. O significado primeiro do texto é o resultado da teoria apresentada e da análise que fundamenta tal teoria. Julgamos que o “sentido original” do livro deva ser buscado com a pergunta “o que Durkheim queria dizer com seu livro?”, enquanto seu “sentido originário” é o próprio sentido da sociologia, enquanto disciplina. Poderíamos também buscar esse sentido através de uma pergunta, a qual poderia ser “o que propõe a disciplina de Durkheim?”.

Nosso esforço vem sendo orientado pela possibilidade de conjugação das perguntas acima para uma (re)apresentação da tese durkheiminiana. Dessa forma, construímos a seção anterior de nosso capítulo, para expormos os elementos que indicam o sentido pelo qual Durkheim entendia sua própria disciplina, similar francesa das “ciências positivas” alemãs. Por isso, características destas últimas deveriam fazer parte da atividade sociológica, fundamentando-a e orientando-a. Era isso que o próprio Durkheim tentava indicar no início de suas “atividades programáticas” do final da década de 1880 rumo à sociologia, como

¹⁸⁹ Conforme apontado em artigo por Tiryakian, o programa de pesquisa científica durkheiminiano seria bem representado pelos pontos a seguir: “a) estabelecer a sociologia como uma disciplina científica rigorosa; b) proporcionar a base da unidade e unificação das Ciências Sociais; c) proporcionar a base empírica, racional e sistemática da religião da sociedade civil moderna” (Tiryakian 1980; p.283-284).

demonstrávamos pelas análises da “aula inaugural de 1887” e de *A ciência positiva da moral na Alemanha*. Indicada não apenas nesses lugares, a discussão é retomada nos trechos iniciais de *Da Divisão do Trabalho Social*; mas agora num nível, ao mesmo tempo, distinto, posterior e superior em relação ao que Durkheim fazia na década de 1880, uma vez que, em sua tese, o autor deixa de discutir as possibilidades da disciplina para demonstrá-las. Nesse sentido, podemos pensar que a construção do livro pode passar por duas etapas distintas, a construção da teoria e o tratamento de dados sob a orientação daquela última. No capítulo anterior, indicávamos que, tanto na “tese de 1893” quanto em *O Suicídio*, o autor criara a teoria correspondente aos seus estudos enquanto analisava os dados levantados. Isso acontecera mediante ao que fora aprendido na Alemanha onde a sociologia ganha substância a partir das ciências positivas da moral; uma vez que em relação aos dados históricos que deram origem à tese doutoral durkheiminiana, a pesquisa realizada fora ampla, debruçando-se sobre pesquisas que tratavam da organização do trabalho europeu na Idade Média e no Século XVIII.

Na “introdução” de seu livro, Durkheim indica que tratará da “divisão do trabalho”, tema discutido pela “consciência moral das nações”¹⁹⁰ em seu tempo a partir de duas perspectivas distintas na virada das décadas de 1880/1890. Naquela parte do livro, Durkheim registrara sua tentativa de contribuição com dados científicos para o citado debate, pelo qual se questionava a necessidade e a utilidade da “especialização laboral” pelo cidadão: realizar todas as possibilidades do homem ou limitar-se ao desenvolvimento daquelas características relativas ao próprio trabalho? Este dilema ético precisaria contar, segundo Durkheim, com reflexões científicas necessárias a sua solução, a fim de que as pessoas desenvolvessem as posturas adequadas àqueles tempos. Em razão de tais necessidades, Durkheim adverte :

(...) A vida moral, como a do corpo e a do espírito, corresponde a necessidades diferentes e mesmo contraditórias; logo, é natural que ela seja feita, em parte, de elementos antagônicos que se limitam e ponderam mutuamente. Não é verdade que existe, num antagonismo tão acentuado, elementos aptos a perturbar a consciência moral das nações. Porque é preciso, além de tudo, que ela possa explicar-se de onde pode provir semelhante contradição.

Para pôr fim a essa indecisão, não recorreremos ao método ordinário dos moralistas, que, quando querem determinar o valor moral de um preceito, começam por colocar uma forma geral da moralidade, a fim de, em seguida, confrontar com ela a máxima contestada. Sabemos hoje o que valem essas generalizações sumárias.¹⁹¹

Considerando as necessidades de ponderações científicas na condução do debate sobre a divisão do trabalho e no intuito de resolver tal dilema para a vida francesa ao final do

¹⁹⁰ Durkheim (1999, p. 04).

¹⁹¹ Durkheim (1999; p. 07).

Século XIX, Durkheim escolhe a divisão do trabalho como tema central de sua tese. A intenção do professor era ultrapassar o tratamento da questão dado anteriormente. Uma leitura atenta da “Introdução” indicaria ao leitor como Durkheim insere sua obra no debate sobre a divisão do trabalho e como o autor se posiciona nele. “Contra o diletantismo”: a postura que Durkheim cultivara em relação aos estudos sobre a sociedade ainda nos seus estudos secundários é um dos motivos que o impeliu na construção de *Da Divisão do Trabalho Social*. Durkheim opta em seu livro pela “especificação do objeto” por ele selecionado através do seu tratamento sistemático do mesmo a partir de dados relativos à evolução histórica da “diferenciação social” resultante da especialização laboral. Agindo dessa maneira, Durkheim constrói uma ciência positiva que utiliza dados históricos relativos às “funções econômicas” da sociedade para fazer afirmação em relação ao objeto estudado.

A maneira pela qual Durkheim procedia a especificação da “divisão do trabalho” fora resultado de um processo rumo à “ciência da moral e dos costumes” que se confunde com a trajetória intelectual de Durkheim entre 1882 e 1893. O mesmo processo pode ser encarado como a luta incessante, travada por Durkheim, contra o diletantismo e contra a abstração que caracterizaram inúmeros “trabalhos científicos” – tanto em relação à sociedade como em relação ao próprio tema do livro¹⁹². A “Introdução” da tese de Durkheim é um registro da implementação de seu “programa de pesquisa científica”. Esta parte do livro já indica os procedimentos efetuados na elaboração de *Da Divisão do Trabalho Social*, mesmo sem estarem indicados no texto propriamente dito. A necessidade de especificação “divisão do trabalho” é a mesma que fora indicada pelo próprio autor na sua “Lição de 1887”. Naquela ocasião, Durkheim mostrava não apenas seu propósito de construir uma ciência “preocupada em observar a realidade”, mas também sua crítica ao diletantismo que vigia nos estudos das ciências sociais. Nessa mesma lição, Durkheim já bradava contra várias dessas ciências sociais e, em relação à economia política, ainda registrava:

A economia política perdeu, assim, todos os benefícios de seu princípio. Permaneceu uma ciência abstrata e dedutiva, ocupada não em observar a realidade, mas em construir um ideal mais ou menos desejável. (...) Os economistas ainda tinham, portanto, uma idéia bastante justa das sociedades que pudesse verdadeiramente servir de base à ciência social. Pois esta, tomando como ponto de partida uma construção abstrata do espírito, podia muito bem chegar a demonstrar logicamente possibilidades metafísicas, mas não a estabelecer leis. Faltava-lhe uma natureza a observar.¹⁹³

Na mesma “Lição de 1887”, Durkheim ponderava sobre os estudos de Comte:

¹⁹² Alpert (1986).

¹⁹³ Durkheim (1976; p. 52-53).

(...) Auguste Comte contentou-se em passar sumariamente em revista aos principais acontecimentos da história dos povos latino-germânicos, sem ver tudo o que há de estranho em assentar sobre uma base tão estreita uma lei de tal amplitude. O que encorajou Comte a se manter nessa perspectiva foi o estado de imperfeição em que se encontravam em seu tempo as ciências etnológicas e também o pouco interesse que lhe inspiravam essas espécies de estudos. Mas hoje é manifestadamente impossível sustentar que há uma evolução humana, em toda parte idêntica a si mesma, e que todas as sociedades são apenas variedades diversas de um único e mesmo tipo.¹⁹⁴

Segundo Durkheim, o progresso conseguido pela disciplina com a obra de Herbert Spencer é dúbio. Se por um lado, o pesquisador inglês dissocia-se da generalização e promove estudos sobre sociedades específicas, por outro, não atinge um grau satisfatório para a obtenção de resultados científicos, ficando a meio caminho entre a abstração e a proposição de conhecimentos a partir da realidade; nesse sentido e para Durkheim, o autor inglês não consegue atingir parte dos objetivos científicos a que se propõe. A ressalva em relação a Spencer fundamenta-se, segundo Durkheim, na própria incapacidade do "filósofo" inglês em cumprir as determinações que ele mesmo se coloca para a elaboração de seus estudos, uma vez que a ciência spenceriana não atribui aos fatos da realidade social a devida importância científica. Assim, sustenta Durkheim em sua *Lição Inaugural de 1887*, a obra de Spencer, apesar de certo progresso no sentido da especificação disciplinar, apresenta "uma vista panorâmica das sociedades"¹⁹⁵. Nesse mesmo contexto, afirma:

(...) Spencer, assim como Auguste Comte, faz menos obra de "sociologista" que de filósofo. Não se interessa pelos fatos sociais em si mesmos; não os estuda apenas para conhecê-los, mas para verificar, a seu bel-prazer, a grande hipótese que concebeu e que deve explicar tudo. Não se interessa pelos fatos sociais em si mesmos; não os estuda apenas para conhecê-los. Todos os documentos que acumula, todas as verdades especiais que encontra no trajeto são destinados a demonstrar que, como o resto do mundo, as sociedades se desenvolvem em conformidade com a lei da evolução universal.¹⁹⁶

Para Durkheim, a divisão trabalho é um fenômeno geral que ocorre tanto na natureza como na sociedade, sendo que, nesta última, assume uma função moral; ela não só mantém viva a solidariedade social, como é a "própria forma que a última assume na sociedade moderna". Esse tratamento e essa aceção recebidos pela divisão trabalho no estudo associa-a diretamente com a moral, através de uma de suas dimensões, a solidariedade social. Ao desconsiderar esta dimensão e sua relação com a atividade laboral, o tratamento anteriormente recebido pela divisão do trabalho ignora sua principal função, conforme

¹⁹⁴ Durkheim (1976; p. 55).

¹⁹⁵ Durkheim (1978; p. 59).

¹⁹⁶ Durkheim (1978; p. 58).

apontaria Durkheim: a garantia do intercurso entre os atores sociais a partir de prescrições morais anteriores a tais atores e exteriores a qualquer forma que aquele intercurso assumiria.

Ao especificar seu objeto desta maneira, relacionando-o à solidariedade social, Durkheim faz da divisão do trabalho mais um dos objetos de estudo das “ciências positivas da moral”, abrindo para o estudo que realiza em sua tese as mesmas possibilidades indicadas pelo autor na *Lição Inaugural de 1887* e, sobretudo, em *As Ciências Positivas da Moral na Alemanha*. Assim, Durkheim propõe que as “ciências positivas da moral” e, particularmente, a sua sociologia, debruçam-se sobre a “divisão do trabalho social” de uma maneira negligenciada pela filosofia social, pela economia política e pelo direito natural; uma maneira mais específica e que, estudando o sistema de regras jurídicas, chegue à estrutura da sociedade. Foi nesse sentido que Durkheim procedeu a “especificação da divisão do trabalho”, no intuito de torná-la um objeto da sociologia.

Durkheim já deixava claro, no *Prefácio à Primeira Edição*, que o método por ele utilizado justificaria a diferença de *Da Divisão do Trabalho Social* frente a outros estudos sobre o tema na Europa. Nada de juízos preconcebidos sobre seu objeto de estudo, nada de abstrações sobre a sociedade sejam elas jurídicas ou econômicas. Ao contrário, Durkheim busca a especificação científica dos conceitos, a adequação destes aos dados, visando refletir a realidade social estudada. “Para tratar os fatos da vida moral a partir do método das ciências positivas”¹⁹⁷ fora necessário atender as prerrogativas do método sociológico :

(...) Se não nos libertamos desses juízos prontos, é evidente que não poderíamos entrar nas considerações que vão a seguir: a ciência, neste como em outros pontos, supõe uma verdadeira liberdade de espírito. É necessário desfazer-se dessas maneiras de ver e de julgar, que um longo hábito fixo em nós; é necessário submeter-se rigorosamente à disciplina da dúvida metódica. Essa dúvida, aliás, não é perigosa, pois não tem por objeto a realidade moral, que não está em questão, mas sim a explicação que uma reflexão incompetente e mal-informada proporciona desta.

¹⁹⁸

Para o pesquisador francês, a ciência deve se basear em dados e não em juízos *a priori* do que será estudado. Justamente por isso, ele preconiza com sua tese uma análise sociológica que se baseie

(...) em provas autênticas. Julgaremos que os procedimentos que empregamos para dar a nossas demonstrações o máximo rigor possível. Para submeter à ciência uma ordem de fatos, não basta observá-los com cuidado, descrevê-los, classificá-los; mas o que é mais importante, segundo o mote de Descartes, *encontrar o meio pelo qual são científicos*, isto é, descobrir neles algum elemento objetivo que comporte uma determinação exata e, se possível, a medida. Nós nos esforçamos por satisfazer a essa condição da ciência. Ver-se-à, notadamente, como estudamos a solidariedade

¹⁹⁷ Durkheim (1999; XLIII).

¹⁹⁸ Durkheim (1976; XLIX).

social através do sistema de regras jurídicas; como, na busca de causas, afastamos tudo o que se presta em demais aos juízos pessoais e às apreciações subjetivas, a fim de alcançar certos fatos da estrutura social profundos o bastante para serem objetos de entendimento e, por conseguinte, de ciência.¹⁹⁹

Vemos Durkheim preconizar a postura científica que o norteava a partir dos anos da Escola Normal. A explicação científica deve, segundo ele, fundamentar-se em provas autênticas, correspondendo a fatos empíricos. Justamente por isso, Durkheim chama a atenção para os procedimentos metodológicos que utilizara em seu estudo. Fazer isso em relação ao objeto do livro requer sua especificação antes de tudo. Neste *Prefácio à Primeira Edição*, o autor deixa claro que sua investigação tem como objeto “fatos da vida moral”, tratados a partir do método das ciências positivas²⁰⁰. Abrindo seu livro dessa forma, Durkheim frisa qual será a tônica de sua abordagem em contraste com o tratamento que o objeto do livro recebia até então. Indicando os fatos sobre os quais o estudo se deterá, Durkheim afirma que os “fatos morais” são as regras de ação existentes no interior dos grupos sociais, as quais são verificáveis e observáveis. Nota-se, nitidamente, a postura positivista de Durkheim aliando história e fatos morais para o desenvolvimento do estudo, pois o autor sugere que a moral é passível de mudanças verificáveis no tempo. Adiantando as considerações que fará a respeito da evolução social, Durkheim rechaça a idéias de uma moral deduzida a partir de um fim transcendental, ao afirmar que a moral

(...) se desenvolve na história, sob o império de causas históricas, e tem uma função em nossa vida temporal. Se ela é esta ou aquela num momento dado, é porque as condições em que vivem os homens não permitem que ela seja outra, e a prova disso é que ela muda quando essas condições mudam e somente nesse caso. Hoje em dia, não é mais possível crer que a *evolução moral* consista no desenvolvimento de uma idéia que, confusa e indecisa no homem primitivo, vai se tornando pouco a pouco clara e precisa graças ao progresso espontâneo das luzes.²⁰¹

Ao afirmar que a moral “é esta ou aquela num dado momento”, vinculando-a às “condições em que vivem os homens”, Durkheim apresenta a sociologia e as suas divisões, a morfologia social e a fisiologia social. Embora a relação entre, por um lado, a estrutura e as funções sociais, e por outro, a moral não fique clara no trecho acima, é possível deduzi-la em virtude não apenas do que Durkheim apontava em *As ciências positivas da moral na Alemanha*. Lembremos do que se dizia, no capítulo anterior, sobre o durkheimiano Maurice Halbwachs e seu estudo sobre a memória coletiva. Segundo este estudioso, as representações sociais de uma mesma sociedade podem variar no tempo e no espaço, mas essa mesma

¹⁹⁹ Durkheim (1999; XLIX). Grifo do autor.

²⁰⁰ Durkheim (1999; XLIII).

²⁰¹ Durkheim (1999; XLIV).

variação tem suas raízes na própria dinâmica social, nas relações que os indivíduos promovem entre si e nas formas como essas relações acontecem. Tal estudo encontra suas origens no trabalho de Durkheim sobre a divisão do trabalho, cujo método empregado possibilitou a constatação da variação até mesmo de certas crenças e idéias além dos costumes a partir de modificações internas da sociedade, graças ao método utilizado e ao índice especificado para o estudo da solidariedade social, o direito em suas variações.

Justamente por isso, no *Prefácio à Primeira Edição*, Durkheim justifica que a diferença de certas concepções dos romanos em relação às nossas ocorre não devido a uma diferença na forma de pensar, mas sim por causa das diferenças estruturais entre eles e nós, como se vê no trecho a seguir:

(...) Se os antigos romanos não tinham a concepção larga que hoje temos da humanidade; não é por causa de um erro devido à estreiteza da sua inteligência, mas porque semelhantes *idéias eram incompatíveis com a natureza da cidade romana*. Nosso cosmopolitismo também poderia aparecer pouco nela, do mesmo modo que uma planta não pode germinar num solo incapaz de nutri-la e, aliás, não podia ser para ela mais que um princípio de morte. Inversamente, se depois dessa época ele veio a surgir, não foi em consequência de descobertas filosóficas; não é que nossos espíritos se abriram a verdades que os antigos romanos desconheciam, mas sim *que se produziram na estruturas das sociedades certas mudanças que tornaram necessária essa mudança dos costumes*. Portanto, a moral se forma, se transforma, e se mantém por uma série de *razões de ordem experimental*; são apenas essas razões que a ciência da moral procura determinar²⁰².

A constatação da importância do “modo de organização interna da sociedade” é capital para Durkheim. Tomando a estrutura da sociedade como objeto de estudo e determinando a maneira como a ciência observaria e verificaria a organização da sociedade, Durkheim apontava um objeto paupável e verificável para a nova ciência. Essa era a principal distinção da obra de Durkheim aqui analisada em relação aos pesquisadores e estudiosos que lhe antecederam. Pela investigação empírica dessa “organização interna da sociedade” é possível ao cientista saber em que medida as crenças e os costumes vigentes numa sociedade são compatíveis com sua estrutura interna, tal como Durkheim indicara em *O Suicídio*. Em *Da Divisão do Trabalho Social*, a mesma constatação possibilita o emprego pelo autor da “noção de anomia” relativa à última parte do livro, “As Formas Anormais”. É a partir da sua investigação que uma ciência dos costumes pode determinar o grau do “estado de saúde moral”²⁰³ de uma sociedade. Mas, ao mesmo tempo em que investiga a ciência dos costumes, precisa ser capaz de se adequar aos próprios fatos morais, único modo possível, segundo Durkheim, daquela ciência obter dados relativos ao “estado de saúde moral” que lhe interessa

²⁰² Durkheim (1999; XLIV-XLV). Grifos nossos.

²⁰³ Durkheim (1999; XLVI).

investigar. Como vimos no primeiro capítulo, era a organização interna francesa que passava por tribulações à época da formação de David Èmile e, ainda, grupos monarquistas e republicanos dividiam a cena política. Numa sociedade como essa, a quantas andaria sua estrutura interna da sociedade? Não é uma coincidência que, no primeiro capítulo, mostrávamos uma França sufocada por intensa crise política e moral. O estado da sociedade francesa está diretamente vinculado ao estudo da divisão do trabalho; sem grandes restrições, pode-se até mesmo dizer que o “estado moral” daquela sociedade motivara Durkheim ao estudo realizado. É o que veremos logo a seguir, ao analisarmos os dois prefácios e a introdução de *Da Divisão do Trabalho Social*.

A necessidade da determinação do “estado de saúde moral” pela ciência dos costumes, preconizada no *Prefácio à Primeira Edição*, tem suas raízes ligadas à interpretação de Durkheim sobre o estado de sua França. A possibilidade daquela determinação pela mesma ciência responde, no programa de pesquisa científica de Durkheim, à necessidade de tratar a moral com “um conjunto de *atos consumados*” que vão dos costumes ao direito, da forma maleável dos costumes à própria forma codificada da moral, encontrada no direito. Por isso, as regras jurídicas são os principais dados de Durkheim, uma vez que o direito é a forma codificada da solidariedade social. Novamente, é no lugar acima citado que Durkheim expõe o *modus operandi* de seu estudo, o método seguido para o estudo da solidariedade social:

(...) Ver-se-á, notadamente, como estudamos a solidariedade social através de um sistema de regras jurídicas; como na busca das causas, afastamos tudo o que se presta em demasia aos juízos pessoais e às apreciações subjetivas, a fim de *alcançar certos fatos de estrutura social profundos o bastante para serem objetos de entendimento, por conseguinte, da ciência*. Ao mesmo tempo, tornamos uma lei renunciar ao método seguido com demasiada freqüência pelos sociólogos, que, para provar sua tese, contentam-se em citar sem ordem e ao acaso uma quantidade mais ou menos considerável de fatos favoráveis sem se preocupar com os fatos contrários: preocupemo-nos em *instituir verdadeiras experiências, isto é, comparações metódicas*.²⁰⁴

Embora, no *Prefácio à Primeira Edição*, Durkheim trate a contento do método utilizado em seu estudo, uma informação importante passa quase despercebida por ser mencionada rapidamente ao seu final, a questão que originaria o estudo de Durkheim, a “relação indivíduo x sociedade” ou, nas palavras do autor, as “relações entre personalidade individual e solidariedade social”²⁰⁵. Porém, pode-se dizer que neste mesmo prefácio a simples menção desta questão da forma como foi feita tem um resultado quase igual a sua supressão total. Em virtude do peso que tal questão tem para o desenvolvimento do tema da

²⁰⁴ Durkheim (1999; XLIX). Grifos meus.

²⁰⁵ Durkheim (1999; L).

divisão do trabalho, a mesma relação mereceria maior atenção por Durkheim, uma vez que o livro avança bastante antes que o leitor se dê conta realmente do que está sendo tratado pelo estudo em meio ao tratamento de dados históricos e da demonstração das variações sofridas pelos grupos responsáveis pela manutenção da solidariedade social. A forma como Durkheim menciona a mesma relação destacada acima ainda contrasta com a ênfase por ela recebida de Lacroix, autor que se preocupa em demonstrar paulatinamente as variações que o “tema da autoridade” sofre durante a década de 1880 em virtude dos estudos que Durkheim implementa no intuito de responder a “velha questão renaniana” da qual tratávamos ao longo de nossa exposição. Além disso, o “tema da autoridade” não é discutido isoladamente num momento avançado dos estudos de Durkheim, vinculando-se diretamente às possibilidades da ação individual, ou, se preferirmos, ao “tema da liberdade”. Considerando o real tratamento dado ao binômio “autoridade/liberdade” durante o livro, registre-se que a não-especificação da “relação indivíduo x sociedade” poderia ser considerada um erro por parte de Durkheim, erro este que o autor reconhece, em parte, ao admitir a necessidade de um novo prefácio por onde ele rebate certas críticas recebidas pela publicação do livro.

A abertura do livro de Durkheim jamais ficaria completa sem o *Prefácio à Segunda Edição*, uma vez que é nele que Durkheim deixa clara a maneira pela qual tratará a “relação indivíduo x sociedade”, já mencionada. Se a mesma quase ficara ausente no outro prefácio, a especificação dessa relação e a indicação de seu tratamento pelo estudo justificam a existência deste “segundo prefácio”. Em cinquenta páginas aproximadamente, Durkheim apresenta as diretrizes de uma pesquisa orientada por uma “ciência positiva da moral”; ao mesmo tempo em que apresenta os principais elementos analíticos de seu estudo, embora alguns dele sejam indiretamente tratados ao longo do livro – talvez seja por isso que tais elementos nem mesmo sejam identificados neste prefácio por um “leitor desinformado”. A importância deste prefácio é revelada pelo próprio autor, uma vez que ele admite tê-lo redigido em virtude da incompreensão e das críticas levantadas pela primeira edição do livro.

A importância do *Prefácio à Segunda Edição* o faz, inclusive, merecedor de um título, *Algumas observações sobre os agrupamentos profissionais*. Vindo a lume quase quatro anos após a defesa da tese e seguindo a publicação de *O Suicídio*, o *Prefácio à Segunda Edição* revela, antes de tudo, um Durkheim seguro das possibilidades de sua disciplina e com sólidos argumentos a favor dos pontos principais de seu “livro de estréia”. Ao contrário do que acontecia em 1893, a disciplina encontrava-se em franco desenvolvimento, não apenas em função dos livros publicados ou pela atividade docente de Durkheim; mas sim pela sua disseminação na academia francesa. A publicação de *O Suicídio* coincide com a formação do

grupo de *L'Année Sociologique*, o que contribui para a aceitação da disciplina. Além disso, alguns temas indicados pela “tese de 1893” têm desdobramentos em outros trabalhos, como exemplifica o livro de Durkheim que citamos acima que trabalha com desdobramentos do tema da “anomia”.

No *Prefácio à Segunda Edição*, Durkheim deixa claro a existência de um “estado de anomia” na sociedade, o qual motiva a pesquisa realizada. Tal estado está diretamente vinculado às condições morais da sociedade, debilitadas em função da baixa regulamentação oferecida pelos “grupos secundários” que compõem a sociedade²⁰⁶. É justamente ao tocar neste assunto que Durkheim refere-se, especificamente, a “ausência de disciplina econômica”, associando-lhe à diminuição da moralidade pública²⁰⁷.

Nesta mesma parte do livro, pode-se constatar, através das notas textuais, o recurso que fizera Durkheim a importantes historiadores franceses²⁰⁸. Através dessas pesquisas, Durkheim identifica a “função moral das corporações de ofício”, cuja análise é um dos pontos altos do estudo. As corporações de ofício, segundo Durkheim, eram os grupos sociais que reuniam, anteriormente, as condições morais sobre as quais a sociedade se erguera em tempos bastante remotos e que, durante a Idade Média, mantiveram vivas as mesmas condições. Esse fato vai justificar a ampla demonstração da importância moral das corporações por meio da apresentação de dados históricos que remontam à Grécia, à Roma e à Europa Medieval. Esta análise é a própria implementação por Durkheim daquilo que registrara ao comentar as pesquisas das ciências positivas alemãs. Estudando o papel moral das corporações de ofício, Durkheim faz uso de dados históricos para fundamentar a análise da sua sociologia, uma ciência dos costumes que verifica a realidade a partir da observação que reconstrói a maneira como a sociedade se mantinha através dos vínculos construídos a partir dos costumes e da “moral corporativa” impostos pelos grupos profissionais aos seus integrantes.

Analisando a “evolução histórica” das corporações em Roma e na Idade Média, Durkheim investiga os desdobramentos dos costumes, da moral propriamente dita e do direito para justificar a necessidade do ressurgimento dos grupos profissionais a partir dos dados analisados pela sua pesquisa sobre a moral profissional. Nesse contexto, Durkheim dá importância às morais profissional e pública, em virtude do grande avanço que a economia ganhou na sociedade sem a correlativa instauração de uma regulamentação capaz de moldar o

²⁰⁶ “Insistimos várias vezes, ao longo deste livro, sobre o estado de anomia jurídica e moral que se encontra atualmente a vida econômica. De fato, nessa ordem de funções, a moral profissional só existe em estado rudimentar”. Durkheim (1999; VII).

²⁰⁷ Durkheim (1999; IX).

²⁰⁸ Durkheim (1999; p. 01-09).

âmbito econômico das relações sociais. De acordo com Durkheim, o estado moral “anômico” da sociedade seria explicado pela não-correspondência entre as relações de mercado e a moral pública, uma vez os costumes não mais eram suficientes para regulamentar as práticas econômicas vigentes, gerando conseqüências sobre patrões, empregados e público em geral. Em linhas gerais, podemos até perceber neste prefácio a mesma preocupação apresentada pelo autor durante todo o livro.

A moral pública poderia sustentar a sociedade por muito tempo, se essa mesma moral não passasse por algum tipo de reformulação? Para Durkheim, isso não seria possível, uma vez que a própria sociedade corria risco de dissolução. Caso a moral não cumprisse com sua função, não regulamentaria a orientação da ação individual em meio ao intercurso social. Persistindo tal quadro, logicamente o estado moral “anômico”, identificado por Durkheim, evoluiria para algo muito próximo ao “Estado de guerra” mencionado por pensadores dos séculos anteriores que escreveram sobre a sociedade.

Durkheim, então, propõe uma intervenção sobre o “estado moral *negativo*” da sociedade através de uma “ciência *positiva* da moral” através dos dados empíricos relativos a situação existente. Dessa forma, apresenta um estudo sobre as atividades econômicas, uma vez que somente a alteração do “estado moral” destas atividades teria repercussões sobre o estado geral da sociedade. Mas, para entender o sentido dessa proposição intervencionista por Durkheim, temos que entender algumas escolhas feitas pelo autor em relação a sua pesquisa sobre a divisão do trabalho, escolhas que, embora estejam indicadas ao longo do livro e mesmo em seu segundo prefácio, não figuram de maneira suficiente para justificar, não o estudo da divisão do trabalho, mas a forma como ele é apresentado pelo autor. Se este não é o ponto mais obscuro do livro, pelo menos não fora trabalhado da maneira mais específica .

Acreditamos que Durkheim deixara passar despercebido no *Prefácio à Segunda Edição* algo que indicara no *Prefácio à Primeira Edição*, porém que, em nossa opinião, seria extremamente esclarecedor caso figurasse no segundo prefácio da obra, em virtude dos esclarecimentos que poderiam ter sido feitos no contexto deste segundo prefácio. Se o livro de Durkheim trata da “relação indivíduo x sociedade”, é através da investigação da moral corporativa que Durkheim dará cabo do estudo daquela relação, uma que a relação indivíduo x sociedade propriamente dita não ocorre diretamente! Para Durkheim, conforme pode ser constatado pela leitura de *Da Divisão do Trabalho Social*, a sociedade está distante do indivíduo; para este último a existência daquele *ser sui generis* é algo quase imperceptível. E até aqui a perspectiva de Durkheim pouco difere da perspectiva atomista da sociedade. Porém, Durkheim percebe a necessidade de um *agente intermediário* para a realização daquela

relação, uma vez que as postulações morais da opinião pública são muito vagas e fracas para exercerem algum tipo de regulamentação moral sobre o indivíduo. É levando isso em consideração que temos, inclusive, a possibilidade de melhor entender a posição de Durkheim contra a concepção social atomística, como aquela da economia clássica. O estado de anomia vigente nas relações econômicas tratado pelo estudo durkheimiano, repetimos, seria decorrente da impossibilidade da regulamentação das ações individuais pela opinião pública que, dentre as formas assumidas pela moral social - a recordar, opinião pública (costumes), moral propriamente dita e direito -, é a menos consistente e, por isso, com menor poder de regulamentação sobre a ação individual.

Justamente por isso, em meio às relações furtivas e momentâneas ensejadas pelo mercado, prevaleceriam os apetites e os interesses individuais, caso os envolvidos ficassem abandonados a si mesmos. Esta é a possibilidade contestada pelo livro, embora o *Prefácio à Segunda Edição* admita que o estado moral anômico existente à época aproximava-se daquela possibilidade, que poderia levar à desagregação social completa. Uma ciência positiva da moral preocupar-se-ia em entender as condições desse estado de desagregação a partir dos fatos morais que lhe tornavam possível. Seu objetivo seria indagar o motivo pelo qual a sociedade enfrentaria dificuldades para patrocinar “relações constantes e benéficas” entre os indivíduos: constantes, porque deveriam ser freqüentes e, ao mesmo tempo, porque deveriam se dar sempre pelos mesmos moldes, ao invés de apresentarem variações a cada vez que os indivíduos que se colocassem em relação; benéficas, porque, como vimos, para a ética proposta por Durkheim, o bem seria um valor empírico associado não apenas à existência da sociedade, mas também à *moral nela vigente num dado momento de sua existência*.

E para conhecer tal bem, a ética usaria o método positivo para conhecer e entender os valores sociais relativos a um momento histórico. Se a relação entre sociedade e indivíduo é uma relação indireta, permeada por “grupos sociais secundários” realmente responsáveis pela agregação dos indivíduos e pela disseminação entre eles dos valores existentes no interior dos mesmos grupos, é pelo estudo desses mesmos “grupos secundários” que uma ciência positiva da moral deveria se interessar. E, se, através de um estudo empírico e baseado em dados históricos, a mesma ciência procurasse entender o processo social pelo qual ocorre a divisão do trabalho, os grupos profissionais e a moral a eles relativa tornar-se-iam seu objeto de estudo.

Com a compreensão do funcionamento dos grupos profissionais e das alterações pelas quais passaram, seria possível indicar as modificações necessárias ao “bom funcionamento” da sociedade; mas também estaria em tela a própria “relação entre sociedade

e indivíduo”, indicada no *Prefácio à Primeira Edição*. Com o trecho a seguir, retirado do *Prefácio à Segunda Edição*, subtede-se o que foi posto aqui e no parágrafo anterior:

(...) Enfim, não só os sindicatos dos patrões e os sindicatos dos empregados são distintos uns dos outros, *o que é legítimo e necessário*, como não há entre eles contatos regulares. Não existe organização comum que os aproxime sem fazê-los perder sua individualidade e na qual possam elaborar em comum uma regulamentação que, estabelecendo suas relações mútuas, imponha-se a ambas as partes com a mesma autoridade; por conseguinte, é a lei do mais forte que resolve os conflitos, e o estado de guerra subsiste por inteiro. Salvo, no caso de seus atos pertencentes à esfera da moral comum, patrões e empregados estão, uns em relação aos outros, na mesma situação de dois Estados autônomos, mas de força desigual. Eles podem, como fazem os povos por intermédios de seus governos, firmar entre si contratos, mas esses contratos exprimem apenas o respectivo estado das forças econômicas em presença, do mesmo modo que os tratados que dois beligerantes firmam exprimem tão somente o respectivo estado de suas forças militares. Eles consagram um estado de fato e não poderiam fazer deste um estado de direito.

Para que uma moral e um direito profissionais possam se estabelecer nas diferentes profissões econômicas, é necessário, pois, que a corporação, em vez de permanecer um agregado confuso e sem unidade, se torne, ou antes, volte a ser, um grupo definido, organizado, numa palavra, uma instituição pública.²⁰⁹

Se *Da Divisão do Trabalho Social* tem como objeto a “relação entre sociedade e indivíduo”, o tratamento recebido pela moral e pelo direito profissionais deve responder, de alguma maneira, pela a relação supracitada; do contrário, por que Durkheim mencionaria aquela mesma relação na parte introdutória do estudo? É justamente pela intermediação dos grupos profissionais que o indivíduo relaciona-se com a sociedade, uma vez que a partir deles recebe o “aparato prescritivo” para suas ações. O grupo, como fonte de “vida moral”, levaria ao indivíduo os valores pelos quais ele pautaria suas ações; caso o indivíduo agisse de maneira auto-orientada, o mesmo seria alvo de algum tipo de coerção, responsável pela reorientação de seus atos; de pena, para que expiasse a falta cometida; ou seria obrigado a restituir o estado de coisas perturbado por sua ação. Ao detectar uma situação de anomia, originada pela baixa regulamentação da atividade econômica na sociedade, exercida diretamente pelos indivíduos isolados, Durkheim demonstra que estes últimos têm se orientado por valores individualistas, os quais impossibilitam ou dificultam a consecução dos fins predcados pela sociedade. Esta é a chave para o entendimento da anomia, tal como proposta na “tese de 1893”.

Existe um estado moral abalado em virtude da baixa regulamentação da ação individual por parte da sociedade. Para Durkheim, tal situação é explicada pela extinção das corporações profissionais na França. Eram tais corporações responsáveis pela regulamentação da atividade produtiva. Enquanto as corporações existiram, os indivíduos, mesmo que se

²⁰⁹ Durkheim (1999; XII). Grifo do autor.

relacionassem diretamente no mercado, pautariam-se por prescrições morais impostas pelos grupos profissionais, as quais seriam acatadas pelos indivíduos por se basearem em valores existentes no interior do próprio grupo do qual faziam parte. Em virtude disso, pode-se dizer que a autoridade dos grupos sociais se fundamenta em suas próprias crenças²¹⁰. Em meio aos desdobramentos da questão renaniana, Durkheim defronta-se com a noção de autoridade e busca perceber como tal noção poderia ser encaminhada em relação ao estudo da divisão do trabalho.

Em razão dos desdobramentos ocorridos em seus estudos, Durkheim vincula a noção de autoridade à própria existência da sociedade. Nesse sentido, a autoridade ganha nova roupagem em virtude das conclusões que Durkheim retira dos seus estudos sobre as ciências positivas da moral alemãs. Isso acontece, porque a análise da moral e o estudo sobre a influência dos grupos sociais sobre os indivíduos indicam a Durkheim que o problema da coesão social não estará resolvido nem a nível da sociedade e muito menos pelo indivíduo. A relação entre estes dois elementos importantíssimos para a análise social somente é possível pela introdução da moral no interior desta relação.

A moral, por sua vez, é um produto da convivência humana nos seios de grupos. O fim da moral é eliminar a competição entre os homens, ao mesmo tempo que promove a existência entre eles. A existência conjunta entre os homens promove o surgimento de significados e de valores relativos ao próprio grupo assim formado, os quais passam a aglutinar os componentes do mesmo, fundamentando suas ações. São essas "crenças fundamentais" a própria vida do grupo. Mas não se deve pensar que os grupos têm vida biológica tal como seus integrantes. Ao contrário dos indivíduos, os grupos sociais têm "vida moral" rica em sentidos e em significados a partir dos quais a moral grupal ganha força. Tais crenças têm origem psicológica, sua psicologia é a psicologia social, diferente e dissociada da psicologia individual, embora também exista em cada um dos indivíduos. Submetida a leis próprias, tal psicologia social corresponde à vida moral dos grupos, correspondendo às representações coletivas e à autoridade que estas últimas ganham no interior do grupo.

Em certo sentido, *Da Divisão do Trabalho Social* é um estudo a cerca da relação entre as representações coletivas e sua autoridade, sem que se desconsidere, é claro, os elementos morfológicos da sociedade. Nesse sentido, vale perceber que o valor atribuído pelo grupo às suas "crenças fundamentais" é o verdadeiro responsável pela orientação dos indivíduos em suas relações sociais. E, quando referimo-nos a esta orientação, devemos saber

²¹⁰ Durkheim (1999); Lacroix (1984).

que a mesma leva em conta as prescrições morais do grupo, das menos sistematizadas às mais regulamentadas²¹¹ - partindo dos costumes, passando pela moral propriamente dita e chegando ao direito, conforme o caso.²¹²

Não é por outro motivo que o direito e a moral profissionais ganham destaque na “tese de 1893”. Por ela, Durkheim sugere a reorientação social capaz de redefinir as bases morais da sociedade industrial, reorientação esta que também se vincula à volta das corporações de ofício ao mundo do trabalho. Estas corporações, historicamente capazes de vincular os homens à valores morais, trariam as prescrições necessárias à regulamentação do mercado. As ações individuais seriam regulamentadas a partir de uma nova estrutura que se colocaria para a realização da função econômica das sociedades industriais. Não se deve esquecer, porém, que esta nova estrutura seria colocada a partir das indicações de uma ciência positiva que, por uma questão de método, levaria em conta as características morfológicas e fisiológicas da realidade social investigada empiricamente. Em linhas gerais, pode-se dizer que o “livro de estréia” de Durkheim sugere um “novo sentido” para a sociedade industrial, um sentido que, uma vez vivenciado, revigoraria a vida moral daquela sociedade a partir de valores grupais.

Sem dúvida, o autor trata das corporações profissionais e de sua ascendência sobre os indivíduos, e fazendo isso ele acaba por propor uma sociedade organizada a partir do “mundo do trabalho”, via corporações. Sobre este ponto, Durkheim argumenta que o sistema de corporações seria uma necessidade social em virtude das dimensões do mercado, da estrutura e da importância que o mesmo ganhara a partir de seu desenvolvimento. A chave para o entendimento da relação “sociedade x indivíduo” está na função que este sistema de corporações ganharia. Tal sistema, mais do que um sistema de profissões, seriam um sistema de “morais complementadas e complementáveis”, uma nova estrutura relativa às necessidades sociais da era industrial. Sua finalidade, a implementação e a manutenção de uma rede de “vida moral” pela qual a *função econômica* na sociedade seria implementada e garantida, sempre em “solidariedade” com as demais funções sociais, já que, para o funcionamento de cada uma delas, também haveria uma moral correspondente que, embora distinta e diferente das outras, compartilharia com as demais a mesma finalidade, a manutenção da “vida social”.

²¹¹ Durkheim (1999).

²¹² Durkheim (2003).

Conclusão

Apresentamos um estudo que se debruçou sobre a elaboração e os sentidos relativos a um dos livros mais conhecidos pelos cientistas sociais. Ao seu final, acreditamos que o mesmo livro não pode ser lido por si mesmo. Ao contrário, *Da Divisão do Trabalho Social* não apenas liga-se à vida intelectual e ao projeto científico de seu autor como é o primeiro exemplo da marcha de Durkheim em direção à disciplina que conhecemos como Sociologia. Ao contrário do que pensamos hoje, o esforço de Durkheim não ocorrera sobre bases sólidas. Resultado de todo um percurso científico, o livro em questão não apenas justifica tal empreendimento como deve ser contraposto a ele, para que seus significados venham à tona. Nesse sentido, procedemos demonstrações de elementos que consideramos importantes para uma “leitura significativa”.

Nossa intenção foi trazer elementos para o entendimento do processo de criação da obra aqui discutida e não do que é tratado por ela. Por isso, ao invés de tocarmos nos pontos considerados importantes para a teoria da divisão do trabalho, como a distinção entre os tipos de solidariedade, a evolução histórica dos grupos funcionais e do seu respectivo papel ao longo da mesma evolução, a ascendência da sociedade sobre o indivíduo, preferimos tratar do sentido que orientou Durkheim a tocar em cada um desses pontos. Fizemos isso por constatar em meio à nossa pesquisa que vários dos pontos relevantes do livro estavam em suas entrelinhas.

Verificamos através de nossa pesquisa que *Da Divisão do Trabalho Social* é uma aula de “ciência positiva da moral”. Porém não foi fácil entender o significado da expressão que acabamos de destacar. Em virtude dessa dificuldade, fomos obrigados a reconstruir um contexto histórico e científico ao longo do presente estudo, para que perguntas importantes fossem feitas e respondidas em sua última parte. “Qual o sentido da sociologia de Durkheim?”, “O que é um estudo de ética e de sociologia da moral?” são perguntas que só fazem sentido diante da envergadura científica da proposta de Durkheim.

Não nos preocupamos com as inúmeras análises do livro de Durkheim, tentamos reconstruir o sentido da obra, aquilo que o autor nos diria caso pudesse nos falar sobre ela. Se Durkheim pudesse vir até nós e ter idéia das repercussões da disciplina que ajudou a forjar, será que ele se preocuparia com os dados de seu livro ou preferiria comentar por qual motivo fizera o estudo e o que propunha com ele? Chegamos a essa pergunta em meio a nossa pesquisa. Aqui está nossa resposta. Longe de nós discordarmos da importância da teoria da divisão do trabalho, passamos por ela em nossa investigação e conhecemos alguns

comentários a respeito, mas não voltamos a ela intencionalmente. Afirmamos que, em virtude do que já fora feito, nossa contribuição seria insignificante e despropositada.

Tentamos jogar luzes sobre o sentido e o papel da moral na sociologia de Durkheim. Para ele, Sociologia é sinônimo de moral positiva. Julgamos que esse sentido já traz novo alento para o livro citado. Se *Da Divisão do Trabalho Social* fosse uma máquina, acabaríamos de mostrar algumas suas engrenagens. Como é frustrante desconhecer o funcionamento de uma máquina importante para nós. Ironicamente, sabemos o sentido do termo “função” na obra citada. Por que não buscar a função de *Da Divisão do Trabalho Social* no programa de pesquisa científica de Durkheim? Tal esforço traz consigo as imagens de um Durkheim e de um livro que geralmente não são apresentadas aos estudantes, o que dificulta a compreensão do autor e da obra supracitada.

Do que fora investigado, posto e demonstrado sobre o referido livro do mestre francês, temos menos a concluir do que a sugerir. Nosso trabalho sugere um Durkheim a se redescobrir, a se investigar com novos sentidos, ou, talvez fosse melhor dizer assim, com os sentidos que se perderam. Concluimos que ler e estudar *Da Divisão do Trabalho Social* não é tarefa fácil.

O livro de Durkheim apresenta dois sentidos, como vimos um, original, relativo à obra em si mesma e à forma como trata seu objeto, e outro, originário, relativo à sociologia de Durkheim, pelo qual o autor procede a “positivação da sociedade” tal como proposto pelos pesquisadores alemães. Ao abrir mão de qualquer um desses sentidos durante a leitura de *Da Divisão do Trabalho Social*, corremos o risco de corromper o próprio livro, prejudicando sua compreensão.

Referências Bibliográficas

- ALPERT, Harry. Durkheim. Cidade do México: Fondo de Cultura Econômica; 1986, 2ª ed.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Sobre o Pensamento Antropológico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. 2ª ed.
- CUIN, Charles-Henry & GRESLE, François. História da Sociologia. São Paulo: Ensaio, 1994.
- DOMINGUES, Ivan. Epistemologia das Ciências Humanas – Tomo I: Positivismo e Hermenêutica – Durkheim e Weber. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- DURKHEIM, Èmile. Aula Inaugural; *IN*: CASTRO, Ana Maria de & DIAS, Edmundo F.; Introdução ao Pensamento Sociológico, 4ª ed; Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1976.
- DURKHEIM, Èmile. Da Divisão do Trabalho Social; São Paulo: Martins Fontes; 1999; 2ª ed.
- DURKHEIM, Èmile. Lições de Sociologia; São Paulo: Martins Fontes; 2002.
- DURKHEIM, Èmile. As Regras do Método Sociológico; São Paulo: Martin Claret, 2002.
- DURKHEIM, Èmile. As Formas Elementares da Vida Religiosa; São Paulo: Martins Fontes; 2003.
- DURKHEIM, Èmile. Ética e Sociologia da Moral; São Paulo: Landy Editora, 2003.
- DURKHEIM, Èmile. O Suicídio; São Paulo: Martin Claret, 2005.
- GALLIANO, Eduardo. Introdução à Sociologia; São Paulo: Harbra, 1981.
- GIANNOTTI, José Arthur. A Sociedade como Técnica da Razão. Estudos Cebrap 1975. p. 49-98.
- LACROIX, Bernard. Durkheim y lo Político. Cidade do México: Fondo de Cultura Econômica, 1984.
- LALLEMENT, Michel. História das Idéias Sociológicas, 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. La Sociologia Francesa *IN*: GURVITCH, Georges & MOORE, Wilbert E.. Sociologia del Siglo XX. Buenos Aires: El Ateneo Editorial, 1956.
- MAGALHÃES, Aloísio Fábio. A Sociologia de Durkheim e a Problemática do Indivíduo. Belo Horizonte: UFMG; Dissertação de mestrado, 2003; [Mimeo].
- MARTINS, Carlos Brandão. O que é Sociologia?. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ORTIZ, Renato. Durkheim: Arquiteto e herói fundador. *IN* : Revista Brasileira de Ciências Sociais; 1989; nº 11, vol. 4. p. 23-33.
- PARSONS, Talcott. La Estructura de la Accion Social; Madrid: Ediciones Gaudarrama, 1968.

QUINTANEIRO, Tânia & MONTEIRO DE OLIVEIRA, Márcia Gardênia. Labirintos Simétricos: Introdução à Sociologia de Talcott Parsons. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

REIS, Elisa; Reflexões sobre o Homo sociologicus *IN*: Revista Brasileira de Ciências Sociais; 1989; n° 11, vol. 4. p. 23-33.

TIRYAKIAN, Edward. Émile Durkheim *IN*: BOTTOMORE, Tom & NISBET, Robert (Org). História da Análise Sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Editores;1980; p. 291-316.

VARGAS, Eduardo Vianna. A Microsociologia de Gabriel Tarde *IN*: Revista Brasileira de Ciências Sociais; 1995. N°27, ano 10.

VARGAS, Eduardo Vianna. Antes Tarde do que Nunca: Gabriel Tarde e a Emergência das Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

A n e x o I

David Èmile Durkheim : Vida e Obra

David Émile Durkheim: Vida e Obra	
1852/70	Período histórico relativo ao <i>Segundo Império</i> Francês.
1856	Nasce David Émile Durkheim, em Epinal, França.
Anos 1870	Influência tradicionalista sobre círculos políticos e intelectuais franceses.
1870/71	Guerra Franco-alemã
1871	Unificação da Alemanha.
1871	Assinatura do Tratado de Frankfurt.
1871	Comuna de Paris.
1873	Consolidação da Terceira República na França.
1873/96	Grande Depressão: primeira crise do capitalismo mundial.
1875/85	Série de conflitos internos na França (com reforma intelectual e moral). Fase inicial da Terceira República.
1876/79	Preparação pessoal de Durkheim para ingresso na para Escola Normal Superior de Paris
1877	Alfred Espinas defende sua tese doutoral: “Das Sociedades Animais”
1877	Alfred Espinas é eleito deão da Faculdade de Letras de Bordeaux.
1878	Émile Durkheim opta pela docência.
1879	Ingresso de Durkheim à Escola Normal de Paris.
Anos 1880	Republicanos liberais tomam a cena política francesa.
1880/82	Durkheim faz suas primeiras leituras de Comte.
1881	Dificuldades econômicas na França.
1882	Fim do curso superior de Durkheim. Saída da Escola Normal Superior.
1882	Durkheim decide consagrar suas energias ao estudo científico dos fenômenos sociais devido a sua insatisfação diante do estado das disciplinas filosóficas. Esta mesma decisão também visa contribuir para consolidação moral da Terceira República.
1882	Durkheim toma para si a pergunta de Renan: “Que é uma Nação?”.
1883/87	Período de estudos que culminarão na elaboração da tese de Durkheim.
1882/83	Início da investigação sobre as relações do indivíduo e da sociedade.
1883	Durkheim realiza estudos sobre os economistas alemães.
1883	Durkheim inicia suas atividades docentes
1883	Durkheim decide dedicar-se à Ciência Social.
1883	Inicia-se a reflexão política de Durkheim.
1884	Durkheim verifica que a solução da “pergunta de Renan” pertencia uma nova “ciência da moral”, similar às ciências do Estado.
1884	Primeiro “plano provisório” de escritura de <i>Da Divisão do Trabalho Social</i> . Durkheim já tem como foco as “relações entre indivíduo e sociedade”.
1885/90	Neste período, Durkheim aprofunda seus estudos políticos.
1885	Os estudos de Durkheim guiam-se pela obsessão pelo tema da “unidade nacional”.
1886	Durkheim colabora com <i>Revue Philosophique</i> , publicando seus estudos sobre as ciências sociais alemãs.

David Émile Durkheim: Vida e Obra	
1885	Durkheim faz estudos sobre o “organicismo” e recebe influência do alemão Albert Schäffle (conceito de solidariedade social), do inglês Herbert Spencer e do Francês Alfred Espinas (conceito de consciência coletiva).
1885	O resultado das eleições de Outubro contribui para a consolidação da Terceira República na França.
1885	Durkheim investiga o problema da unidade nacional
1885	Essa investigação visa formular métodos científicos para oferecer bases para reconstrução moral da Terceira República.
1885	Seus estudos de Durkheim levam-no a desenvolver a relação “autoridade-nação”.
1885	Durkheim continua seus estudos em Paris.
1885/86	Objetivos da excursão à Alemanha: <ul style="list-style-type: none"> • Investigar os métodos e os conteúdos do ensino de filosofia oferecido pelas faculdades alemãs. • Estudar o estado das ciências sociais na Alemanha, especialmente a ciência da moral.
1885/86	Em continuidade a seus planos, Durkheim lê vários autores, como Gumplowicz, Spencer, Régnaud, Coste, De Greef e Ribot.
1885/86	Durkheim licencia-se da docência em função da continuidade dos estudos.
1885/86	Leituras incansáveis e resenhas em função da relação autoridade-nação, publicadas em <i>Revue Philosophique</i> .
1885-1890	Produção durkheiminiana totaliza, neste período, 12 resenhas comentando o objetivo e o papel do Estado: <ul style="list-style-type: none"> • 04 resenhas sobre o socialismo; • 08 resenhas sobre a natureza ou finalidade do Estado; • 12 resenhas sobre a questão política e a questão social.
1886	A pergunta de Renan – “O que é uma nação?” - conduz Durkheim ao estudo do socialismo de cátedra. Esse estudo de um ramo específico do pensamento social alemão leva Durkheim a novas perguntas, a uma correção de trajetória. Os desdobramentos teóricos em virtude da leitura de autores socialistas, sobretudo Schäffle, conduziram Durkheim a uma reformulação da questão da nação.
1886	Temas da primeira redação de <i>Da Divisão do Trabalho Social</i> : <ul style="list-style-type: none"> • Teoria da Evolução Social; • Teoria da Solidariedade.
1886	Em função de suas pesquisas, Durkheim conclui que Estado não detém um tipo específico de autoridade.

David Émile Durkheim: Vida e Obra	
1886/87	Durkheim chega a conjecturas a respeito da solidariedade social e da natureza dos vínculos sociais já em função da ciência da moral. O programa de trabalho da sociologia toma forma, pela comparação dos vínculos sociais das sociedades antigas e atuais. As formas de “sociabilidade” tornam-se objeto sociológico.
1887	Cristalização do projeto desvia a meditação de Durkheim sobre a questão da natureza da nação, sugerida por Renan. Uma leitura atenta dos textos de 1886/90 revela uma tripla reorientação: <ul style="list-style-type: none"> • o Estado se vê despojado dos atributos de poder soberano e relegado ao papel de eco debilitado de uma sociedade cuja coação experimenta, longe de dá-la impulso motor. • A interrogação sobre a índole da autoridade desaparece em benefício de uma reflexão mais geral sobre a especificidade da “obrigação social”; • A sociedade passa a ser concebida como um “sistema solidário”.
1887	Teoria da “obrigação social” indica as direções da análise da autoridade. Durkheim delimita o objeto da sociologia. Através do estudo dos vínculos sociais, a sociologia será uma “disciplina auxiliar” da moral.
1887	Durkheim chega ao conceito de “solidariedade social” em função dos seus estudos sobre moral social, cujo objetivo é salvaguardar os interesses coletivos. Tais estudos darão início às suas pesquisas sociológicas ainda como desdobramento da pergunta de Renan. - “O que é uma nação?”.
1887	Durkheim publica uma série de resenhas, como resultado dos estudos sobre o “ensino de filosofia” alemão e sobre a contribuição alemã para a ciência positiva da moral. As resenhas, publicadas na <i>Revue Philosophique</i> , tomam partido de Schäffle para reivindicar a primazia da totalidade sobre as partes e, portanto, da sociedade sobre o indivíduo. Por estas mesmas resenhas, Durkheim expressa sua hostilidade e sua discórdia em relação às concepções sociais de Rousseau, dos economistas e dos teóricos do direito natural (jusnaturalismo); assim como ataca o individualismo abstrato desses “metafísicos”.
1887	Durkheim torna-se professor em Bordéus, substituindo Alfred Espinas, via mediação de Louis Liard. Este ainda sugere a criação do curso de Ciência Social naquela universidade.
1887	<u>Aula Inaugural de 1887</u> Os vínculos que unem os homens entre si são, para Durkheim, o “problema inaugural da sociologia”. Pela primeira vez, a moral aparece como objeto da nova ciência. Durkheim, finalmente, tem o esboço de seu sistema teórico.
1888	Durkheim publica notas relativas ao suicídio e à natalidade.

David Émile Durkheim: Vida e Obra	
1892	Durkheim apresenta “tese complementar” sobre Montesquieu.
1893	Durkheim defende sua tese doutoral: <i>Da Divisão do Trabalho Social</i> .
1893	Publicação da definição de socialismo.
1895	Publicação de <i>As Regras do Método Sociológico</i> .
1895	Publicação na <i>Revue de Metaphysique et de Morale</i> de um anuário sociológico, esforço que daria origem a <i>L'Année Sociologique</i> três anos mais tarde.
1895	Reorientação teórica de Durkheim em virtude dos estudos sobre religião.
1895	Durkheim oferece curso sobre religião.
1895/96	Durkheim oferece curso sobre Socialismo em Bordeaux.
1896	Cria-se em Bordeaux a cadeira de Ciência Social.
1897	Publicação de “O Suicídio”.
1897	Inicia-se preparação do primeiro número de <i>L'Année Sociologique</i> .
1898	Durkheim participa ativamente no “Caso Dreyfus”, defendendo os direitos individuais.
1898	Publicação do primeiro número de <i>L'Année Sociologique</i> .
1898	Durkheim publica artigo sobre representações individuais e coletivas na <i>Revue de Metaphysique et de Morale</i> .
1899	Durkheim publica “noção preliminar de fato religioso”.
1901	Publicação do artigo <i>Das Leis de Evolução Penal</i> no <i>L'Année Sociologique</i> .
1901	Reedição de <i>As Regras do Método Sociológico</i> com um segundo prefácio, rebatendo críticas anteriores.
1902	Durkheim substitui Buisson na Universidade de Paris.
1902	Durkheim publica um ensaio sobre totemismo.
1903	Durkheim e Mauss publicam <i>Algumas Formas Primitivas de Classificação</i> .
1903	Durkheim e Fauconnet publicam <i>Sociologia e Ciências Sociais</i> .
1906	Novamente, Durkheim substitui Buisson na cadeira de ciência da Educação.
1906	Publicação do artigo <i>Determinação do Fato Moral</i> .
1909	Publicação do artigo <i>Sociologia Religiosa e Teoria do Conhecimento</i> .
1909	Publicação do artigo sobre Sociologismo.
1909	Publicação parcial, em forma de artigo, de <i>As Formas Elementares a Vida Religiosa</i> .
1912	Durkheim publica, na íntegra, <i>As Formas Elementares da Vida Religiosa</i> .
1913	Publicação do artigo <i>O problema religioso e a dualidade humana</i> . A cadeira de Educação, ocupada por Durkheim, passa chamar-se “Ciência da Educação e Sociologia”.
1914	Durkheim continua estudos de religião, iniciados com artigo publicado no ano anterior.

David Èmile Durkheim: Vida e Obra	
1915	Durkheim interrompe, momentaneamente, suas atividades em luto ocasionado pelo desaparecimento de seu filho, André Durkheim, em combates da 1ª Guerra Mundial. Conforme biógrafos de Durkheim, tal desaparecimento daria origem à depressão que contribui para a sensível redução do ritmo de trabalho de Èmile Durkheim. O desaparecimento de André Durkheim, promissor lingüista e destacado discípulo do próprio pai, também altera os rumos do grupo de pesquisa associado a <i>L'Année Sociologique</i> , reservando o papel de “herdeiro intelectual” de Durkheim a seu sobrinho, o antropólogo Marcel Mauss.
1917	Já com saúde debilitada, Durkheim inicia os “escritos inacabados” sobre moral. David Èmile Durkheim falece em 10 de novembro, aos 59 anos.